



Elise Cardoso

A Logística Militar na Cronística Portuguesa de Quatrocentos

Dissertação de Mestrado em História Militar, orientada pelo Doutor João Gouveia Monteiro, apresentada ao Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

2015

Faculdade de Letras

A Logística Militar na Cronística Portuguesa de Quatrocentos

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	Dissertação de Mestrado
Título	A Logística Militar na Cronística Portuguesa de Quatrocentos
Autor/a	Elise Cardoso
Orientador/a	Doutor João Gouveia Monteiro
Júri	Presidente: Doutora Maria Alegria Vogais: 1. Doutor Luís Miguel Duarte 2. Doutor João Gouveia Monteiro
Identificação do Curso	2º Ciclo em História
Área científica	História
Especialidade/Ramo	História Militar
Data da defesa	29-10-2015
Classificação	17 valores



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

ÍNDICE

Resumo	4
Abstract	5
Palavras-Chave/ <i>Keywords</i>	6
Abreviaturas	7
Agradecimentos	8
Introdução	9
Contextualização Histórica	12
1. A Caminho da Guerra	19
1.1 A Cadeia de Comando	19
1.2 A Coluna de Marcha	26
1.3 Os Armazéns de Armas	40
1.4 Os uniformes/librés	44
2. Como matar a fome a um exército em marcha?	47
3. Onde dormem os guerreiros?	58
4. O transporte de materiais e as passagens ingratas	68
Conclusão	78
Bibliografia	81
Cronologia	84
Apêndice Documental	86

Resumo

A logística militar medieval é um tema pouco explorado, mas que possui grande importância. Sem a logística, sem toda aquela máquina que funciona por detrás de uma expedição, a hoste nunca poderia atingir o seu objetivo, nunca poderia chegar ao local de uma batalha, ou sequer montar cerco a uma cidade fortificada. Por detrás de qualquer empreendimento militar existe a logística, algo que não se vê mas sem o qual a campanha não poderia funcionar. Reconhecemo-lo na necessidade de abastecimento dos exércitos medievais, na coluna de marcha, na organização e localização do acampamento, bem como no transporte de todos os materiais necessários à guerra e à sobrevivência dos homens de armas. Para uma expedição se realizar, os homens necessitam de ser alimentados; a coluna de marcha necessita de ser organizada e conduzida de modo a não encontrar emboscadas ou a perder-se pelo caminho; o acampamento tem de ser devidamente organizado, vigiado, instalado onde haja água, lenha e erva; as passagens de rios, sempre complicadas para os exércitos medievais carregados com todas as suas forragens, implicavam que também nestes momentos houvesse um elevado nível de organização. Através das crónicas iremos observar como a logística funcionava no mundo militar português de Quatrocentos.

Abstract

The medieval military logistics is a subject barely explored, but with a lot of potencial. Without logistics, without this machine that moves behind an expedition, an army would never be able to achieve its purpose, and will not even reach the battlefield or manage to put siege to a castle. Logistics stays behind any military endeavor, it's something invisible but without its contribution no expedition will reach success. We confirm it when we observe the supplies that are needed by a medieval army, or the march column, or the organization and location of a camp, as well as the transport of all the materials required to make war and to assure the survival of the soldiers. In order to realize a sucessfull expedition, the men needed to be feeded; the march column needed to be organized and safely oriented, to prevent ambush and to avoid getting lost; the camp had to be organized, secured, well situated with water, wood and grass around the vicinity; river's passages, which were always dangerous for the medieval armies (carried with all their supplies), also implied a high level of organization. Thanks to the medieval chronicles, we will study how logistics works in the Portuguese military world by the XVth century.

Palavras-chave

Guerra medieval; Logística; Coluna de Marcha; Abastecimentos; Acampamento.

Keywords

Medieval Warfare; Logistics; March Column; Supplies; Camp.

Chave das abreviaturas

CDF - *Crónica de D. Fernando*

CDJ – *Crónica de D. João I*

CTC – *Crónica da Tomada de Ceuta*

CCDPM – *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses*

CDC – *Crónica do Condestabre de Portugal*

Agradecimentos

Começo por dizer que tive grande prazer com a escrita desta dissertação e com tudo o que, graças a ela, pude aprender. Permitiu-me entrar em contacto com as crónicas, que nunca tinha lido anteriormente e das quais gostei muito. Houve, é claro, momentos bastante difíceis, mas que foram ultrapassados com a ajuda de todos aqueles a quem desejo aqui agradecer. O concluir desta dissertação representa o cumprimento de um sonho, é um objetivo tornado realidade e o fim de uma etapa.

Por tudo isto, devo agradecer em primeiro lugar aos meus pais, que tornaram este sonho possível e que me permitiram desde o início seguir a minha vocação, que era cursar História, apoiando-me na minha decisão. Agradeço-lhes igualmente por me terem permitido frequentar o maravilhoso Curso de Mestrado que deu origem a esta dissertação que aqui apresento. Agradeço igualmente à minha irmã Cassandra, pelas visitas a Lisboa e pelo seu apoio aquando da leitura das crónicas.

Devo igualmente um grande obrigado ao meu namorado, o Eduardo, que sempre esteve presente nos períodos mais difíceis, quando parecia que eu não iria conseguir chegar ao fim. Obrigado por toda a força transmitida e pelas correções de última hora, sempre importantes.

Agradeço também à minha grande amiga, Filipa Almeida, por todo o seu apoio ao longo deste ano, apesar da distância; pelas longas horas passadas ao telefone e pelas correções que ocasionalmente me pôde fazer. Agradeço a todos os colegas da primeira edição do Mestrado em História Militar, que sempre estiveram presentes quando foi necessário.

E, por fim, agradeço à pessoa sem a qual esta tese nunca teria existido, sem a qual eu nunca teria participado neste excelente Mestrado, o meu orientador, o Professor Doutor João Gouveia Monteiro, por quem tenho uma grande admiração. Obrigado por sempre ter estado presente, pela sua dedicada orientação e pelos seus conselhos. E, sobretudo, obrigado por ter aceitado ser o meu orientador e por me ter auxiliado ao longo deste ano.

Muito obrigado a todos.

Introdução

A logística militar caracteriza-se por ser tudo aquilo que existe por detrás da organização de uma expedição, isto é, que engloba toda uma preparação infraestrutural que irá permitir a realização de uma campanha. No fundo, é aquilo que permite a uma hoste chegar ao seu destino em boas condições físicas, anímicas e operacionais. Por esse motivo, e por se conhecer ainda tão pouco acerca dele, decidi abraçar este tema, que raramente tem merecido a atenção dos historiadores. A logística militar suscita diversas questões a que tentaremos responder ao longo desta dissertação. O seu estudo permite-nos perceber como é que, de facto, funcionava uma hoste medieval portuguesa, o que é deveras interessante.

Como se organiza a coluna de marcha? O que comem os homens de armas e onde arranjam a comida que os sustenta? Onde dormem? Onde vão buscar o seu armamento e como é transportado tudo o que levam? Como atravessam um rio que não tem ponte? De que modo se protegem os homens de armas enquanto dormem? Tantas questões que me suscitaram curiosidade e que me levaram a debruçar sobre este tema. Porque, afinal, só podemos perceber como de facto funciona a guerra na Idade Média se soubermos como era preparada a expedição e como é que os homens procediam para sobreviver durante a campanha. Só conseguiremos realmente entender uma expedição percebendo toda a máquina organizativa que funciona nos seus bastidores. Esta dissertação irá, portanto, focar sobretudo a sua atenção nos exércitos em trânsito, não tratando especificamente da logística de cerco nem da logística inerente a expedições marítimas (embora estas possam encontrar-se pontualmente referidas ao longo do trabalho, se o assunto o justificar). O meu estudo irá, do mesmo modo, ocupar-se essencialmente da realidade portuguesa.

Iniciarei esta dissertação com um capítulo sobre a coluna de marcha, no qual falarei em primeiro lugar da cadeia de comando de uma hoste, pois só assim conseguiremos perceber quem fazia o quê, quais os cargos mais importantes e que funções desempenhavam; além disso, só assim teremos verdadeiro conhecimento de como era composta uma hoste. De seguida, analisaremos a coluna de marcha em si, de um ponto de vista mais técnico, tentando elaborar esquemas da mesma, explicando como se organizava, como progredia no terreno, quais os principais perigos que enfrentava. Num outro subcapítulo, serão observados os armazéns de armas: como eram constituídos, onde se situavam, como funcionavam? Num breve subcapítulo, será igualmente analisada a questão das librés, que começam a ser utilizadas na época em estudo, aparecendo já algumas referências nas fontes analisadas.

O segundo capítulo irá tratar da questão do abastecimento das hostes. Aqui, poderemos observar como os homens se alimentavam e onde procuravam o seu alimento, sendo de igual forma recordados os esforços da Coroa para abastecer os seus exércitos. De seguida, será observado o acampamento e toda a sua organização. Neste terceiro capítulo, poderemos verificar como a hoste pernoitava e como se organizava e protegia para enfrentar com segurança a noite que se avizinhava. Por fim, dedicaremos um capítulo aos transportes e às passagens mais ingratas que se interpunham no caminho da hoste, nomeadamente a travessia de rios caudalosos.

É de notar que todos estes temas se encontram de certa forma interligados, uma vez que todos eles dizem respeito à coluna de marcha, à sua organização e defesa. Por esse motivo, muitos dos trechos utilizados pelas fontes em estudo tratam mais do que um dos temas acima elencados.

As fontes utilizadas para a realização desta dissertação foram, como o próprio título desta dissertação indica, as crónicas quatrocentistas portuguesas. Selecionou-se, de entre elas, a *Crónica de D. Fernando* e a *Crónica de D. João I (Parte I e Parte II)*, da autoria de Fernão Lopes; e também a *Crónica da Tomada de Ceuta* e a *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses*, de Gomes Eanes de Zurara. Utilizou-se igualmente a *Crónica do Condestabre*, da qual se desconhece o autor. O período em estudo na dissertação irá abarcar desde o início do reinado de D. Fernando (1367) até ao período de governo do Conde D. Pedro de Meneses em Ceuta (1415-1437).

Torna-se necessário realizar uma pequena apresentação dos autores destas crónicas, de modo a entendermos melhor o respetivo contexto. Pouco se conhece da biografia de Fernão Lopes. Terá nascido entre 1380 e 1390, estando ainda vivo em 1459. Em 1418, ocupou o cargo de guarda-mor das escrituras da torre do Tombo, que manteve até 1454. Trabalhou numa época posterior a Aljubarrota e no período conturbado que antecedeu a batalha de Alfarrobeira. Foi feito (ou quiçá confirmado) cronista oficial do reino durante o reinado de D. Duarte, em 1434, tendo como tarefa escrever as crónicas dos antigos reis de Portugal¹. Escreveu as crónicas de pelo menos três reis, não se sabendo se terá escrito a de mais algum monarca, anterior. Redigiu as *Crónicas de D. Pedro I, de D. Fernando e D. João I (partes I e*

¹ MONTEIRO, João Gouveia, *Fernão Lopes, texto e contexto*, Coimbra, Minerva, 1988, p.72 e AMADO, Teresa, “Fernão Lopes”, in Giulia Lanciani e Giuseppe Tavani, *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, Lisboa, Caminho, 2000, pp. 271-273.

II). No que diz respeito à *Crónica do Condestabre*, sabe-se que se baseou bastante nela para escrever a *Crónica de D. João I*, mas não foi o seu autor, como se chegou a conjecturar².

Sucedeu-lhe Gomes Eanes de Zurara, que terá nascido por volta de 1410 e 1420. Zurara terá continuado o trabalho deixado por Fernão Lopes, aproveitando os seus apontamentos para a elaboração (em 1449-1450) da *Crónica da Tomada de Ceuta*. De seguida, escreveu a *Crónica da Guiné*, pelos anos de 1452-53³. Apenas nos finais do século XVIII foram reveladas as *Crónicas do Conde D. Pedro de Meneses* e do seu filho *D. Duarte de Meneses*, que o cronista concluíra em 1463 e 1468, respetivamente⁴. Zurara, que terá falecido por volta de 1474, viveu basicamente no tempo sobre o qual escreveu, desde a conquista de Ceuta, em 1415, até a morte de D. Duarte de Meneses, em 1464, pelo que trata de acontecimentos que se encontram vivos na sua memória, ou na memória daqueles com quem conviveu⁵.

No que diz respeito à *Crónica do Condestabre*, trata-se de uma obra com características diferentes (uma crónica senhorial e de um tipo mais hagiográfico), cuja autoria permanece anónima. Podemos apenas referir que trata da vida e feitos de Nuno Álvares Pereira, sendo decerto obra de alguém que conheceu muito de perto o condestável de Portugal e que escreveu muito pouco tempo depois da morte do grande comandante militar.

Através da utilização destas crónicas, procurarei responder a todas as questões que acima foram colocadas. Para isso, analisei cada capítulo e retirei o que considerava mais relevante para o tema. O apêndice documental apresentado no fim desta dissertação apresenta a base e o quadro completo de referências sobre as quais trabalhei para a elaboração deste estudo.

A minha principal dificuldade ao longo da elaboração desta tese foi a nível bibliográfico. Sendo a logística um tema pouco tratado pelos historiadores, não existem muitos trabalhos sobre o assunto, mesmo a nível internacional, pelo que muitas vezes não consegui aprofundar um tema tanto quanto desejava, sugerindo, por exemplo, as comparações adequadas a um melhor entendimento das especificidades do caso português.

² *Idem, ibidem*, pp.78-81.

³ SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *Cronistas do Século XV posteriores a Fernão Lopes*, Lisboa, Biblioteca Breve, 1989, pp. 27-28.

⁴ *Idem, ibidem*, p. 29.

⁵ *Idem, ibidem*, p. 31, vide, igualmente, GOMES, Rita Costa, “Zurara, Gomes Eanes de” in Giulia Lanciani e Giuseppe Tavani, *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, Lisboa, Caminho, 2000, pp. 687-690.

Contextualização Histórica

Como forma de melhor se entender o contexto no qual se encontram inseridos os temas em estudo, decidiu-se que a realização de uma breve contextualização seria conveniente. Por esse motivo, as breves páginas aqui apresentadas configuram sobretudo um apoio introdutório, de modo a orientar o leitor. A contextualização inicia-se com as guerras fernandinas, visto que a *Crónica de D. Fernando* reflete esses mesmo conflitos e algumas das passagens referidas ao longo do texto podem encontrar-se relacionadas com eles. Evocaremos de seguida a Crise de 1383-85, por ser o período mais referido ao longo desta dissertação. Por fim, iremos analisar a conquista de Ceuta e, mais brevemente, a atividade do Conde D. Pedro de Meneses em África, após a conquista desta praça.

A primeira guerra fernandina tem na sua base a conturbada situação interna em que se encontrava o trono castelhano. D. Pedro I, rei de Castela, viu-se obrigado, entre 1366 e 1369, a enfrentar o seu meio-irmão bastardo, Henrique de Trastâmara, que, com o apoio de França, tentava usurpar-lhe o trono. De notar que nos encontramos no contexto da Guerra dos Cem Anos, que irá estender o seu palco à Península Ibérica⁶. No entanto, em março de 1369, após a emboscada de Montiel, D. Henrique coloca um ponto final no conflito ao assassinar o seu meio-irmão, inaugurando assim um novo ciclo na vida política castelhana⁷.

Será neste contexto que D. Fernando⁸ se apresenta como candidato ao trono de Castela, na qualidade de neto legítimo de Sancho IV⁹. Com o apoio das principais cidades da Galiza, do reino de Aragão e de Granada, o monarca português visita, em julho de 1369, as terras que o apoiam e coloca cerco a Monterrey. A armada portuguesa empreende, mais ou menos nesta altura, a devastação de diversas comunidades andaluzas, chegando mesmo a exercer um bloqueio naval a Sevilha, que tinha como principal objetivo imobilizar a frota castelhana. No entanto, nos finais de 1370, a frota portuguesa vê-se obrigada a levantar o bloqueio, devido ao cansaço e às diversas doenças que atormentavam a tripulação¹⁰.

D. Henrique responde tomando Braga e colocando cerco a Guimarães, em 1369. A partir do Alentejo, chegará a resposta portuguesa, que visa Badajoz. Serão necessários mais

⁶ COELHO, Maria Helena da Cruz, *D. João I*, Rio de Mouro, Temas e Debates, 2008, p.33.

⁷ MARTINS, Miguel Gomes, *De Ourique a Aljubarrota – A Guerra na Idade Média*, Lisboa, A Esfera dos Livros, 2011, pp. 271-272.

⁸ Sobre o monarca, *vide* igualmente GOMES, Rita Costa, *D. Fernando*, Rio de Mouro, Temas e Debates, 2009. Uma vez que esta obra não aprofunda as a temática das Guerras Fernandinas não foi utilizada diretamente nesta dissertação.

⁹ MARQUES, A. H. De Oliveira, *História de Portugal*, Volume 1, Lisboa, Editorial Presença, 2010, p. 207.

¹⁰ MARTINS, Miguel Gomes, *De Ourique a Aljubarrota – A Guerra na Idade Média*, Lisboa, A Esfera dos Livros, 2011, p. 272.

dois anos até à paz ser assinada, na qual D. Fernando reconhece D. Henrique como rei, renunciando a qualquer pretensão ao trono castelhano no Tratado de Alcoutim, assinado em 1371. Neste acordo, ficou ainda previsto o matrimónio do monarca português com Leonor, filha de D. Henrique¹¹.

No entanto, D. Fernando não desiste das suas pretensões ao trono de Castela e, em 1372, firma uma aliança com Inglaterra, através do Tratado de Tagilde, de modo a poder contar com um parceiro poderoso que lhe permitisse derrotar D. Henrique¹². Complicando mais o panorama, D. Fernando viola o Tratado de Alcoutim casando com D. Leonor Teles de Meneses. Além disso, tem lugar a captura de diversos navios castelhanos no porto de Lisboa e também são executados alguns ataques, levados a cabo por exilados castelhanos a partir de Portugal.

D. Henrique responde a esta afronta entrando em Portugal, em dezembro de 1372, onde não encontra grande resistência, e colocando cerco a Lisboa, em 1373. No caminho, conquista as praças de Almeida, Pinhel, Linhares, Celorico da Beira e Viseu¹³. De modo a travar o avanço castelhano, D. Fernando opta por cortar-lhes o caminho em Coimbra; no entanto, muda de ideias e, convocando diversos contingentes de nobres e das milícias concelhias (incluindo a de Lisboa), opta por recuar para Santarém, onde poderia dar batalha ao exército castelhano, já carente de mantimentos e sem grandes possibilidades de receber reforços¹⁴. Chegado a Torres Novas e sabendo das intenções do monarca português de lhe oferecer batalha campal, D. Henrique decide esperar. No entanto, D. Fernando voltara a mudar de ideias e desmobilizara o seu exército, deixando assim o caminho livre à hoste castelhana para chegar a Lisboa. O monarca português teria ainda mudado novamente de ideias quando D. Henrique passava perto de Santarém, chegando mesmo a equipar-se com as suas armas; no entanto, foi demovido do seu intento, uma vez que não possuía os homens suficientes para defrontar o rei castelhano¹⁵.

A 24 de março de 1374, D. Fernando negocia um acordo de paz apressado com o rei castelhano, de modo a este levantar o cerco de Lisboa. Devido a este acordo, o monarca português ficava obrigado a desistir do seu aliado inglês, passando a apoiar Castela e a França, a quem teria de dar apoio naval, bem como era obrigado a expulsar todos os exilados

¹¹ COELHO, Maria Helena da Cruz, *D. João I*, Rio de Mouro, Temas e Debates, 2008, p.34.

¹² MARTINS, Miguel Gomes, *De Ourique a Aljubarrota – A Guerra na Idade Média*, Lisboa, A Esfera dos Livros, 2011, p. 273.

¹³ *Idem, ibidem*, p. 274.

¹⁴ *Idem, ibidem*, pp. 274-275.

¹⁵ *Idem, ibidem*, p. 276.

castelhanos que haviam encontrado refúgio em Portugal¹⁶. As fortalezas conquistadas pelo rei de Castela ao invadir o reino ser-lhe-iam concedidas como garantia do cumprimento do acordo.

Será em 1379, com a morte de D. Henrique e a subida ao trono do seu filho, que os pretendentes ao trono castelhano se voltam a animar. D. Fernando tenta reatar a amizade com a Inglaterra, assinando uma nova aliança em 1380, em Estremoz. Portugal iria, assim, apoiar o Duque de Lencastre como herdeiro do trono castelhano, uma vez que este filho do monarca de Inglaterra estava casado com a filha de D. Pedro I de Castela¹⁷. Em maio, de 1381 inicia-se então a terceira guerra fernandina, com a entrada em Portugal do rei castelhano, que invade o Alentejo, devasta Trás-os-Montes e cerca Elvas. Em junho, a frota portuguesa é derrotada na batalha de Saltes. O apoio inglês chegará apenas em julho de 1381, através do conde Edmundo de Cambridge (irmão mais novo do duque de Lencastre), não se podendo considerar decisivo, uma vez que pouco ajudaram o exército fernandino agindo quase como seus inimigos, ao atacarem diversas praças alentejanas. Com os constantes ataques castelhanos, que causavam grande destruição, e com a derrota sofrida na batalha naval de Saltes, D. Fernando opta por, à revelia dos seus ‘aliados’ ingleses, assinar a paz em Elvas, em 1382. Mantinham-se neste tratado (mais favorável a Portugal) alguns dos pontos dos acordos anteriores, mas agora a filha única do monarca português, D. Beatriz, era prometida ao infante D. Fernando, filho de D. João de Castela¹⁸.

Em 1382, o rei castelhano fica viúvo, pelo que, instigado pelos seus conselheiros pró castelhanos e galegos, em especial João Fernandes Andeiro, D. Fernando propõe ao monarca do reino vizinho o casamento deste com a infanta D. Beatriz. Em abril de 1383, é assim assinado o Tratado de Salvaterra de Magos, que estabelecia o casamento de D. Beatriz de Portugal com D. João I de Castela. Ficava ainda determinado que, caso D. Fernando (já gravemente doente de tuberculose) morresse sem deixar qualquer herdeiro varão, D. Beatriz e o seu marido seriam reis de Portugal. O trono iria, no entanto, pertencer ao filho varão que adviesse desta união, sendo que, até este atingir a maioridade (aos 14 anos), D. Leonor Teles seria a regente de Portugal¹⁹.

Em outubro de 1383, D. Fernando morre, não deixando nenhum herdeiro varão que pudesse suceder-lhe no trono. Leonor Teles seria então regente de Portugal até a sua filha ter um herdeiro que pudesse ocupar o trono. A partir deste momento, os acontecimentos parecem

¹⁶ COELHO, Maria Helena da Cruz, *D. João I*, Rio de Mouro, Temas e Debates, 2008, p.37.

¹⁷ *Idem, ibidem*, p.39.

¹⁸ *Idem, ibidem*, p.40.

¹⁹ *Idem, ibidem*, p. 41.

sucedem-se bastante rapidamente, tanto mais que se fazia sentir um descontentamento crescente, sobretudo pela influência galopante de que o Conde João Andeiro parecia desfrutar sobre D. Leonor (segundo insinua Fernão Lopes, suspeitava-se mesmo que fossem amantes). Assim, a única forma de debilitar o poder da regente, que não era muito estimada, seria matando o conde de Ourém. O plano para tal façanha teria sido pensado pelo vedor da chancelaria de D. Fernando, Álvaro Pais, mas caberia ao Mestre de Avis executá-lo, o que fez com absoluto sucesso. Pelas ruas de Lisboa, para excitar a ira popular contra a rainha e o seu genro, gritava-se que se matava o Mestre, enquanto na realidade se matava o Conde de Andeiro, e a situação só acalmou com o aparecimento do Mestre às janelas do palácio. Entretanto, D. Leonor refugia-se em Alenquer e, devido aos constantes tumultos que se faziam sentir pelo país, decide pedir auxílio ao seu genro, D. João I de Castela²⁰.

A cidade de Lisboa pede então ao Mestre de Avis para assumir o cargo de regedor e defensor do reino. D. João aceita com alguma resistência, e apenas em representação do seu irmão (o Infante D. João de Castro, filho de D. Pedro I e de D. Inês de Castro), que se encontrava preso em Castela.

A tensão aumenta com a entrada de D. João de Castela e de D. Beatriz em Portugal em Portugal, alcançando no dia 12 de janeiro de 1384 a cidade de Santarém. No dia seguinte, D. Leonor seria forçada a renunciar à regência do reino, entregando ao genro a poderosa Santarém, incluindo o respetivo castelo.

No entanto, a campanha do Mestre somava também algumas vitórias. Tendo sido nomeado pelo Mestre de Avis fronteiro da comarca de Entre-Tejo-e-Guadiana, Nuno Álvares Pereira consegue logo uma vitória face aos castelhanos, a 6 de abril de 1384, na herdade de Atoleiros. A isto, seguir-se-ão diversos outros sucessos do jovem fronteiro, em Portugal e em Castela²¹.

Em finais de maio de 1384, D. João I de Castela coloca cerco sobre Lisboa. A cidade irá passar por diversas dificuldades, sobretudo devido à falta de mantimentos, mas irá resistir. Em agosto, o acampamento castelhano é assaltado por um terrível surto de peste, pelo que o rei castelhano se vê obrigado a levantar cerco e a retirar para o seu reino.

Terminado o cerco de Lisboa, o Mestre, com a ajuda de Nuno Álvares Pereira, tenta conquistar as praças que ainda estavam por D. Beatriz. Em inícios de outubro ou já em novembro, recupera Almada, que fora tomada pelos castelhanos enquanto estes cercavam

²⁰ MARTINS, Miguel Gomes, *De Ourique a Aljubarrota – A Guerra na Idade Média*, Lisboa, A Esfera dos Livros, 2011, pp. 298-299.

²¹ MONTEIRO, João Gouveia, *Aljubarrota - 1385 – A Batalha Real*, Lisboa, Tribuna da História, 2007, p. 24.

Lisboa. A 10 de dezembro toma Alenquer, enquanto Nuno Álvares juntava vitórias pelo Alentejo. Após o cerco de Torres Vedras, no qual o Mestre foi traído por alguns dos seus aliados, chegam as cortes de Coimbra, em março-abril de 1385, nas quais o filho bastardo do rei D. Pedro I será aclamado Rei. Para isso, valeu-lhe a argumentação do Dr. João das Regras, ao demonstrar que os filhos resultantes da relação amorosa de D. Inês de Castro com D. Pedro I eram ilegítimos, o que os colocava em pé de igualdade com o Mestre. Juntou-se a isto a presença de Nuno Álvares e dos seus escudeiros bem armados, que calou os opositores. Assim, o Mestre de Avis, tornava-se D. João I, rei de Portugal²².

Após as cortes, Nuno Álvares e D. João I partem para o Minho, de modo a recuperarem diversas praças que ainda tinham voz por Castela, pelo que tomam (ou ocupam, dependendo dos casos) as fortalezas de Neiva, Viana, Monção, Caminha e Vila Nova de Cerveira, seguindo-se as conquistas, já em maio, de Guimarães, de Braga e de Ponte de Lima²³. Por alturas da Páscoa de 1385, chegam a Lisboa, ao Porto e a Setúbal algumas centenas de mercenários ingleses (sobretudo arqueiros) contratados por Lourenço Anes de Fogaça e pelo Mestre de Santiago nos meses anteriores, em Inglaterra. Este contingente inglês desempenharia um papel decisivo na batalha de Aljubarrota, que se avizinhava.

E, assim, chega-se a 14 de agosto de 1385, quando a famosa «batalha real» teve lugar, tendo o exército anglo-português saído vencedor, com isso impedindo o avanço do exército castelhano para Lisboa. Com esta batalha, D. João I consolidou a sua posição como rei de Portugal, enquanto o monarca castelhano nunca mais teve forças nem apoios para invadir o reino da sua esposa. Além disso, D. João I manteve sempre uma certa pressão militar sobre o adversário, de modo a dissuadir qualquer nova tentativa de invasão.

Em 1386, D. João I e Nuno Álvares partem à conquista das praças transmontanas que ainda tinham voz por D. Beatriz. Assim, tomam Chaves, Bragança e Almeida e ainda tentam tomar a cidade leonesa de Coria, mas neste cerco não obtiveram o resultado pretendido²⁴. Em maio deste mesmo ano, é assinado o famoso Tratado de Windsor (formalizando a aliança luso-britânica) e, no início de 1387, dá-se o casamento de D. João I com D. Filipa de Lencastre (filha do duque João de Gante). Pouco depois, inicia-se uma campanha militar conjunta de D. João I com o duque de Lencastre, que conduz à ocupação de algumas praças leonesas de menor importância. Porém, em 1388, em Bayonne, é assinado um acordo anglo-castelhano, pelo que D. João I fica entregue a si próprio na defesa do reino de Portugal.

²² *Idem, ibidem*, p. 25.

²³ *Idem, ibidem*, pp. 26-27.

²⁴ *Idem, ibidem*, pp. 118-119.

Seguir-se-ia o cerco de Tuy e uma paz luso-castelhana de seis anos, prolongada depois para quinze, devido à morte de D. João I de Castela. No entanto, foi apenas em 1411 que foi assinado, em Ayllón, uma paz oficial entre os dois reinos²⁵.

Finda a guerra com Castela, Portugal poderia virar-se para outros horizontes e novas conquistas. Ceuta seria o próximo passo. Porquê Ceuta? Considero relevante apresentar alguns dos fatores que irão levar D. João I a apoiar este empreendimento. Muitas são as razões conjeturadas pelo historiadores, pelo que não iremos discutir aqui cada uma delas, apenas enumerar algumas. Ceuta localizava-se num ponto estratégico, impossibilitaria a expansão castelhana no Norte de África, constituía igualmente um ponto onde se poderia criar domínios fundiários de modo a recompensar a nobreza ávida de terras e de riquezas²⁶. No que diz respeito ao facto (alegado por alguns) de Ceuta ser um entreposto de cereal, de que Portugal era carente, isto poderá não constituir uma explicação real, uma vez que, após a conquista da praça, Lisboa teve muitas vezes de abastecer a cidade que carecia de mantimentos. Além disso, o trigo seria cultivado em campos afastados da fortaleza, e seria necessário um clima de paz nesses mesmos campos e que os camponeses aceitassem facilmente o invasor²⁷. O ouro que afluía à cidade, vindo do interior de África, também poderia ter sido um dos grandes motivos. No entanto, após a conquista, as rotas deixaram de passar por Ceuta, sendo que as terras à volta se foram esvaziando de muçulmanos, muito possivelmente devido a ação dos constantes raides empreendidos pelo Conde D. Pedro de Meneses (primeiro capitão da praça) contra as aldeias mouras circundantes²⁸. Um aspeto que teria constituído um bom motivo foi o desejo de os infantes se tornarem cavaleiros através da guerra, e não através de umas justas que o monarca havia pensado organizar. Terão sido eles alguns dos principais encorajadores nesta empresa, respondendo com convicção a todas as objeções levantadas por D. João I²⁹.

Tomada a decisão, que também serviria para legitimar, sobretudo aos olhos do Papado, a (ainda politicamente frágil) nova dinastia e para permitir o acesso imediato a metal precioso (que tanta falta fazia, face ao descalabro das finanças públicas), era necessário preparar a expedição, reunir os principais aliados, conseguir o acordo da Rainha e do Condestável. Tudo isto foi feito no máximo sigilo, de modo a não colocar em causa o sucesso da expedição. As cidades de Lisboa e do Porto fervilharam com tanta azáfama. Dos reinos

²⁵ *Idem, ibidem*, pp. 119-120.

²⁶ GODINHO, Vitorino Magalhães, *A Expansão Quatrocentista Portuguesa*, Lisboa, Dom Quixote, 2008, p.167.

²⁷ DUARTE, Luís Miguel, *Ceuta, 1415*, Lisboa, Livros Horizonte, 2015, pp.150-151.

²⁸ *Idem, ibidem*, pp.151-153.

²⁹ MONTEIRO, João Gouveia, e COSTA, António Martins, *1415, A Conquista de Ceuta*, Lisboa, Manuscrito, 2015, pp. 19-21.

vizinhos, embaixadores acorrem tentando certificar-se de que a expedição não se destina a atacar os seus reinos. D. João sossega-os a todos (exceto aos embaixadores do rei de Granada), mas sem nunca lhes revelar o plano preciso. E, no entanto, quando tudo parecia estar a correr tão bem, a peste assola o país, e chega à Rainha. D. Filipa de Lencastre morre em 1415, pouco antes de a frota partir, pairando assim três maus presságios sobre a expedição: a peste, a morte da rainha e um eclipse de sol. No entanto, o rei (e os infantes) queria(m) mesmo ir, por isso, a 25 de Julho a frota parte de Lisboa³⁰. A expedição foi um sucesso, apesar de ter sofrido alguns percalços no caminho até ao seu destino. Ceuta foi conquistada em 21 de agosto de 1415, simbolizando um marco importante do início da expansão portuguesa. Depois de algumas recusas, o comando da praça acabou por ser atribuído por D. João I ao Conde D. Pedro de Meneses. Este fidalgo tentou ao máximo defender a praça do constante assédio dos mouros, chegando a criar uma espécie de zona tampão em redor da cidade, de forma à guarnição poder viver mais tranquila³¹. Durante 43 anos (até à conquista de Alcácer Ceguer, em 1458), Ceuta permaneceria como a única possessão territorial portuguesa em Marrocos, sendo defendida até à exaustão, o que implicou um investimento considerável em meios humanos, financeiros e técnicos. Isto, por um lado, exauriu o reino, mas, por outro, constituiu uma verdadeira ‘escola de guerra’, que ajudou a forjar o sucesso da expansão ultramarina portuguesa.

³⁰ DUARTE, Luís Miguel, *Ceuta, 1415*, Lisboa, Livros Horizonte, 2015, pp. 65-77.

³¹ MONTEIRO, João Gouveia, e COSTA, António Martins, *1415, A Conquista de Ceuta*, Lisboa, Manuscrito, 2015, pp. 112-115.

1. A caminho da guerra

O momento mais difícil de uma campanha e aquele que acaba por ser o mais arriscado é quanto o exército se encontra em marcha, em movimento. A coluna acaba por ser vulnerável, apesar de todos os mecanismos de defesa que se possam colocar em ação. Movimentar o exército era, portanto, algo que tinha de ser planeado, de modo a evitar que a hoste se perdesse ou que fosse ao encontro dos seus inimigos sem o desejar. Mas antes de nos debruçarmos sobre esta matéria tão importante para o bom funcionamento de uma campanha, que é a capacidade de deslocação dos homens de armas, temos de analisar como era organizado o comando no seio de uma coluna, de modo a termos um melhor entendimento sobre o assunto.

1.1 A cadeia de comando

Quem possuía o comando nominal sobre a hoste era o rei. No entanto, o comando efetivo era atribuído a homens da confiança do rei e com grande experiência militar³². O alferes-mor era, até 1382, o cargo mais importante da hoste régia. Sobre ele recaíam todas as competências, sobretudo as de porta-estandarte e de juiz, tendo em conta que era considerado como lugar-tenente do rei³³. Apoiava o monarca na expedição sempre que este liderava a hoste, transmitindo as ordens do rei aos diversos comandantes. Possuía como principais funções liderar a hoste quando o rei não podia estar presente, guardar e carregar a bandeira, como referido acima, bem como ter o papel de juiz no seio do exército³⁴. O transportar da bandeira revestia-se de um carácter muito importante, visto que o estandarte real só podia ser desfraldado a mando do rei e quando o inimigo estivesse à vista; além disso, o seu derrube durante uma batalha podia significar a derrota, levando ao desbaratamento da hoste. A bandeira servia, portanto, como verdadeiro condutor da coluna de marcha.

O cargo de alferes-mor era, pois, muito honroso e, mesmo depois da sua perda de poder, o respetivo titular continuou a carregar consigo um grande simbolismo e importância, devido ao facto de continuar a carregar a bandeira real. O seu elevado carácter simbólico pode ser verificado através do seguinte trecho, quando, em 1384, Nuno Álvares se preparava para ir tomar Vila Viçosa:

³² MONTEIRO, João Gouveia, *A Guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 221.

³³ MONTEIRO, João Gouveia, “Estratégia e Tática Militares”, in Manuel Themudo Barata e Nuno Severiano Teixeira (dirs.), *Nova História Militar de Portugal*, volume 1, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2003, p. 217.

³⁴ MARTINS, Miguel Gomes, *A Arte da Guerra em Portugal*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2014, pp. 367-368.

“(…) e saimdo a sua bamdeira pella porta da villa, quebrou a asta della ao Alferez que a levava; o que todollos que alli eram, ouuerom por forte sinall dizemdo a Nuno Alvarez, que nom partisse per nehũa guisa e escusasse o caminho que fazer queria; mas ell nom curou nada do que lhe deziã, e mamdou poer a bamdeira em outra asta, e seguio a teemçom que começada tinha”³⁵.

Este cargo possuía um carácter vitalício, encontrando-se no poder das principais famílias portuguesas da época. E, claro está, era o rei a decidir a quem atribuía esse cargo.

Em 1382, D. Fernando, provavelmente por influência inglesa (chegada a Portugal do conde de Cambridge), cria dois novos cargos militares muito importantes: o condestável e o marechal. Podemos verificar, através da seguinte passagem da *Crónica de D. Fernando*, que de facto estes cargos são criados de raiz em Portugal nesta altura:

“Onde sabe que n’este tempo e em esta hida se começaram dous officios em Portugal novamente que ataa estonce em ell nom avia, scilicet, condestabre e marichall (…)”³⁶.

É justamente devido ao aparecimento do cargo de condestável que o cargo de alferes se acabará por restringir à competência de porta-estandarte.

O condestável ocupava um dos principais cargos da hoste régia. Possuía como principais funções a de, durante as campanhas, garantir que o que fosse decidido em conselho de guerra seria executado, e que todos os homens de pé e besteiros estariam devidamente organizados para, caso necessário, se poder usufruir dos seus serviços³⁷. Cabia ao condestável nomear quadrilheiros para a organização do saque e despojos de guerra, organizar os diversos grupos de batedores que seguiam à frente da coluna de marcha, e era também ele que indicava quem deveria escolher o melhor local para a hoste realizar o seu acampamento, cabendo ao condestável o dever de garantir a guarda e segurança do mesmo³⁸. É o que podemos verificar neste trecho:

³⁵ LOPES, Fernão, *CDJ, Parte I*, cap. CLXXII, pp. 321-322.

³⁶ LOPES, Fernão, *CDF*, cap. CL, p. 524.

³⁷ MONTEIRO, João Gouveia, “Estratégia e Tática Militares”, in Manuel Themudo Barata e Nuno Severiano Teixeira (dirs.), *Nova História Militar de Portugal*, volume 1, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2003, p. 217.

³⁸ MONTEIRO, João Gouveia, *A Guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 223.

“(…) e com este regimento chegaram a Ourem, que eram dally três legoas, homde o Comde ja tinha tomado alloiamento pera (a) oste a pee da uilla, contra a Atouguia das Cabras (...)”³⁹.

Antes da batalha de Aljubarrota, quando a hoste marchava ao encontro do exército castelhano, Nuno Álvares levava a vanguarda e o rei a retaguarda. Através do trecho citado, podemos concluir que foi o condestável a decidir o local em que a hoste iria pernoitar.

Outra das funções deste oficial seria ter em conta que tipo de guerreiros deviam constituir a hoste, bem como o seu número total, algo de muito importante quando se organizava uma expedição. Possuía igualmente uma das antigas funções do alferes: a de fazer a justiça na hoste, pelo que se fazia sempre acompanhar de um meirinho e de um ouvidor⁴⁰.

Com todas estas obrigações, podemos concluir que o condestável era o mais importante cargo militar no seio da hoste dos finais da Idade Média, pelo que seria o rei quem escolhia cuidadosamente o seu titular. Quando o cargo é criado por D. Fernando, este escolhe para seu condestável o conde D. Álvaro Pires de Castro, irmão de Inês de Castro. A escolha de D. João I irá recair em Nuno Álvares Pereira, uma decisão que revela as tensões da Crise de 1383-1385, visto que Nuno Álvares era muito jovem e não possuía uma posição muito relevante ou de grande influência no seio da nobreza portuguesa⁴¹. Após a morte de Nuno Álvares, o cargo de condestável terá tendência a permanecer no seio da família real, começando logo com D. João I, que entrega o ofício a um seu filho, João, em 1442; com a morte deste, a decisão do regente D. Pedro recai também sobre o seu filho, D. Diogo. Em 1449, D. Afonso V atribuiria o cargo também a um familiar, o seu irmão D. Fernando. Infelizmente, desconhece-se a cerimónia que serviria para a investidura do cargo de condestável⁴².

Com todas estas funções e importância, o condestável também tinha direito a diversos privilégios. Poderia receber, de cada mercador que vendesse ou comprasse na hoste, uma verba de 12 reais brancos por semana⁴³. Tinha o direito de receber para si as penas (em dinheiro ou bens) aplicadas a membros da hoste, bem como armas que haviam sido retiradas

³⁹ LOPES, Fernão, *CDJ, Parte II*, cap. XXXIII, pp. 70-71.

⁴⁰ Os ouvidores eram magistrados jurisdicionais que tinham como principal função ouvir as partes, apurar as provas e trazer o caso à decisão do senhor. No seio da corte, cumpriam sobretudo uma função de instrutores dos processos e de assessores do rei. TORRES, Rui d'Abreu, “Ouvidores”, in *Dicionário de História de Portugal*, volume IV, Iniciativas Editoriais, 1979, p. 504.

⁴¹ MONTEIRO, João Gouveia, *A Guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 224.

⁴² *Idem, ibidem*.

⁴³ *Ordenações Afonsinas*, p.311

aos seus donos, por uso impróprio; poderia ainda receber do saque feito durante os raides todos os animais que não tivessem cornos⁴⁴. O cargo de condestável era, portanto, um cargo muito relevante na hoste; na ausência do rei, ele era, de facto, o principal comandante de um exército tardo-medieval português.

O outro cargo criado por D. Fernando, o de marechal, correspondia sobretudo a um adjunto do condestável e servia para auxiliar o seu comandante, pelo que as funções, como iremos ver, são bastante parecidas. O marechal tinha o dever de, quando a hoste parava para acampar, distribuir por todos os senhores e capitães o alojamento que lhes pertencia. Deveria garantir que o sistema de vigilância que se organizava quando a hoste parava estaria em bom funcionamento e era ainda ele quem deveria atribuir, aquando de alguma cavalgada, aos capitães que o solicitassem, um cavaleiro ou um escudeiro que iria tratar do alojamento destes⁴⁵. Tal como o condestável, o marechal fazia-se sempre acompanhar de um ouvidor e de um meirinho, de modo a sentir-se apoiado no exercício das suas diversas funções (designadamente na área da aplicação da justiça). Possuía, igualmente, a exemplo do condestabre, determinados privilégios, de forma a remunerar-se o seu serviço. Por exemplo, recebia todas as bestas que fossem conseguidas pela hoste e que apresentassem mazelas ou que fossem capadas e com pouco valor. Poderia, também, receber as multas daqueles a quem o rei perdoava, bem como as armas daqueles que o seu ouvidor encarcerava. Como acima referido, o cargo de marechal acaba por ter funções muito parecidas a do condestável, e mesmo os seus privilégios eram semelhantes. Encontrava-se, no entanto, sujeito hierarquicamente ao condestável⁴⁶. A escolha do marechal, sendo este cargo o segundo mais importante da hoste, era também atribuído, tal como no caso do alferes e do condestável, pelo rei a um nobre da sua confiança. Segundo as crónicas, em 1385, D. João I escolhe para seu marechal Álvaro Pereira⁴⁷, que teria de ser substituído pouco tempo depois, visto que morreu no regresso do cerco de Coria (em 1386). Na *Crónica de D. João I*, aparece uma referência a Álvaro Pereira como sendo o marechal da hoste:

“ *E aaquem da uilla huuma legoa ficou huuma çellada com as mais gentes, e Alvaro Pereira, marichall, com ella*”⁴⁸.

⁴⁴ *Idem, ibidem*.

⁴⁵ MONTEIRO, João Gouveia, “Estratégia e Tática Militares”, in Manuel Themudo Barata e Nuno Severiano Teixeira (dirs.), *Nova História Militar de Portugal*, volume 1, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2003, p. 217.

⁴⁶ MONTEIRO, João Gouveia, *A Guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 225.

⁴⁷ Filho de Rui Pereira, o fidalgo que morreu durante a batalha naval do rio Tejo, em 1384.

⁴⁸ LOPES, Fernão, *CDJ, Parte II*, cap. XVI, p.31.

Isto sucede em 1385, quando o jovem rei parte de Guimarães para Ponte de Lima. E também encontramos uma referência similar quando, em 1385, o monarca avança de Torres Novas para Santarém:

*“Estamdo ally el-Rey, hordenou de mandar a Lixboa Alvaro Pereira, marichall da hoste, com algumas gentes por vijnr com ele Fernam Rodriguez de Sequeira que neella estaua por fronteiro moor, e çertas lamças do comçelho dessa cidade”*⁴⁹.

Tudo isto aconteceu ainda antes da batalha de Aljubarrota. À morte de Álvaro Pereira, a escolha de D. João I para marechal recaiu sobre Álvaro Gonçalves Camelo, Prior do Hospital. Mas, em 1397, ou seja, onze anos após o cerco de Coira, encontramos a seguinte referência:

*“E el-Rey lhe dysse e mostrou recados que ouuera das maas maneyras que o Priol dom Alvaro Gomçalluez, marychall de sua hoste, tynha contra seu serviço, e que o queria premder (...)”*⁵⁰.

A deserção de Álvaro Camelo para Castela fará com que, em 1400, o monarca nomeie Gonçalves Vasco Coutinho⁵¹ como marechal. A partir desta data, o cargo não mais saiu desta família nobre.

Todos estes cargos ficavam vinculados a uma ou duas famílias da nobreza mais próximas do rei. Mas o cargo de condestável, pela sua particular relevância, teve mesmo tendência para permanecer no seio na família real.

Tendo observado os cargos principais de comando da hoste, um outro cargo essencial, sem o qual uma coluna de marcha não funcionaria necessita de ser apresentado: o adail. O ofício de adail existiu em Portugal desde o século XII, sendo conhecido por ter como principal função guiar a hoste, devido aos seus elevados conhecimentos sobre o terreno. Era, portanto, a pessoa ideal para conduzir a coluna de marcha em território hostil⁵². O adail servia como um guia; no entanto, o seu cargo necessitava que a pessoa que o ocupasse fosse de uma indubitável lealdade, sob pena de a hoste ser conduzida diretamente ao encontro dos seus

⁴⁹ *Idem, ibidem*, cap. XXII, p. 46.

⁵⁰ *Idem, ibidem*, cap. CLX, pp. 337-338.

⁵¹ MONTEIRO, João Gouveia, *A Guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 225.

⁵² MARTINS, Miguel Gomes, *A Arte da Guerra em Portugal*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2014, p. 373.

inimigos. Uma traição de um adail poderia trazer consequências realmente graves a uma expedição. E, mesmo que fosse inteiramente leal, ele poderia errar o caminho, levando a algumas complicações e ao atraso da expedição.

Nas crônicas, o adail aparece bastantes vezes referido, sobretudo na *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses*, sendo auxiliado pelos almogávares⁵³ para exploração do terreno e, sobretudo, para observar a localização das aldeias mouras que iriam depois ser assaltadas pelos portugueses de Ceuta, para roubo de mantimentos. Por isso, quando capturados, eram normalmente mortos, tal como podemos observar através do seguinte trecho:

*“O Conde mandou que lhe fizessem chamar o Adail, e a Affonso Marques pera lhe avisarem de humas Aldeas, que eram sobra Agua de Ramel, e foram-se logo em aquella noite lançar além do Porto da Calçada (...) e Affonso Munhoz, e outros seis foram presos, mas dès que os Mouros souberom como elle era Adail quizerãno matar, senão fora o Alcayde d’Alcacer a que chamao Azaem, que por fazer prazer ao Conde o não quis matar (...)”*⁵⁴.

Outro trecho mostra-nos quando Gonçalo Velho se dirige para atacar outra aldeia moura, e o guia se perde:

*“ (...) e certamente que se o Adail nom errara a vereda, o monte fôra tomado, de que Gonçalo Velho foy muito anojado, e quizera matar o Adail, senão fora per alguns requerido pera o contrario (...)”*⁵⁵.

O adail deveria ser, portanto, possuidor de uma grande sabedoria para levar a hoste ao seu destino, guardando-a de possíveis perigos, orientando o exército para pontos de água, erva e lenha quando era necessário elaborar o acampamento, sabendo quais os melhores locais para realizar emboscadas aos inimigos e evitar locais que pudessem ser suspeitos. Era também ele que dirigia todo o sistema de exploração do terreno que seguia na frente da coluna de marcha, sistema esse constituído por batedores e por espíões, visando evitar os perigos e garantir a

⁵³ Os almogávares constituíam sobretudo a vanguarda, e encontravam-se sobretudo estacionados junto da fronteira entre cristãos e muçulmanos. ECHEVARRIA, Ana, “Almogaveres”, in Clifford J. Rogers (ed.), *The Oxford Encyclopedia of Medieval Warfare and Military Technology*, volume 2, Oxford, Oxford University Press, 2010, p. 37.

⁵⁴ ZURARA, Gomes Eanes, *CCDPM, Parte I*, cap. LII, pp. 153-154.

⁵⁵ *Idem, ibidem*, cap. IX, pp. 268-269.

proteção da hoste⁵⁶. Eram, igualmente, indivíduos que deveriam ser capazes de enfrentar contrariedades, como o facto de errarem no caminho, perderem-se ou sofrerem armadilhas por parte dos inimigos. Deveriam permanecer por isso bastante alerta, sempre atentos, preservando a prudência, sobretudo na tomada de decisões. Segundo Miguel Gomes Martins, este será um cargo que irá perder alguma importância em Portugal a partir de Duzentos, devido ao final da Reconquista⁵⁷. No entanto, é um ofício que se irá manter, e que irá sempre possuir alguma relevância na condução da hoste, sobretudo quando o caminho é desconhecido (por isso aparecem sobretudo referenciados na *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses*), e será sempre usado como guia na coluna de marcha, mesmo em Portugal, como adiante veremos.

Por fim, completando esta revisitação dos cargos presentes numa hoste, encontramos os capitães, que representavam os principais vassallos régios, enquadrando os diversos guerreiros presentes no exército. Acabavam por mitigar uma fragmentação demasiado elevada da hoste, que era composta por grandes grupos que correspondiam aos principais senhores e aos seus homens de mão, ou às tropas concelhias. Nestes grupos, apresentavam-se todas as gentes que provinham dos senhorios e também cavaleiros que integravam a hoste a título individual. Uma tal organização permitia um maior controlo da hoste, visto que, se esta estivesse dividida em unidades muito pequenas, era mais difícil fazer chegar as indicações do comando⁵⁸. Eram-lhes, sobretudo, atribuídas missões específicas; por exemplo, observamos em duas entradas da *Crónica de D. João I* que havia sido atribuída a certos capitães a guarda e recolha de azêmolas e de forragens. Em janeiro de 1386, aquando do cerco de Chaves, encontramos um trecho que refere os capitães que guardam as azêmolas:

*“E el-Rey mandaua muy ameude aa forragem, e emtrauom per Galliza a oito e dez legoas, a terra de Porqueira e de Sandiaães e dAlhariz e outros logares daquela comarca, e boons capitaães em guarda das azemellas, que sempre hiam bem duas mjll, e as vezes mais; e uinham carregadas de pam e de carnes e de castanhas e nozes e doutros mantimentos, e dalgum pouco de uinho (...)”*⁵⁹.

⁵⁶ MARTINS, Miguel Gomes, *A Arte da Guerra em Portugal*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2014, p. 374.

⁵⁷ *Idem, ibidem*.

⁵⁸ MONTEIRO, João Gouveia, “Estratégia e Tática Militares”, in *Nova História Militar de Portugal*, volume 1, Rio de Mouros, Círculo de Leitores, 2003, p. 218, e MARTINS, Miguel Gomes, *A Arte da Guerra em Portugal*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2014, p. 375.

⁵⁹ LOPES, Fernão, *CDJ, Parte II*, cap. LXV, pp. 155-156.

E também, em junho de 1386, aquando do cerco de Coira, podemos verificar o que acima foi dito:

*“E os capitães que eram em guarda da forragem ouuerom conselho de nom hir por deante, e tornaram-se ao arreall com aquellas azemellas (...)”*⁶⁰.

Numa referência presente na *Crónica do Condestabre*, observamos a composição da vanguarda e da retaguarda, que incluía capitães:

*“E hy ouuerõ cõselho: sobre a maneira q aviã de ter e avido seu cõselho ordenarõ sua hyda em esta guisa. Repartirã certos senhores e capitaaês que leuassem a vanguarda. E com eles na vanguarda hya Nuno Alvarez: e outros senhores e capitaaês com çerta gente a que foy dado carregado da rreguarda (...)”*⁶¹.

No seio da cadeia de comando distribuía-se, portanto, os diversos comandantes dos contingentes que compunham a hoste régia.

Tendo observado como era composta a cadeia de comando de um exército, podemos agora avançar para o tema central deste capítulo, que é a coluna de marcha.

1.2 A coluna de marcha

Um exército em marcha formava habitualmente numa única grande coluna, que poderia estender-se por diversos quilómetros. Em geral, salvo em situações de busca de alimentos em contexto de pouco risco, a hoste evitava dividir-se em várias pequenas colunas isoladas, o que poderia implicar maiores perigos, visto que ficaria mais vulnerável a ataques inimigos. A configuração das estradas medievais também contribuía para a concentração das tropas, visto que não teriam mais do que três a cinco metros de largura. Além disso, marchar de outra forma faria com que a coluna perdesse capacidade de defesa e de ataque⁶².

A coluna de marcha era constituída por homens de pé, pela cavalaria e pelo extenso trem de apoio que acompanhava sempre uma hoste em movimento. A hoste devia ser também

⁶⁰ *Idem, ibidem*, cap. LXXV, p. 174.

⁶¹ *CDC*, cap. IX, p.18

⁶² FITZ, Francisco García, *Castilla y León frente al Islam*, Sevilha, Universidade de Sevilha, 2005, p.150.

acompanhada por mesteirais (carpinteiros, ferreiros, entre outros), no caso de ser necessário construir algum engenho de cerco, reparar armas ou improvisar uma ponte.

A coluna formava, portanto, uma extensa linha que teria em largura dois homens a cavalo avançando lado a lado ou, no caso de se tratar de gentes apeadas, três homens, em fileiras que, em profundidade, distariam cerca de 1,5 a 2 metros entre si⁶³. No caso da cavalaria, a profundidade era um pouco superior, dado o espaço ocupado pelo cavalo, pelo que as fileiras estariam distanciadas cerca de 2,5 a 3 metros⁶⁴. Através dos valores apresentados, podemos então perceber que, de facto, uma hoste se estenderia por diversos quilómetros, tanto mais que há que considerar também a extensa carriagem, que um exército poderoso levaria sempre bem apetrechada. A velocidade da coluna seria, portanto, baixa, sobretudo quando carregada com um extenso trem de apoio, pelo que o líder da hoste deveria assegurar-se de que a coluna marcharia toda a um ritmo cadenciado e disciplinado, de modo a não cavar um grande espaço entre a vanguarda e a retaguarda; até porque, no caso de um ataque inimigo, seria mais fácil socorrerem-se mutuamente⁶⁵. A cavalaria não deveria exceder os 6 a 7 km por hora, e a infantaria dificilmente avançaria mais do que 4,5 km no mesmo espaço de tempo. O que significa que, na melhor das hipóteses, e salvo situações excepcionais, uma hoste tardo-medieval portuguesa faria etapas de cerca de 30 a 35 km por dia⁶⁶.

Pelo que nos foi dado a ler nas crónicas quatrocentistas portuguesas, podemos concluir que existem dois tipos de coluna de marcha: a que é formada quando não existe perigo à vista; e a que progride em território inimigo, ou com o adversário na proximidade.

No primeiro caso, a peonagem poderia ir no início da coluna, evitando assim o desconforto de levar com o pó causado pelos cavalos. De seguida, viria a carriagem, ficando sempre a meio da coluna (como mais à frente poderemos verificar); a fechar, viria a cavalaria. Podemos observar esta formação de marcha na *Crónica de D. Fernando*, quando, durante a terceira guerra fernandina, se prepara em Portalegre uma incursão em Castela e se avança para Elvas:

“(...) rrepartirom certos capitães que leuassem a avanguarda (...); e porque entenderom que ainda podiam hir sem empacho dos emmiigos ataa Eluas, hordenarom que

⁶³ MARTINS, Miguel Gomes, *A Arte da Guerra em Portugal*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2014, p. 377.

⁶⁴ *Idem, ibidem*.

⁶⁵ FITZ, Francisco García, *Castilla y León frente al Islam*, Sevilha, Universidade de Sevilha, 2005, p.153.

⁶⁶ MONTEIRO, João Gouveia, *A Guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 231.

*todollos homens de pee e carriagem fossem pelo caminho direito ante a avanguarda, rregidos e concertados pera qualquer cousa que lhes avehesse (...)*⁶⁷.

Será igualmente de considerar que, durante esta marcha, mais ‘relaxada’, os homens não iriam totalmente armados, pelo que as suas armas e armaduras eram transportadas na carriagem de apoio.

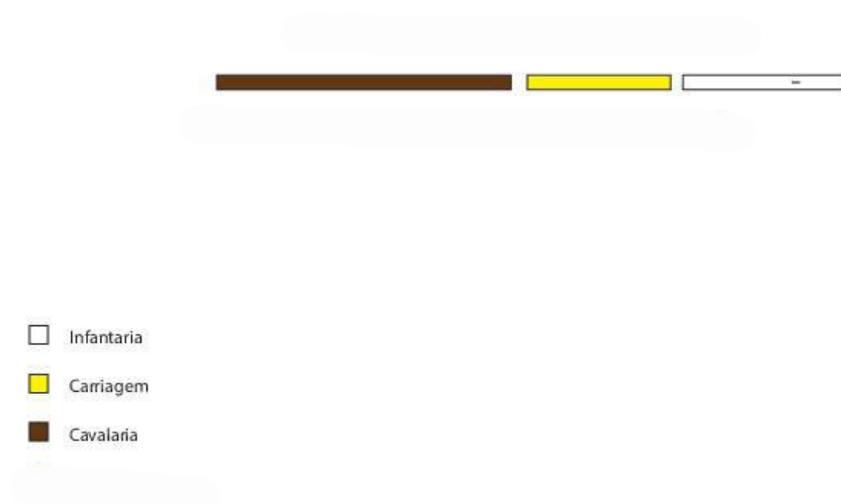


Figure 1 - Representação de uma possível coluna de marcha sem perigo na proximidade

No caso de a coluna avançar em situação de perigo, esta deveria levar uma ordem que, em caso de batalha, permitisse que rapidamente se colocassem em posição de combate⁶⁸. Segundo as crónicas, a vanguarda da coluna era sempre entregue à cavalaria e o seu comando ao condestável, a seguir iriam os homens de pé, a carriagem e as alas direita e esquerda, que ladeavam o trem de apoio e a coluna de modo a melhor protegerem a marcha; por fim, na

⁶⁷ LOPES, Fernão, *CDF*, cap. CXX, p. 430.

⁶⁸ MONTEIRO, João Gouveia, *A Guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 230.

retaguarda, seguia o rei. Eis o que podemos deduzir desta passagem de Fernão Lopes, situada em agosto de 1385 (antes da batalha de Aljubarrota), quando D. João I parte de Tomar:

*“Partio estomçe el-Rey de Tomar com aquella hordenamça que ally fezera: o Comdestabre na avanguarda e allas, o page (tendo) o balsom tendido e o alfferez a bandeira na fumda, e el-Rey na retaguarda com aquelles que era hordenado; e com este regimento chegarom a Ourem, que eram dally tres legoas (...) Ao sábadó seguynte partio el-Rey dOurem, e o Condestabre antel com a auamguarda (...)”*⁶⁹.

Também quando, em 1386, D. João I e o Duque de Lencastre partem para Benavente dos Campos, podemos observar a ordem da coluna de marcha, no seguinte trecho:

*“ E camjnhando pera alla, hiam hordenados todos em batalha a cavallo, saber, Nunalvarez Pereira, comdestabre de Portugal, e Monsire Joham dOlamda, comdestabre do Duque, na auamguarda, e o Priol do Spitall; e em huuma das allas Martym Vaasquez da Cunha e Gill Vaasquez e Lopo Vaasquez, seus jimaãos, e a gente de suas (terras), ca el era doemte e nom podia la hir. E leuauom em uez de bamdeira huum gramde prumam e huuma lamça darmas, porque o Metre nom tragia bamdeira des que fora preso com o Priol do Crato em Tores Nouas, como já ouujstes. (...) E na retaguarda hija el-Rey e o Duque com muyta gente darmas, e a carriagem toda em meo; e tomaua gram praça de campo a ordenamça destes gemtes, que era assaz fremossa de uer e espantossa a seus emmjgos ”*⁷⁰.

No entanto, a retaguarda, bem como a carriagem, era um dos pontos mais vulneráveis da coluna de marcha. Comparando com uma coluna de marcha romana, observamos que nesta a retaguarda era sobretudo atribuída a coortes auxiliares e a novos recrutas⁷¹, enquanto na testa da coluna iria um corpo de cavalaria descobrindo terreno, sendo que as legiões e as bagagens seguiam sempre a meio da coluna, devidamente protegidas pelas alas. Também o general ia sempre no centro da coluna, protegido pela sua guarda⁷². Já na coluna de marcha medieval, é ao rei que era entregue a retaguarda. De facto, em caso de batalha, este encontrar-se-ia já no seu devido lugar. Caso a coluna fosse confrontada com o inimigo, toda a hoste

⁶⁹ LOPES, Fernão, *CDJ, Parte II*, cap. XXXIII, pp 70-71.

⁷⁰ *Idem, ibidem*, cap. C, pp. 213-215.

⁷¹ LE BOHEC, Yann, *L'armée Romaine sous le Haut-Empire*, Paris, Éditions A. et J. Picard, 3^{ème} édition (revue et augmentée), 2002, pp.138-139.

⁷² MENENDEZ ARGUIN, Raul, Adolfo, *El Ejército Romano en Campaña*, España, Universidade de Sevilha, Secretariado de Publicaciones, 2011, p. 272.

rapidamente se colocava nas posições de combate previamente estabelecidas. Mas, na coluna de marcha, a retaguarda era uma posição de elevado risco, uma vez que dava as costas ao inimigo e podia ser mais facilmente surpreendida. As crónicas de Fernão Lopes apresentam-nos uma solução para responder a esta questão de como poderia então defender-se o rei, se a retaguarda se encontrasse em perigo. Em 1387, quando a hoste regressa a Portugal, ainda durante a campanha leonesa com o Duque de Lencastre, a retaguarda é atacada pelos castelhanos:

“A hoste vijinha bem hordenada com sua avanguarda e allas e a carriagem em meo e el-Rey e o Duque na reguarda. Diogo Lopez, deseiamdo de lhe fazer nojo, chegou-sse tamto aa gente da reguarda que eram acerca de os poder remessar. El-Rey, quamdo vyo que tal fouteza mostrauom contra elle, movido com sanha passou pella cariagem e chegou a avanguarda e allas, e disse ao Comde que se alguma gente leuaua bem emcaualgada, que a escolhesse (e) el jisso mesmo mandarya da sua, e que fossem aaquellas gentes que tal desprezamento mostrauom contra elle. O Comde disse que tam bem emcaualgada gemte nom tragia e que tal escolha faria gram detemça, mas que passase a cariagem e el com a reguarda, e el hiria a eles com esses que o seguir podessem. Emtom passou a cariagem e desy el-Rey cuydando os emmigos que o faziam com medo”⁷³.

Em síntese, D. João I vai até a vanguarda chamar o condestabre e trocam de lugares, de modo a manter o rei a salvo. É o que podemos confirmar num trecho mais à frente, no capítulo seguinte da crónica, assim que a ameaça passou:

“Tornou-sse o Comde a avanguarda e a hoste aa hordenança em que amte vinha, e pousarom naquele camjnho damtre Sallamanca e Ledesma”⁷⁴.

Apesar do que dissemos, algumas questões permanecem: por que razão se colocaria o rei em tal perigo? Por que motivo ocupava na coluna de marcha um dos lugares de maior vulnerabilidade? Porque não ir no seguimento da vanguarda, perto do centro da coluna, apoiado pelas alas? É certo que o facto de ir na retaguarda o protegia do primeiro impacto com os inimigos, não o colocando na linha da frente da coluna. No entanto, a retaguarda era um dos pontos mais vulneráveis: mais facilmente podia ser atacada e era mais difícil de

⁷³ LOPES, Fernão, *CDJ, Parte II*, cap. CXI, p. 232.

⁷⁴ *Idem, ibidem*, cap. CXII, p. 233-234.

defender, uma vez que mostrava as costas ao inimigo. No entanto, se o rei ia na retaguarda, seria de supor que esta estivesse ainda mais bem protegida, reforçada de homens. Segundo García Fitz, a vanguarda e a retaguarda da coluna seriam desiguais em termos de força e de tamanho, sendo na retaguarda que se encontraria a força maior. Isto não só porque a retaguarda era um dos pontos mais vulneráveis da coluna, como também devido a um fator psicológico: é que custava mais aos homens da vanguarda terem de ir em ajuda da retaguarda, em caso de perigo, do que o contrário⁷⁵. Assim, dispondo a retaguarda de uma guarda muito mais numerosa, pode aqui encontrar-se uma das razões para ser este o lugar onde o rei viajava.

Os trechos que acima transcrevemos mostram igualmente que a vanguarda e a retaguarda não deveriam estar demasiado distantes uma da outra, visto que foi possível ao rei e ao condestabre trocarem de lugares. Aliás, esse era um dos pontos mais importantes que se deveria considerar ao dispor em ordem de marcha uma coluna: a vanguarda e a retaguarda nunca deveriam estar muito separadas, para que em caso de ataque se pudessem auxiliar mutuamente.

Devemos igualmente notar que deveria existir na coluna de marcha um bom sistema de comunicação, liderado por “estafetas” que comunicavam entre a vanguarda e a retaguarda⁷⁶. Bem como deveria garantir-se que todos os elementos que formavam a coluna (vanguarda, retaguarda e alas) se mantivessem em contacto e sempre à vista uns dos outros (como acima mencionado), visto que, se um destes perdesse o contacto visual com o resto da coluna, poderia ficar isolado e perdido em território inimigo⁷⁷. Outro trecho das crónicas que confirma o perigo da retaguarda e o não excessivo distanciamento desta relativamente à vanguarda reporta-se a 1385, quando Nuno Álvares andava por Castela, antes da batalha de Valverde, e tinha no seu encalço um conjunto de castelhanos:

“E vio que estaua em grande pressa por que a gente dos castellaãos que detrás eram: que erã asaz de muytos os seguiam e afficauam. E quãdo esto vyo mãdou a gente da sua auãnguarda q esteuessem quedos: e cõ eles a sua bãdeira: ataa que elle fosse rrecolher a rreguarda e allas: e carriagem: e gaados: e prissoeiros que traziam. E de feyto leixou ally a bandeira e a vanguarda: e se foy a rreguarda : e allas: e carriagem: e fez todo abalar por diãte. (...) E estado o Cõdeestabre em este fazer que nom era mujto viçosso oolhou por detrás

⁷⁵ FITZ, Francisco García, *Castilla y León frente al Islam*, Sevilha, Universidade de Sevilha, 2005, p.152.

⁷⁶ MONTEIRO, João Gouveia, *A Guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 234.

⁷⁷ FITZ, Francisco García, *Castilla y León frente al Islam*, Sevilha, Universidade de Sevilha, 2005, p.155-154.

e vyo que a rreguarda q era já em muyto mayor trabalho q da primeira vez: em tâto que lhe parecia q de todo era desbaratada: por aqual razão lhe foy forçado de cessar da obra em q estaua: e foys e outra vez aa rreguarda. E leixãdo ally naquele lugar a bãdeyra e a vãguarda (...) E quãdo já hy chegou achou toda a jeente que hyã na auãguarda que estauam assentados: e com muy pouco esforço do que lhe muyto pesou”⁷⁸.

Este trecho ajuda-nos a corroborar o que foi explicado mais acima, salientando novamente a questão da escolha do lugar do rei.

A coluna que marchava com o inimigo por perto deveria apresentar este dispositivo:

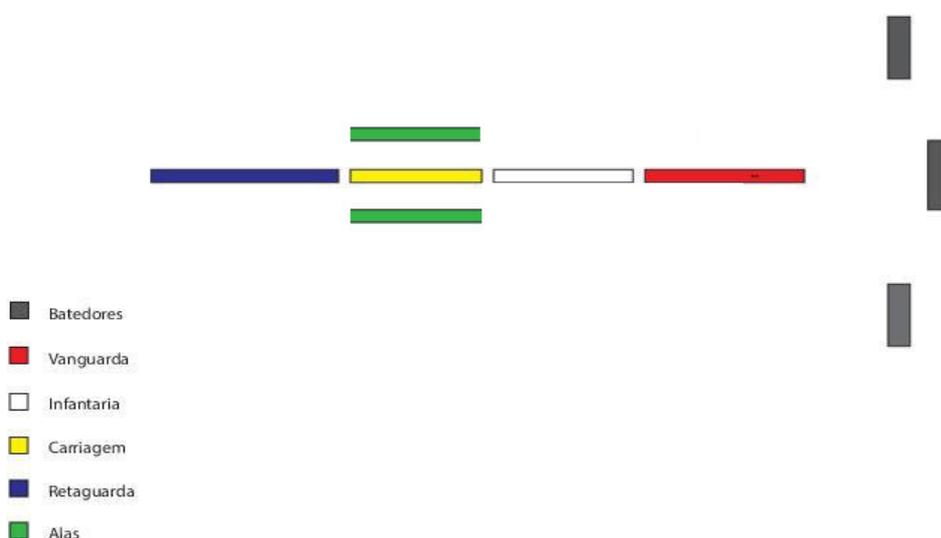


Figure 2 - Representação de uma possível coluna de marcha de aproximação ou em proximidade do inimigo.

A coluna de marcha apresentava, portanto, algumas fraquezas. Um dos principais cuidados que deveria ter era aquando do regresso, uma vez que homens inebriados pela vitória estariam menos atentos a possíveis ataques, tornando-se presas fáceis para o inimigo⁷⁹. Também o trem de apoio se apresentava como uma das partes mais vulneráveis da coluna, por isso era sempre colocado no meio, ladeado pelas alas. Se observarmos novamente a coluna

⁷⁸ CDC, cap. LIV, pp.136-138.

⁷⁹ Se olharmos com mais atenção para o episódio da crónica acima apresentado, que representa Nuno Álvares antes batalha de Valverde, vemos que ele é assediado pelos castelhanos quando regressa a Portugal com todo o seu saque.

romana, podemos ver que também as bagagens iam no centro, bem como muitas vezes o tesouro transportado pelas legiões, pelo que eram bem protegidos com a ajuda de arqueiros e, sobretudo, das alas⁸⁰. As bagagens representavam, para os romanos, o ponto mais vulnerável da coluna de marcha, por isso deveriam ser colocadas sempre no local oposto àquele de onde o inimigo poderia aparecer, seguindo quase sempre no centro da coluna, quando não se sabia onde estava o adversário⁸¹. Isto porque era na carriagem que iam todos os pertences dos homens de armas e, em caso de ataque, eles tinham tendência para abandonar as fileiras, de modo a tentarem salvar os seus bens. Os flancos da coluna também se caracterizavam por serem um dos pontos mais vulneráveis, daí a necessidade de manter as alas em estado de alerta permanente. Ataques laterais por parte do inimigo seriam mais difíceis de defender, sobretudo se acontecessem em passagens mais ingratas, como por exemplo nos desfiladeiros.

No entanto, a coluna também enfrentava outro género de perigos, como os guias que muitas vezes se perdiam ou erravam o caminho, as tempestades, a fome, bem como as passagens difíceis que poderiam causar perdas gravíssimas. A marcha era especialmente delicada quando uma hoste se encontrava mais vulnerável, quando facilmente poderia ser emboscada, daí a necessidade de conhecer bem o caminho que iria levar, de antecipar os obstáculos que pudessem surgir e de se precaver devidamente, em especial numa passagem difícil, como na travessia de um curso de água ou de uma montanha. Era, portanto, necessário escolher o caminho mais acertado para levar a cabo a expedição, de modo a garantir o seu sucesso. Daí a grande importância dos adais e dos mapas itinerários, que deveriam exibir ilustrações, de modo a facilitar as escolhas do comandante em relação ao caminho, baseadas no aspecto visual e no cálculo das distâncias⁸². No entanto, acontecia muitas vezes, sobretudo quando uma hoste decidia viajar de noite, que os guias se perdessem, ou que, devido a tempestades, errassem o caminho; as crónicas referem alguns episódios em que os guias se perdem ou se enganam no caminho. Um deles acontece quando, em 1384, Nuno Álvares Pereira decide avançar até Almada, sorrateiramente e numa marcha relâmpago:

“E amdou toda aquella noite bem sete legoas, e as mais dellas fora do caminho. E as guias nom sendo bem çertas, desi as treevas huñ pouco espessas, cuidarom que era já preto dAlmadaã; e NunAlvarez se deteve já quamto, e dormiram senhos poucos; e quamdo sse

⁸⁰ MENENDEZ ARGUIN, Raul, Adolfo, *El Ejército Romano en Campaña*, España, Universidade de Sevilha, Secretariado de Publicaciones, 2011, p. 272.

⁸¹ LE BOHEC, Yann, *L'Armée Romaine sous le Haut-Empire*, Paris, Éditions A. et J. Picard, 3^{ème} édition (revue et augmentée), 2002, p.139.

⁸² MONTEIRO, João Gouveia, *A Guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 232.

levantaram e começou de amanhecer, virom que eram mais lomge do logar que pemssavom”⁸³.

No trecho seguinte, referente a 1384, quando o Mestre de Avis ia a caminho de tomar Sintra, a hoste é apanhada por uma grande tempestade, que ao chegar da noite levou a que o guia se perdesse. E também os homens se começaram a perder uns dos outros, pelo que nunca chegaram a atingir o destino pretendido:

“ E huïa segumda feira aos viimte e quatro dias daquell mês doutubro, que era o dia amtrelles devisado, pouco mais, dhora de vespora, mamdou o Meestre sahir fora da çidade (...) E eles himdo pelo caminho, nõ mui lomge çidade, naçerom no çeeo hũas leves nuvêes com escuro emvorilhamento molhamdo a terra de ligeiros orvalhas; e creçemdo mais sua espessura, foi assi ho aar cuberto de negridom chuivosa (...) assi que os rios creçemdo fora de mesura e cobrimdo as acostumadas pomtes, aadur eram os homeês ousados de provar seu medroso passamento. O Meestre nom embargamdo isto, seguia seu caminho passo a passo (...) Em esto comeos, seemdo já as treuas de todo carradas, com infernall escuridom, naço de sospeita huï pesado soom avomdososo de grandes vemtos mesturados com sarraçom e saraiva (...) Em tamto que a guia que os levava, pordeo de todo ho esmo da terra, que mui notavellmente sabia, e as gemtes começaram de sse esperder huï dos outros e nom sabiam que fazer, nem pera homde fossem, seemdo já hũas quatro legoas da çidade, segumdo a manhaã depois mostrou. Delles açertavom per aquecimento em casaaes e faziam sahir fora seus donos que lhe mostrassem per homde aviam dhir; e nehuï podia dizer nem mostrar cousa que lhes aproveitar podesse. Huï topavam com os outros nom veemdo caminho nem em que logar eram, e leixavomsse estar quedos, espamtados de tam desmesurada noite”⁸⁴.

Já em 1386, quando D. João I se encontra a cercar Vila Lobos e envia alguns homens em busca da erva, levanta-se um grande nevoeiro. O facto leva os homens a errarem o caminho de regresso ao arraial, acabando inadvertidamente por esbarrar nos inimigos:

“E partimdo do areall as azemellas e muytos dos que hiam por guarda dellas, ficarom detrás per aquecimento Martym Vaasquez e Gill Vaasquez e Lopo Vaasquez, seus irmaãos, e Maaborny e Louremço Martiinz do Avellar e Joham Portella, e doutros escudeiros e

⁸³ LOPES, Fernão, *CDJ, Parte I*, cap. CXLVII, p. 265.

⁸⁴ *Idem, ibidem*, cap. CLXIV, pp. 309-310.

*caualleiros ataa dezoyto; e hiam fallamdo muyto de seu vagar fazemdo aquell dia huum gram neuoeiro e a menhãa nom bem descuberta. E sem paramdo mentes que tera leuauom per aazo daquell espesso aar, erarom o camjnho. E seemdo já huuma gramde legoa do arreal, forom dar comsigo na ribeira que vem de Mayorgas, homde jaziam iijº. Lamças de castellaãos (...)*⁸⁵.

Este trecho identifica bem um dos principais perigos da coluna de marcha, mostrando também o porquê da necessidade de batedores (liderados pelo adaíl) que seguissem na frente, de forma a prevenir incidentes e encontros menos desejados.

Em outro trecho, este da *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses*, Zurara descreve um episódio no qual o conde D. Pedro tenta atacar a aldeia de Alvergal, e no caminho é atingido por uma tempestade, levando a que o guia erre o caminho. E quando o conde procura de entre os seus homens quem mais poderia guiar a hoste, muitos dos que na cidade haviam dito que conheciam a terra também não conseguiam encontrar o itinerário certo:

*“ (...) partio da cidade, e tanto que foi fôra começou de chover, e fazer tormenta, e vento frio tam desordenado, que as gentes so nom sabiam dar a conselho, e sendo em cima do Cannaveal achou muita gente estar queda no caminho aguardando por elle; caa pelo grande escuro, que fazia, não sabiam se hiam errados dos outros; alli mandou o Conde dous de cavallo com eles, e deteve-se hum pouco, até que entendeo, que poderiam hir huma boa peça, e então encaminhou tras eles, os quaes alcançou em cima do Porto em huma covoadá, que alli ha, onde fez fazer sinal a todos que decessem, e que dessem cevada a seus cavallos; caa lhe disserom os Almogavares, que se mais fosse adiante, que poderiam ser sentidos, e depois que alli jouvêraõ huma boa peça, tornou o Conde a cavalgar, e começou a seguir os outros, e sendo em cima da serra, a guia errou o caminho, e trazia a gente de hum cabo pera o outro, até que foi acerca da manhã: o Conde vendo o enlhecimento de sua guia fez estar quedos os de cavallo, e assy os de pee, e fez chamar alguns, que perante elle na cidade fingiraõ muito, que sabiam a terra e perguntou-lhes pelo caminho, e brevemente todosse acháraõ enlheados em elle, e assy estiverom hum grande pedaço, e com ello o vento, e a chuva, e o frio cada vez era maior, em tanto que todo-los de cavallo, e de pee lhe disserom que lhe pediam por mercê que se tornasse (...)”*⁸⁶.

⁸⁵ LOPES, Fernão, *CDJ, Parte II*, cap. CVIII, p. 224.

⁸⁶ ZURARA, Gomes Eanes de, *CCDPM, livro I*, cap. L, pp. 146-147.

Como podemos observar, era possível, em condições adversas, um bom guia perder-se, o que poderia causar sérias dificuldades. Mas também podemos observar que era frequente a hoste andar de noite, de modo a esconder-se do inimigo. Nas crónicas quatrocentistas, observamos que este método era sobretudo utilizado por Nuno Álvares Pereira e também pelo Conde D. Pedro de Meneses, quando este atacava as aldeias mouras do Norte de África para roubar comida.

Em que altura do dia era preferível uma hoste pôr-se a caminho? A noite poderia protegê-la dos inimigos, mas também poderia alertá-los, pois precisariam de tochas para iluminar o caminho e isso poderia muito bem denunciar a expedição. No entanto, as crónicas não mostram qualquer episódio em que tal tenha acontecido; quando andam de noite (e é sobretudo de noite que as crónicas descrevem as campanhas) são sempre bem-sucedidos, a não ser que o guia erre o caminho ou que rebente uma tempestade que os impeça de chegar ao destino. São vários os exemplos que temos sobre estas marchas noturnas. Em 1383-84, no contexto das reações à aclamação de D. Beatriz como rainha de Portugal, os partidários do mestre de Avis decidem tomar o castelo de Beja e...

“...Gomçallo Nunez como esto soube, levou consigo çimquoemta de cavallo, e cemto amtre besteiros e homens de pee; e amdarom toda a noite em guisa que chagarom allo amte manhã (...)”⁸⁷.

Também em 1384, quando Lisboa estava sob cerco castelhano, Nuno Álvares vai falar com o Mestre, entrando num batel a meio da noite para chegar a cidade:

“Nuno Alvarez despezamdo todo sonho e agoyro vão, nom mudou teemçom do que preposto tinha; e entrou no batel com alguïs seus a horas de mea noite (...)”⁸⁸.

Outro caso interessante é o do conde D. Pedro de Meneses, quando este decide atacar uma aldeia moura; marcharam de noite até ao seu destino, mas depois ficaram à espera antes de atacar, com medo de não se reconhecerem uns aos outros no meio da escuridão:

“E assy foram seu caminho até que chegarão o lugar; e porque era ainda muito de noite sobreesteverão assy hum pedaço, porque se temerom, que na volta nom se conhecessem

⁸⁷ LOPES, Fernão, *CDJ, Parte I*, cap. XLII, p. 74.

⁸⁸ *Idem, ibidem*, cap. CLII, p. 282.

*huns com os outros; e tanto que começou de aparecer sinal de luz foram dar no Lugar com o maior arruído, que podiam (...)*⁸⁹.

Em 1384, de acordo com a *Crónica do Condestabre*, há um episódio no Alentejo durante o qual Nuno Álvares passa fome, devido ao facto de estar a pôr batalha aos castelhanos, na região de Évora, e estes não lha quererem dar; o fronteiro decide então regressar a esta cidade, com a intenção de voltar para a batalha no dia seguinte, mas a ‘retirada’ noturna não corre nada bem:

*“E Nunalvarez se tornou a Euora muy de noyte a dormir: com entençaõ de em outro dia tornar aa batalha: se lha quisessem dar. E a parte dos seus com cansaçõ do trabalho que aquelle dia ouuerõ: e por seer já muy alta noyte ficaram dormijndo per as vinhas.(...) E daqueles que pelas vinhas ficaram dormijndo pêsando elle que consigo os trazia todos: ante sy foram delles presos e alguũs mortos dos castellaãos q os achauam pelas uinhas (...)*⁹⁰.

Este trecho, demonstra muito bem os perigos que se corria ao marchar de noite, sobretudo em retirada. Alguns homens ficaram para trás, meio adormecidos, nas vinhas, e foram apanhados pelos castelhanos. Ficaram nas vinhas porque estariam cheios de fome, devido à falta de mantimentos, como se poderá confirmar no capítulo seguinte deste trabalho.

Outro obstáculo que poderia surgir a uma hoste era a necessidade de ela própria ter de rasgar o caminho pelo qual teria de passar. Em 1434, o filho do conde D. Pedro de Meneses, D. Duarte, encaminha-se para atacar uma aldeia; para esse efeito, envia diante da coluna certos homens para abrirem o caminho, os quais demoraram toda a noite nesse trabalho:

“Todos acordarom que o feito era pera cometer sem nenhum recêo, e que o caminho se fizesse a despeito dos Mouros, e alli acordarom logo o dia em que aviam de partir avisando Martim de Çamora, e outro que se chamava Visente que levassem certos homens de seu officio, que fossem diante fazendo o caminho em aquelles lugares onde sentisse, que cumpria, hindo Dom Duarte com a outra gente nas costas, pera os amparar dos contrarios, se lhes viessem ao encontro; e antre a detença de fazer do caminho e o espaço que era

⁸⁹ ZURARA, Gomes Eanes de, *CCDPM, livro I*, cap. XXIV, p.71.

⁹⁰ *CC*, cap. XXXIV, pp.84-86.

grande da cidade aaquelle lugar que saõ legoas, desponderom toda a noite em auelle trabalho (...)”⁹¹.

A travessia de rios (sobretudo os mais caudalosos) era igualmente um dos grandes obstáculos que se podia oferecer a uma coluna de marcha, pelo que a hoste deveria tomar todo o cuidado e estudar uma forma de passagem em segurança. Mais adiante, explicaremos em pormenor que formas utilizava a hoste para a travessia e falaremos dos perigos que corria.

Tendo acabado de enumerar os diversos perigos em que uma coluna de marcha poderia incorrer, temos de analisar um dos pontos mais vulneráveis com algum pormenor: referimo-nos à carriagem ou trem de apoio, onde se transportavam todos os pertences dos guerreiros, os mantimentos para a expedição, as tendas para os acampamentos, as diversas munições necessárias para os arqueiros, bem como todos os instrumentos de construção de engenhos de combate, de montagem do acampamento e ainda as ferramentas necessárias para o caso de a hoste ter de abrir o seu próprio caminho.

A carriagem encontrar-se-ia segmentada em três núcleos fundamentais. Um primeiro núcleo seria o das diversas cabeças de gado de que a hoste se fazia acompanhar, de modo a garantir uma parte do seu abastecimento; depois, teríamos todos os carros de bois que transportavam as bagagens dos homens de armas, bem como as forragens necessárias à sobrevivência; por último, havia o chamado “trem de combate”, que transportava as munições dos besteiros e dos arqueiros. Quando necessário, no entanto, a hoste também se faria acompanhar de um núcleo de artilharia.

O trem de apoio era, no seu conjunto, bastante extenso e pesado, atrasando o avanço da coluna e dificultando o seu andamento aquando de passagens mais perigosas. Era constituído por centenas de carroças e de animais, que transportavam parte dos elementos necessários à realização da campanha⁹².

Devido à sua extensão, a carriagem caracterizava-se por ser um dos pontos mais vulneráveis da coluna, visto que o seu avanço era lento, pesado e, por isso, mais fácil de ser alvo de um ataque inimigo. Deveria, portanto, ser alvo da maior proteção, sobretudo porque, como já avisámos, em caso de assalto os guerreiros poderiam abandonar os seus postos e dirigir-se à carriagem, numa tentativa desesperada para salvar os seus pertences.

⁹¹ ZURARA, Gomes Eanes de, *CCDPM, livro II*, cap. XXXII, p. 342.

⁹² Os alimentos que a hoste levava consigo no momento da partida apenas irão durar alguns dias, pelo que não podemos dizer que o trem de apoio transportava tudo o que era necessário à sobrevivência da expedição. O capítulo seguinte irá analisar com mais pormenor esta questão do abastecimento.

As crónicas não nos dão muitas pistas sobre este tema, mas ainda assim podemos verificar que, de facto, a carriagem deveria ser bastante extensa, pelo menos no momento do regresso de operações bem-sucedidas, quando os despojos eram mais volumosos; já sobre a composição da carriagem no momento da partida, pouco é referido. Em outubro de 1385, quando D. João I parte do Porto com intenção de ir assediar Chaves, tendo instalado o cerco apenas em janeiro de 1386, podemos encontrar uma referência genérica ao que a hoste transportava no momento em que se aproximava do Minho:

*“E partio el-Rey dally com suas gemtes e muytos caros com emgenhos e mantimentos e outras cousas a guerra pertencentes; e foy-sse peramte Doiro e Mjnho”*⁹³.

Sabemos que o trem de apoio era bem guardado, como acima foi referido, indo sempre a meio da coluna, visto que carregava consigo todos os pertences da hoste, os alimentos e o armamento, entre outras coisas.

Ainda sobre o tema das colunas de marcha, e de modo a concluir, é importante referir um episódio relatado na *Crónica da Tomada de Ceuta*. Quando, no verão de 1415, a frota avança em direção a Ceuta, encontramos uma interessante passagem, que descreve que os barcos iam uns atrás dos outros, formando uma espécie de ponte naval:

*“ E assy com aquella lediçe ajmda qye fosse vã, corregeram muy asinha todas suas cousas, de guisa que quamdo as trombetas fezeram sinall de partida, eles eram de todo prestes. e porque era em tal tempo como sabees, e era açerqua da tarde, (...) já a gallee delRey era açerqua dAljazira, quamdo o derradeiro nauio partia da pomta do Carneiro e assy hiam hordenados huï amte ho outro que nom parecia senom huïta pomte que chegaua de terra a terra”*⁹⁴.

Também as frotas eram cuidadosamente organizadas, isto é, levavam uma ordem; neste caso, é a galé do rei que vai a frente a indicar o caminho, enquanto o resto da armada vem mais atrás. Podemos dizer que formam uma espécie de “coluna de barcos” organizada e que também obedecia a sinais sonoros e visuais, para se comporem e darem início à viagem. Também no regresso a Portugal, é o rei quem vai a frente, sendo também neste trecho referido

⁹³ LOPES, Fernão, *CDJ, Parte II*, cap. LXIII, pp. 152-153.

⁹⁴ ZURARA, Gomes Eanes de, *CTC*, cap. LXV, pp. 187-188.

o uso de trombetas para assinalar o início da jornada. No entanto, neste caso, os marinheiros que levavam a galé do rei erraram o caminho, acabando por não conseguir ir dar a Faro, como se encontrava previsto. Quanto aos restantes navios da “coluna”, perdendo de vista o navio que consideravam como o seu farol, continuaram viagem para Faro:

“ E tanto que elRey foi dentro na gallee mamdou fazer sinall com suas trombetas, per que todollos outros nauios desfraldassem suas vellas seguimdo sua uiagem (...) E foi assy que os marinheiros da gallee delRey errarom a uiagem, e omde ouueram de hir a Faaram foram a Crasto Marim, e os outros nauios quamdo de noite perderam a uista do foroll, seguiram sua uiagem dereitamente a Faaram e queremdo hir per terra buscar elRey, açertoussse que sse ajuntarem todos em Tavilla ”⁹⁵.

Concluimos este subcapítulo dizendo que ainda existe muito por descobrir sobre a organização de uma coluna de marcha. Que cuidados eram utilizados (para além do reforço de combatentes) para permitir que o rei viajasse quase sempre na retaguarda, que era um dos pontos mais vulneráveis? Que recursos usava, exatamente, uma hoste para viajar de noite sem ser vista (por exemplo, como iria identificar o caminho se fosse em completa escuridão, e como guiaria os diversos animais que a acompanhavam)? Como poderia a coluna possuir uma ala direita e esquerda se as estradas romanas e medievais eram relativamente estreitas (formariam elas em sequência das outras unidades e não lateralmente)? Como era organizada, em pormenor, a carriagem? Se a coluna era acompanhada por mesteirais, quem eram eles exatamente (sobretudo ferreiros e carpinteiros)? Estas questões representam problemas para os quais ainda só temos respostas parciais.

1.3 Os armazéns de armas

Estando o exército em movimento, é necessário agora explicar de onde provinha todo o armamento que a hoste transportava consigo. A maior parte dos combatentes transportava a partir de suas casas o seu próprio armamento, que muitas vezes havia sido transmitido de geração em geração, pelo que os armazéns régios não abasteciam todos os combatentes.

O aparecimento de armazéns de armas da Coroa encontra-se numa fase muito embrionária durante a Idade Média, devido à não existência de tropas permanentes. No entanto, no final desta época, observamos uma crescente intervenção do Estado no que diz

⁹⁵ *Idem, ibidem*, cap. CI, pp. 265-266.

respeito ao equipamento militar e ao seu armazenamento. A organização de *stocks* possibilitava uma maior centralização e controlo do armamento disponível, bem como a sua melhor conservação. Permitia igualmente ao monarca uma melhor preparação para uma campanha, visto que teria conhecimento preciso de quantas armas poderia fornecer, e conseguiria, também, uma maior uniformização do equipamento militar⁹⁶.

Nas crónicas, encontramos diversas referências a armazéns. Sobretudo ao de Lisboa, que era o mais importante, conclusão a que chegámos por ser o mais referido e por parecer ser o maior. Na *Crónica de D. Fernando*, aparece diversas vezes referido como um local onde se poderia aceder ao armamento para defesa da cidade. como podemos observar através das seguintes passagens:

“(…) e do almazém de Lixboa levavom pera cada hũu logar as armas e cousas que mester avia pera sua defenssom”; “(…) começaram clérigos e frades de sse hir ao almazem d’el-rrei e armarem-se todos das armas que hi achavom (…)”⁹⁷.

Já sabemos também, graças a Fernão Lopes, que durante o cerco de Alenquer, em 1384, o Mestre de Avis mandou buscar ao armazém de Lisboa “(…) *por trõos e dous emgenhos e foromlhe levados em barcas (…)*”⁹⁸.

Segundo Miguel Gomes Martins, o armazém de Lisboa teria sido fundado nos finais da década de 1270⁹⁹; de acordo com João Gouveia Monteiro, localizar-se-ia no interior da muralha muçulmana de Lisboa, um pouco abaixo da Sé, perto de onde hoje está a Casa dos Bicos¹⁰⁰.

Através da *Crónica de D. João I*, podemos ver que, durante o cerco de Guimarães, em 1385, o rei mandou vir do Porto “*engenhos e armas*”¹⁰¹, o que indica que também o Porto possuiria um armazém. O arsenal do Porto é, no entanto, mais tardio do que o de Lisboa, tendo surgido por volta da década de 1320¹⁰².

⁹⁶ MARTINS, Miguel Gomes, *A Arte da Guerra em Portugal*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2014, p. 255.

⁹⁷ LOPES, Fernão, *CDJ*, cap. XXXVI, p. 120 e cap. LXXIII, p. 258.

⁹⁸ LOPES, Fernão, *CDJ, Parte I*, cap. CLXVI, pp. 313-314.

⁹⁹ MARTINS, Miguel Gomes, *A Arte da Guerra em Portugal*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2014, p. 256.

¹⁰⁰ MONTEIRO, João Gouveia, *Armeiros e Armazéns nos finais da Idade Média*, Viseu, Palimage Editores, 2001, p. 21.

¹⁰¹ LOPES, Fernão, *CDJ, Parte II*, cap. XII, p.24.

¹⁰² MARTINS, Miguel Gomes, *A Arte da Guerra em Portugal*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2014, p. 257.

Quase todos os castelos, senão todos, deveriam possuir um arsenal de armas, por muito pequeno que fosse, de modo a garantir a sua defesa. O problema principal, nos armazéns dos castelos, era a preservação do armamento, que muitas vezes não era devidamente assegurada, com exceção talvez dos das Ordens Militares, que deveriam ser mais rigorosamente controlados. Ainda assim, por vezes a Coroa ordenava também que os arsenais fossem fiscalizados, por ocasião de vistorias feitas ao estado dos castelos, de modo a garantir-se a boa preservação do equipamento¹⁰³.

A manutenção do armamento era um problema real nesta época, devido à corrosão e ao apodrecimento dos materiais, que danificavam as armas e as tornavam inutilizáveis. De modo a combater estes problemas, os armeiros utilizavam gorduras que serviam para lubrificar e olear as peças móveis, e também usavam azeite para preservar as armaduras da humidade¹⁰⁴. Quando nenhum destes agentes funcionava, os armeiros tentavam desenferujar as armas, de modo a torná-las úteis novamente. No que diz respeito a esta temática da conservação do armamento, as crónicas, porém, pouco ou nada referem, pelo que não poderemos aprofundar esta questão.

Os armeiros responsáveis pelo fabrico das armas que enchiam os armazéns eram muito apreciados e acarinhados pela Coroa. Esta garantia-lhes uma vida mais desafogada, incentivando a sua fixação em todas as cidades. Para além de armeiros nacionais, a Coroa prezava a presença de armeiros estrangeiros, devido às inovações que eles poderiam introduzir; nesse sentido, oferecia-lhes proteção e regalias várias enquanto estivessem a residir no reino, de forma a cativar a sua fixação. Também os mouros e os judeus se encontram ligados ao fabrico de armas; o que importava era que fossem bons mesteiros e que estivessem disponíveis para trabalhar onde fossem mais necessários. Os armeiros deveriam laborar em pequenos ateliês, mudando diversas vezes de cidade, pois, segundo João Gouveia Monteiro, atuavam quase sempre por conta própria¹⁰⁵.

Na *Crónica de D. Fernando*, encontramos uma preciosa referência ao início do fabrico de armas de fogo em Portugal, facto que deve ter coincidido com a chegada dos mercenários ingleses chefiados pelo Conde de Cambridge ao nosso reino:

¹⁰³ *Idem, ibidem.*

¹⁰⁴ MONTEIRO, João Gouveia, “Armazenamento e Conservação de Armas”, in *Nova História Militar de Portugal*, volume 1, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2003, p. 190.

¹⁰⁴ *Idem, ibidem.*

¹⁰⁵ MONTEIRO, João Gouveia, *Armeiros e Armazéns nos finais da Idade Média*, Viseu, Palimage Editores, 2001, p. 20.

*“El-rrei partio de Santarem e foy-sse caminho d’Evora (...) e alli mandou fazer engenhos e carros e bombardas e outros percebimentos de guerra (...)”*¹⁰⁶.

Já na Segunda Parte da *Crónica de D. João I*, num episódio relacionado com a chegada de cartas de D. João I a Lisboa pedindo gentes de armas à cidade e à vila de Sintra, em 1386, recolhemos um pedido de compra de bestas por parte do concelho de Lisboa:

*“E hordenaram que dessem a Estevam Vaasquez por razom da sua caudellarya pera compra de bestas e pera hir honradamente como compria, cinco mil liuras (...)”*¹⁰⁷.

A compra de armamento era, portanto, relativamente habitual por parte dos concelhos. Sabemos também que, nos finais da Idade Média, a monarquia fazia encomendas de armas ao estrangeiro, sobretudo de armas de fogo, mau grado elas já serem fabricadas em Portugal desde D. Fernando, como acima documentámos. A maioria das armas que enchiam os arsenais deveria ser, no entanto, de produção local, com as peças a serem fabricadas em oficinas sediadas perto dos arsenais ou nos diversos ateliês acima referidos¹⁰⁸. Deve notar-se que a produção do armamento era bastante lenta, o que obrigava a que fossem feitas diversas encomendas simultaneamente, a diversos armeiros.

Os armazéns eram importantes, conservando o melhor possível o armamento até este ser necessário. Por exemplo, aquando da expedição a Ceuta, em 1415, enquanto ainda se tratava dos preparativos, estava o Infante D. Henrique no Porto a aparelhar a sua frota quando é abordado pelo fidalgo Aires Gonçalves de Figueiredo, já com perto de noventa anos mas que queria participar também na expedição. Como resposta dissuasora, o Infante argumenta que *“as armas que tinha som já todas rrepartidas, e nom teeria assy prestes com que uos armasse”*. A isto respondeu o Figueiredo (e o seu pequeno grupo de companheiros) da seguinte forma:

“Nom he boom (...) aquelle que per nehuia necessidade uemde suas armas. e nos posto que per alguias uezes nos fezessem mimgua nossos soldos per falleçimento da pagua, e

¹⁰⁶ LOPES, Fernão, *CDF*, cap. CXXXIV, p. 453.

¹⁰⁷ LOPES, Fernão, *CDJ, Parte II*, cap. LXVI, p. 157.

¹⁰⁸ MARTINS, Miguel Gomes, *A Arte da Guerra em Portugal*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2014, p. 255.

a temça depois que nos foi assemtada as nossas sempre esteueram comnosco. Porem o mantijmento nos daae segumdo uossa hordenamça, e das armas nom tenhaes cuidado”¹⁰⁹.

Através desta passagem, podemos verificar que o Infante armava os seus homens, e também podemos observar que as armas possuíam um caráter de certo modo sagrado ou providencial, quando é dito que nada de bom advirá para aquele que, sem necessidade, decidir vender as suas armas.

Do que foi levado, em termos de armamento, para Ceuta, ordenou D. João I, antes de regressar a Portugal,“(…) *que ficassem todolos almazens, e artilharias que levava com toda.las outras cousas, que sentio, que poderiam aproveitar pera defensão da cidade (…)*”¹¹⁰. Deste modo, Ceuta ficou com o seu próprio armazém bem recheado, de modo a garantir a proteção dos mais do que prováveis ataques dos mouros.

Pouco mais é referido sobre este tema nas crónicas, deixando muitas questões por responder. Como se organizava internamente um arsenal? Qual seria exatamente o seu conteúdo padrão? Quantas encomendas seriam feitas? Vimos que deveriam ser muitas, pois os armeiros demoravam o seu tempo a concluir as armas. Observámos as tentativas por parte dos monarcas para os preservar, incluindo em tempo de paz, de maneira a que, em caso de guerra, o armamento estivesse devidamente conservado.

Os armazéns de armas eram importantes para equipar uma hoste, mas, como vimos, nem todos os combatentes eram equipados por um armazém. Pelo contrário, a maioria trazia o seu próprio equipamento de casa. Os armazéns régios constituíram, isso sim, o início de um controlo por parte da Coroa relativamente às armas disponíveis no reino, com a intenção de se saber de quantas armas se dispunha, quantos homens de armas é que a Coroa poderia armar, ao mesmo tempo que se evoluía gradualmente para uma tentativa de uniformização do equipamento da hoste. Este é um tema que requer mais atenção e um maior aprofundamento, em trabalhos posteriores.

1.4 Os uniformes e as librés

Tendo falado de como os homens se colocavam em marcha e de onde poderiam ir buscar as armas que levavam para o combate, resta referir neste capítulo os possíveis símbolos distintivos que os poderiam diferenciar. Não se pode falar, nesta época, de uniformes como os que existem nas Épocas Moderna ou Contemporânea, mas podemos ainda

¹⁰⁹ ZURARA, Gomes Eanes de, *CTC*, cap. XXXV, p. 111.

¹¹⁰ ZURARA, Gomes Eanes de, *CDPM*, cap. IX, p.30.

assim encontrar marcas distintivas, sobretudo entre os diferentes senhores ou entre as milícias concelhias. Na *Crónica de D. Fernando*, podemos reconhecer uma referência a distinções nos trajas dos homens de armas; neste caso, o trecho refere-se aos exércitos castelhanos dos reis D. Pedro e D. Henrique, que se enfrentaram em 1367 na célebre batalha de Nájera, mas achamos relevante esta passagem devido ao seu conteúdo:

*“(...) os da parte d’el-rrei dom Pedro e o principe tragiam todos cruces vermelhas em campo branco, e os d’el-rrei dom Henrique levavam esse dia bandas (...)”*¹¹¹.

Como podemos observar, as hostes dos diferentes reis (apoiadas por fortes contingentes ingleses e franceses, veteranos da Guerra dos Cem Anos) trajavam diferentemente, de modo a poderem diferenciar-se.

Já no caso português, também encontramos uma referência muito curiosa na *Crónica de D. João I*, aquando de uma incursão levada a cabo por gentes de Serpa em território de Castela, em 1399. Na ausência de uniformes, os portugueses decidem distinguir-se por meio de ramagens, mas a solução não resultou porque, do outro lado, os adversários fizeram um raciocínio idêntico:

*“Emtam tomarão todos ramos de trouysco, e llegaram-nos cada huum homde avya geyto. E aquy he de notar como Deus os quys goardar e lhe dar vitoria; porque este mesmo cuydo, e per esta guysa, o fezerão os castellãaos; asy que estes e a mayor parte dos outros se asynarão daqueles ramos, pero aprouue a Deus que nam morreo na batalha nenhum portugues per azo deste asynamento”*¹¹²...

Mas é sobretudo aquando da preparação da expedição a Ceuta que encontramos mais referências às chamadas librés, um nome que se applicava às diferentes vestes com as divisas que se iam difundindo em Portugal:

*“E mandou ajnda elRey fazer muy nobres librees de seu moto e deuisa pera todos aquelles que nos ditas galles aujam de hijr e isso mesmo apendoar a atoldoar (...)”*¹¹³.

¹¹¹ LOPES, Fernão, *CDF*, cap. IX, p. 34.

¹¹² LOPES, Fernão, *CDJ, Parte II*, cap. CLXXVI, p. 380.

¹¹³ ZURARA, Gomes Eanes, *CTC*, cap. XV, pp. 51-52.

O Infante D. Henrique, durante a preparação da frota que havia de partir do Porto, também mandou fazer librés para todos os capitães que estariam sob as suas ordens. Foram entregues, a uns, librés feitas em panos de lã e, a outros, librés feitas em panos de sirgo, dependendo da respetiva condição:

“E logo o Iffamte mamdou a todos que sse rrecolhessem pera seguir sua viagem. e era fremosa cousa de ueer o corregimento daquela frota, porque todallas naaos e galles e outros nauios eram nobremente apemdoados com balssoões e pemdoões pequenos das coores motos e deuisa do Iffamte e porque eram todos novos e bem acompanhados douro, dauam mujto gramde lista e as galles eram tolldadas de finos panos daqueles motos e deuisa que já disse (...) E assy estes como todollos outros que hiam nas naaos, de qualquer condiçom que fossem, que capitania dalguãa gente teuessem leuauam a liuree do senhor Iffamte, a qual era de panos de sirgo, e outra de finos panos de laã, rrepartida pollo contrairo porque as mayores pessoas ouueram as liurees de pano de laã, e as outras de menos estado uestiam os panos de sirgo (...) E aalem daquela liuree que assy o Iffamte deu naqueles senhores e fidallos, e assy geerallmente a todollos seus, cada huã deles daua aos seus apartadamente sua liuree como lhe prazia”¹¹⁴.

Através deste extrato, podemos observar também que cada nobre levaria representadas as suas armas entre as suas gentes, de modo a diferenciar cada casa.

Apesar de as librés não se poderem considerar uniformes propriamente ditos, podemos verificar uma certa vontade de diferenciação por parte da hoste e dos diversos contingentes que a compunham.

Falta-nos, no entanto, informação nas crónicas para podermos aprofundar mais este tema, tão interessante. Fica-nos apenas a ideia de que já nesta época os exércitos começavam a utilizar símbolos que os identificavam e diferenciavam. Tenhamos em conta que cada senhor, enquanto líder de um contingente de homens, queria que os seus homens usassem as mesmas armas, o que os individualizava e servia também para a arrumação da hoste régia.

¹¹⁴ ZURARA, Gomes Eanes, *CTC*, cap. XXXVI, pp. 113-114.

2. Como matar a fome a um exército em marcha?

A questão do abastecimento é bastante importante quando falamos de logística. Aliás, assim que se pensa em logística, a primeira coisa que nos ocorre é os mantimentos, que são vitais para sustentar um exército em trânsito. Trata-se de saber como se arranjavam os mantimentos, quem os fornecia, como chegavam até à coluna de marcha, que géneros de vitualhas eram mais consumidas pela hoste ou que aconteceria se os mantimentos comessem a escassear? Tentaremos dar resposta a algumas destas questões.

Numa campanha medieval, tal como em qualquer outra época, o problema do abastecimento era muito relevante, pois com falta de alimento a expedição poderia ficar comprometida. A questão dos abastecimentos era uma das maiores limitações dos exércitos medievais, pois estômagos vazios não eram prenúncio de sucesso. No entanto, existiam diversas possibilidades para garantir o abastecimento de um exército em campanha. Iremos de seguida analisar essas diversas formas.

Uma das que se encontra mais presente nas crónicas é o “viver do que o país dá”. Isto é, os homens, aquando de uma expedição em território inimigo, comiam do que encontravam nos campos pelos quais passavam, ou empreendiam raides em busca de mantimentos para nutrir a coluna de marcha, ou até mesmo em situação de cerco, para abastecer o acampamento¹¹⁵. Ou seja, de forma a obterem forragens e alimento, baseavam-se sobretudo no saque e no roubo das populações inimigas (e, por vezes, até das populações amigas).

Um contingente movimentando-se rapidamente por terreno inimigo não teria muita dificuldade em alimentar-se, mas a imobilidade, essa sim, poderia ser um problema (veja-se o caso dos cercos), pois os recursos que se encontravam em redor da praça assediada rapidamente se esgotavam¹¹⁶. Confiar no saque indiscriminado da região envolvente acabava por ser, no entanto, extremamente arriscado, pois os proprietários das terras em questão poderiam adotar o conceito de “terra queimada”, refugiando-se no interior das suas fortalezas e não deixando nos campos nada de que o exército invasor se pudesse alimentar. Além disso,

¹¹⁵ De modo a esclarecer este tema, Philippe Contamine diz-nos, em jeito de exemplo: “Lors de leurs grandes chevauchées à travers le royaume de France, les Anglais prenaient soin de consommer le moins possible les vivres dont ils s'étaient pourvus au départ et qu'ils transportaient dans leurs chariots; ils préféraient se ravitailler sur place, aux dépens des populations locales. Pour exploiter une plus large bande de territoire, ils divisaient leur armée en trois corps, progressant parallèlement, sur une distance d'une vingtaine de kilomètres et à une vitesse de déplacement comprise entre dix et vingt kilomètres par jour”. O que gostávamos de sublinhar neste extrato é a divisão em três partes da hoste, de modo a explorarem o máximo de terreno possível e a recolherem a maior quantidade de mantimentos possível. Cf. CONTAMINE, Philippe, *Guerre État et Société à la Fin du Moyen Âge*, Paris, La Haye, 1972, p.123.

¹¹⁶ PRESTWICH, Michael, *Armies and Warfare in the Middle Ages*, New Haven and London, Yale University Press, 1996, pp. 259-260.

mesmo para um exército em movimento, as vitualhas da região em causa poderiam ser insuficientes, e os proprietários, para além de queimarem os seus campos, também escondiam o seu gado e tudo aquilo que pudessem, de modo a dificultar o abastecimento do seu inimigo¹¹⁷.

Como exemplo de um roubo para efeitos de abastecimento de uma hoste, podemos observar o que se passou em 1384, aquando de uma incursão por Castela de diversos nobres portugueses. Segundo Fernão Lopes, eles...

“(...) fezerom presa em dous fatos de vacas de Garçia Gomçallvez de Grisallva; e tomarom quatorze vaqueiros e arramearom as temdas e carregarõ os fatos com todos seus aparelhos. E assi trouverom vacas e novilhos e egoas com seus pastores (...) E acharom em aquella presa seteçemtos novilhos que andavom apartados em huũ dos fatos; e as vacas eram mil e quatro centas; e viimte e seis eguas, e nove poldros (...)”¹¹⁸.

Em 1398, quando o Condestabre entrou por Castela, chegou até Vila Alva, e diz-nos o cronista que os portugueses...

...“nam podiam aver augua que os abastecesse, porque o tempo era muy seco; e porque as gentes dos castellaãos eram muytas, e estendiam-sse pella terra a myrar a hoste, e punhão fogo aos mantimentos por se não prestar deles, o Comde mandou diante correr e disse: Hij-vos e avey vista e limgoa da terra, e trazei alguns boys e vacas, se os poderdes aver, pera mantimento destas gentes (...)”¹¹⁹.

Através deste último trecho, podemos reconhecer uma das grandes dificuldades de um exército que decidia “viver do país inimigo”: o conceito de “terra queimada”, a que acima nos referimos.

Também verificamos que, no processo de busca de alimento, era normal a coluna enviar alguns homens à frente, com a missão de percorrerem diversos quilómetros, até encontrarem forragens. O exemplo de 1384 atrás citado mostra uma incursão por Castela que implicou diversos roubos de mantimentos vitais para a hoste portuguesa. Entradas parecidas com esta aparecem bastante na *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses*, de Gomes Eanes de

¹¹⁷ CONTAMINE, Philippe, *Guerre État et Société à la Fin du Moyen Âge*, Paris, La Haye, 1972, p.123.

¹¹⁸ LOPES, Fernão Lopes, *CDJ, Parte I*, cap. XCVII, pp. 163-164.

¹¹⁹ LOPES, Fernão, *CDJ, Parte II*, cap. CLXIII, p. 344.

Zurara. Aqui se explica que, para alimentar a cidade de Ceuta, o primeiro governador português da praça empreendia diversos raides fulgurantes (sempre auxiliado por guias) contra aldeias mouras, de modo a roubar-lhes os mantimentos, sobretudo o gado. É o que verificamos no seguinte trecho:

“(…) e como quer que em numero sobrepujassem os nossos, tam grande foi seu desacordo, que nom teverão o sentido e mal, senão em fugir, e forão alli mortos trinta e sete Mouros, e cativaram cinco, e trouverom pera a cidade vinte e huma cabeças de gado grande, e quarenta e duas cabras e dous asnos”¹²⁰.

Para realizar este roubo, tinham sido enviados previamente espiões para observarem a povoação, ver onde estava situada, onde guardavam o gado, enfim, para examinarem todos os seus hábitos¹²¹.

Também durante a crise dinástica de 1384-1385 e nos anos que se seguiram até a paz com Castela ser firmada (em 1411), Nuno Álvares levou a cabo diversas incursões pelo reino vizinho, as quais resultaram em numerosos roubos de alimentos. Em 1385, quando regressou de Castela para ir dormir a Elvas, trouxe consigo *“(…) grande roubo de gaados e bestas e prisioneiros(…)”¹²²*. Como esta referência, muitas outras foram encontradas nas crónicas¹²³. O que nos leva a concluir que o “viver do que o país dava” acabou por ser a forma mais utilizada para se obter mantimentos para os combatentes. No entanto, como já salientámos, este sistema também acarretava perigos, pois, se o inimigo recorresse à política da “terra queimada”, os líderes da expedição teriam de dispor de formas alternativas de abastecimento, sob pena de sacrificarem todos os objetivos da campanha em curso.

Era normal que, na boa tradição europeia medieval, os guerreiros fossem obrigados a trazer de casa algumas provisões; no entanto, tais alimentos apenas iriam durar alguns dias, ao passo que uma campanha poderia durar bastante tempo, muito mais do que a quantidade de comida que era trazida de casa... A “carriagem”, isto é o trem de apoio que transportava as bagagens dos soldados e as munições, servia também para transporte das vitualhas necessárias ao abastecimento da hoste.

¹²⁰ ZURARA, Gomes Eanes de, *CDPM*, livro I, Capítulo XXIV, p. 71.

¹²¹ O tema da espionagem, uma vez que está a ser simultaneamente objeto de um estudo de um colega para dissertação de Mestrado em História Militar, não será analisado neste trabalho.

¹²² LOPES, Fernão, *CDJ, Parte II*, cap. LVIII pp.143-144.

¹²³ Veja-se um levantamento mais completo no Apêndice documental.

A Coroa podia encarregar-se igualmente da compra, com alguma antecedência, dos mantimentos que considerava necessários para uma determinada expedição. Os mantimentos comprados seriam depois revendidos aos combatentes da hoste, muitas vezes sob a forma de desconto nos respetivos soldos. A aquisição, por parte da Coroa, destes mantimentos era feita a preços mais baixos do que o normal, por ser em grandes quantidades e por o rei assim o determinar, originando muitas vezes queixas por parte dos fornecedores. Este método de ‘compra por atacado’ era sobretudo utilizado pela monarquia para abastecer as fortalezas e as frotas. Na *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses*, encontramos um caso no qual era necessária a compra de biscoito para algumas embarcações, pois este havia acabado:

“Onde avees de saber, que avendo o Conde novas, que as Fustas dos Mouros aviam de hir a hum salto a Castella, e dahy ao Regno do Algarve, fez armar tres Fustas suas, a saber, huma em que hia Andres Martim, e outra que trazia Alvaro Affonso d’Aguiar, e outra de que era Patrao Alvaro Fernandes do Cadaval, e per que nom tinha tanto biscoito que lhes podesse avondar aquelles dias, que lhes ordenava que lá andassem, mandou a Alvaro, que o fosse comprar a Santa Maria del Porto pera sy, e pera os outros. (...) e porque em Santa Maria nom acharom assy prestes, quem lhes vendesse o biscoito, encarregarom o feito a hum Genoês, e foram-se a Callez (...)”¹²⁴.

Philippe Contamine afirma que o exército francês utilizava com frequência esta solução da compra de mercadorias, mas salienta que também recorria à requisição de mercadores para acompanharem a hoste¹²⁵. Para aliciar tais mercadores, a Coroa concedia determinados privilégios, tais como a isenção das taxas de circulação e de outros impostos, salvo-condutos, entre outros. Ao mesmo tempo, a monarquia tentava implementar um tabelamento dos preços, de modo a impedir a inflação dos bens alimentares, pelo menos dos de primeira necessidade¹²⁶.

Outra solução, bastante utilizada pela Coroa, era o uso do direito de requisição de alimentos entre as populações mais próximas do itinerário de marcha da hoste. No entanto, o pagamento feito a essas populações acabava, muitas vezes, por não se concretizar, ou então

¹²⁴ ZURARA, Gomes Eanes de, *CDPM*, livro II, cap. XIX, p.305.

¹²⁵ CONTAMINE, Philippe, *Guerre État et Société à la Fin du Moyen Âge*, Paris, La Haye, 1972, p.127.

¹²⁶ MONTEIRO, João Gouveia, *A Guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Notícias Editorial, Lisboa, 1998, p. 249.

por sofrer um atraso considerável¹²⁷. Estes mantimentos seriam vendidos pela própria monarquia aos combatentes que integravam a hoste: tal como observou Michael Prestwich, ao analisar o caso dos exércitos medievais ingleses, não seria normal a Coroa providenciar alimento grátis aos seus homens de armas¹²⁸.

Deve, entretanto, sublinhar-se que as crônicas quatrocentistas portuguesas aludem sobretudo a casos de operações rápidas, em busca de forragens e seguindo a regra do ‘viver do que a terra dá’. Em junho de 1386, aquando do cerco de Coira por D. João I, são enviados homens em busca de abastecimento, do qual o acampamento carecia:

“E estando el-Rey assy apousemtado, gemtes do areall foram aa foragem, com emtemçam de chegar a huum logar que chamam Heruas, que eram treze legoas por quanto deziã que auya hy muytos vinhos, de que o areal era muyto mynguado. E himdo com tal vomtade preto de Granadilha, que eram ataa oito legoas do areall, acharom azemellas acerca de sol posto, que vinham carregadas de vinho daquell logar dEruas e hiam pera Prazemça. E os capitães que eram em guarda da forragem ouuerom comselho de nom hir por deamte, e tornarom-sse ao areall com aquellas azemellas; com que chegarom em outro dia, e com muyto gaado vacarill e porcos”¹²⁹.

Outro caso no qual é possível corroborar o que acima foi dito, é quando Nuno Álvares envia, numa das suas entradas por Castela, diversos homens em busca de gados:

“E de hy mandou certa gente de cavallo em duas partes q se fossem correr deãte toda a terra de caçeres, e alẽ de Caçeres tomar gaados e prisoueiros”¹³⁰.

Também em 1387, durante uma campanha por Leão levada a cabo por D. João I, em conjunto com o Duque de Lencastre, podemos observar que a hoste vivia sobretudo daquilo que roubava:

¹²⁷ CONTAMINE, Philippe, *Guerre État et Société à la Fin du Moyen Âge*, Paris, La Haye, 1972, p. 125; e MONTEIRO, João Gouveia, “Estratégia e Tática Militares”, in *Nova História Militar de Portugal*, (dir.) de Manuel Themudo Barata e Nuno Severiano Teixeira, vol. 1, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2003, p. 222.

¹²⁸ PRESTWICH, Michael, *Armies and Warfare in the Middle Ages*, New Haven and London, Yale University Press, 1996, p. 252.

¹²⁹ LOPES, Fernão, *CDJ, Parte II*, cap. LXXV, p.174.

¹³⁰ CDC, cap. LXVI, pp.165-166.

“ E sayndo com outros, meteram-se a augua damballas; e os portugueses damdo nos castellaãos nom os poderom sofrer, e voltarom costas. E foy ally ferido Alvaro dOuter de Fumos de guissa que depois moreo; e tornaram-se os portugueses ao arreall com gados e outras cousas que trouuerom. Outro dia partio a hoste e pousou sobre Roalles. Ally nom estauom gentes darmas, saluo lavradores, assy do logar come das aldeas daredor; e uemdo que se nom podiam defemder nem auer outro acoro, deu-sse per preitesya que leixassem a villa, e foy o logar roubado de mantimentos e de quanto hij auya.(...) calvagaram apresia alguns do areall com homens de pee, e foram rijos pera alla por tomar das gemtes que fogiam e roubar a villa dos mantimentos ”¹³¹.

É igualmente de referir que, em 1401, aquando do cerco de Alcântara, a hoste começa a ficar sem mantimentos, pelo que D. João I envia o condestável em busca de vitualhas:

“O Comde vemdo quamto era seruyço del-Rey, porque os mantimentos começavam já de myngoar, houtorgou que lhe prazia; e el-REy lho encomendou. Em huma segunda feira partio com certas gentes (...) E himdo o Comde seu camynho asy mandaua alguns corretores dyante que corressem a terra; e traziam muytos prisoneyros e gados (...) ”¹³².

Através das abonações das crónicas que acima foram apresentadas, podemos de facto concluir que o “o viver do que a terra dava” era o método de abastecimento mais utilizado pela hoste.

Descrevemos até agora como é que uma hoste régia podia obter os seus mantimentos, mas devemos também perguntar que tipo de alimentos eram esses. De que géneros era composta a alimentação de uma coluna de marcha? Que quantidades de mantimentos eram necessárias para alimentar uma hoste? As crónicas apenas nos falam indiretamente deste assunto, mas, analisando aquilo que era geralmente roubado, podemos ficar com uma ideia sobre o conteúdo.

A carne de vaca e de ovelha parece ter sido bastante importante, e uma base fundamental da alimentação dos guerreiros medievais portugueses, pois é o que aparece mais vezes referenciado. Em 1385, aquando de um incursão por Castela organizada por Antão

¹³¹ LOPES, Fernão, *CDJ, Parte II*, cap. CV, pp. 220-221.

¹³² *Idem, ibidem*, cap. CLXXXIV, p. 397.

Vasques, em conjunto com outros nobres portugueses, trouxeram um roubo de “(...) *quatro mjl vacas e cinco mjl ouelhas e ataa mil porcos e dez prisioneiros (...)*”¹³³.

A par da carne, os cereais, como o trigo, e também o vinho eram alimentos que não poderiam faltar na alimentação de uma hoste medieval. No que diz respeito ao vinho, o seu consumo deveria ser moderado, pois casos de bebedeiras na hoste poderiam acontecer, revelando-se muitas vezes perigosos. Nuno Álvares teve a infelicidade de, num acampamento seu, no qual abundavam os vinhos, ter acontecido um tal desaire:

*“No seguynte dia partio o Comde dally e foy dormyr ao Almendrall, aldea de Badalhouce, pobraçam de trezamtos vizinhos seis legoas daquela çidade. E aquella noyte foy grande volta amtre as gemtes do areall por os muytos vinhos que hy acharom, da qual cousa ao Comde muyto desprougue e foy posto em gram cuydado”*¹³⁴.

O trigo aparece bastante vezes referenciado nas crónicas, como por exemplo quando Nuno Álvares, em 1384, foi ao termo de Sintra em busca de forragens:

*“ (...) e apanhou muitos mantiimetos de gaados e trigo, de que carregarom assaz dazemellas (...)”*¹³⁵.

E, igualmente, em 1385, na mesma incursão referida acima levada a cabo por Antão Vasques, encontramos referência ao trigo:

*“ (...) e como forom acerca de dous casaaes huma legoa dArouche posserom seu alloiamento, e em eles acharom muyto trijgo e cevada, e ally comerom e folgarom”*¹³⁶.

Também o sal, o vinagre e, claro está, a água seriam bastante importantes. No que diz respeito à alimentação de uma frota, esta era sobretudo constituída por biscoito¹³⁷, por carne e por peixe, salgados ou fumados. Na *Crónica da Tomada de Ceuta*, podemos verificar, aquando da preparação da frota para a expedição de 1415, que de facto o biscoito, bem como o peixe e a carne salgados, iriam constituir a dieta essencial dos elementos da expedição:

¹³³ *Idem, ibidem*, cap. LX, p.149.

¹³⁴ *Idem, ibidem*, cap. LIV, pp. 133-134.

¹³⁵ LOPES, Fernão, *CDJ, Parte I*, cap. LXXI, p.122.

¹³⁶ LOPES, Fernão, *CDJ, Parte II*, Cap. LIX, pp. 145-146.

¹³⁷ O biscoito é, na verdade, pão sem levedura, cozido pelo menos duas vezes, de modo a ficar seco e a durar mais tempo.

“(...) outros em mandar fazer biscoitos e sallguar carne e mantijmentos, outros em correger navios (...) Doutra parte jaziam muitos bois e uacas decepadas. e alli mujtos homeës huïis a esfolar, e outros a cortar e sallguar, outros o meter em tonees e botas em que auiam dhir. Os pescadores e suas molheres tijnham cuidado de abrir e sallgar as pescadas e caçoões e rrayas, e semelhamtes pescados, dos quaaes todollos lugares em que o soll tinha mayor assesego eram cheos. (...) E os tenoeiros nom eram pouco trabalhadas em fazer rrepairar as vasilhas pera os uinhos e carnes e outros mantijmentos (...)”¹³⁸.

As crônicas não nos dão muitas mais pistas, no entanto, era natural que uma hoste, para além de carregar consigo o seu alimento, também transportasse algumas forragens para os cavalos, os bois e os outros animais que a acompanhavam.

Quanto a estimativas sobre o valor calórico dos alimentos consumidos, apenas podemos recordar cálculos apresentados na bibliografia estrangeira da especialidade. No caso francês, através da ingestão de pão, de carne, de ovos e de manteiga, chegou-se à conclusão de que um exército em marcha consumiria (por dia e por homem) cerca de 4.360 calorias, enquanto uma guarnição numa cidade sitiada consumiria cerca de 2.955 calorias e uma frota perto de 3.956¹³⁹. Os homens de guerra franceses possuíam, portanto, uma alimentação aceitável, que carecia no entanto de lípidos e que possuía um teor demasiado elevado de glúcidos. Segundo Michael Prestwich, as quantidades de comida necessárias para alimentar um exército medieval inglês eram imensas: uma hoste de 30 000 homens necessitaria de cerca de 5 000 kg¹⁴⁰ de cereais por semana; se juntarmos 5 000 mil cavalos, estima-se que cerca de 2000 kg de aveia fossem requisitados todas as semanas; para uma campanha que durasse cerca de dois meses, uma hoste britânica necessitaria de cerca de 56 000 kg de cereais¹⁴¹!

Após a análise de como se conseguiam os mantimentos, e de qual era a respetiva composição, deveremos ter presente que, para conseguir sobreviver, uma hoste teria de controlar muito bem o consumo das vitualhas. É que, se não existisse um certo racionamento, rapidamente todas as forragens desapareceriam, trazendo consigo a fome e a doença. Os mantimentos deveriam ser bem administrados, de modo a durarem até ao final da expedição, e por isso mesmo se punia severamente qualquer tentativa de furto. Estas medidas eram

¹³⁸ ZURARA, Gomes Eanes, *CTC*, cap. XXX, pp. 90-91.

¹³⁹ MONTEIRO, João Gouveia, *A Guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Notícias Editorial, Lisboa, 1998, p. 251. Os dados são retirados de Philippe Contamine (1972).

¹⁴⁰ A medida que é utilizada na obra de Prestwich é o “quarter”, que tentámos converter em quilogramas, para melhor entendimento. No entanto, estes valores são apenas estimativas.

¹⁴¹ PRESTWICH, Michael, *Armies and Warfare in the Middle Ages*, New Haven and London, Yale University Press, 1996, pp. 247-248.

bastante importantes, pois, como acima referimos, a falta de alimento comprometia gravemente toda uma campanha. Na *Crónica de D. Fernando*, de Fernão Lopes, aquando do bloqueio português levado a cabo a Sevilha, em 1370, encontramos um trecho bastante interessante, que traduz bem a fome que os homens das naus e das galés sofreram durante a operação, devido à falta de mantimentos:

*“Passado o Veraão e vindo o inverno, começou a gente de adoecer e os mantimentos de mingoar (...) e posto que lhe el-rrei mandasse navios com bizcoito que sse fazia no Algarve e em Lixboa e outros mantiimentos e cousas que lhe mester faziam (...) em guisa que per frio e fame e comer desacostumados viandas veherom muitos morte e fraqueza e continuadas doores (...) E mandava el-rrei muito burel e panos de linho e de coor e vestires feitos pera alguũs que andavom mall vestidos (...) Parte daas naaos e galles viinham ao Algarve e a Lixboa, e em estes logares lhe pagavom aas vezes seu soldo, e tomavom refresco e mantiimentos (...) mui longo tempo que conthinuamente alli jouverom, que foi huũ ano e onze meses, passando muita fame e frio e outras dores (...) ca lhe cahiam os dentes e os dedos dos pees e das mãos, e outras tribullações (...)”*¹⁴².

Na *Crónica de D. João I*, no relato de um episódio ocorrido a 15 de junho de 1386, Fernão Lopes diz-nos que o rei se viu forçado a levantar o cerco à praça fronteiriça leonesa de Coria, devido à falta de mantimentos e à doença que grassavam no arraial. Apesar de dizer respeito a um cerco, este trecho é bastante relevante, não só porque mostra o que acontece a uma hoste quando os mantimentos começam a falhar, sobretudo quando em situação de imobilidade, como refere também como eram tratados os doentes da hoste, e para onde o rei os enviava. Também é referido que muitos eram os homens que fingiam estar doentes só para serem enviados de volta a Portugal, de maneira a poderem escapar à fome (e à guerra):

“Mas as gemtes começaram dadoeçer, huuns de maleitas e outros de maa maneira per myngua de mantimentos, speçialmente de pam e carnes, de que o areal era muy falido, e comiam trigo cozido comem aroz porque nom tinham dhu auer moeda; de guissa que mais eram já os doentes que os saãos. E taaes desejavam de o seer por teer aazo de se partir da hoste; outros fingiam que o eram atamdo panos nas cabeças, porque el-Rey mandava leuar os doentes a huum logar do seu regno que chamam Penamacor, que eram dally treze legoas,

¹⁴² LOPES, Fernão, *CDF*, cap. XLII, pp.138-139.

e homens darmas com eles em guarda; deles en fugiam sem liçemça, e tornauam-sse pera a terra. El-Rey, quamdo semtio esto, começou de os veer per pessoa, e bem conheçeo de muytos que nom eram doemtes”¹⁴³.

Nas crónicas, a doença encontra-se quase sempre relacionada com a falta de alimentos, tal como se pôde já perceber a partir dos dois trechos que acima foram apresentados. Isto vem reforçar a importância de um bom sistema de abastecimento de uma hoste em campanha.

A falta de vitualhas também poderia obrigar uma hoste a recuar nas suas intenções. Por exemplo, em 1384, quando Nuno Álvares ofereceu batalha aos castelhanos na zona de Évora, não levou consigo nenhuma carriagem, pois acreditava que a batalha iria ser travada naquele mesmo dia, ou nas próximas horas; no entanto, os castelhanos não apareceram, ou muito poucos vieram, pelo que nesse dia pouco ou nada a hoste pôde comer e beber, esperando no caminho, até à noite. Nuno Álvares decidiu então regressar à cidade, após dois dias de espera inútil, tendo chegado à conclusão de que os castelhanos estavam a fazer de propósito para os deixar penar de fome¹⁴⁴... A intenção de Nun’Álvares era, no dia seguinte regressar “(...) tornar a batalha percebido de mantimentos (...)”¹⁴⁵.

Neste caso em particular, o motivo pelo qual a hoste foi obrigada a regressar à cidade foi porque o líder em questão resolveu não levar consigo qualquer tipo de mantimentos, por achar que a batalha iria ser travada no próprio dia. O seu plano, porém, saiu completamente frustrado. Neste caso, a hoste encontrava-se em terreno português e preparava-se para atacar um grupo de castelhanos que tinha entrado por Portugal e que estava a roubar mantimentos.

No que diz respeito ao transporte dos mantimentos, a forma mais fácil, mais rápida e que menos custo comportava era a via fluvial. Os barcos não precisavam de ser alimentados, exigiam menos homens, podiam ser enviados a qualquer momento, se fosse possível¹⁴⁶. No entanto, nem sempre existia uma via fluvial que pudesse servir para uma tal viagem, o que obrigava a hoste a carregar consigo, por terra, os mantimentos que transportava, arrastando rebanhos de ovelhas e de vacas atrás de si, bem como os carros de bois que transportavam

¹⁴³ LOPES, Fernão, *CDJ, Parte II*, cap. LXXVIII, p.180

¹⁴⁴ O tema desta passagem encontra-se relacionado com o capítulo da coluna de marcha, pois no regresso à cidade aconteceram alguns incidentes. Devido à fome, uma parte nos homens dispersou-se por umas vinhas alentejanas, o que os tornou presas fáceis de um ataque dos castelhanos e conduziu a diversas deserções. LOPES, Fernão, *CDJ, Parte I*, cap. CXLVI, p.262.

¹⁴⁵ LOPES, Fernão, *CDJ, Parte I*, cap. CXLVI, p. 262.

¹⁴⁶ MARVIN, Laurence W., “Logistics and Transportation” in *The Oxford Encyclopedia of Medieval Warfare and Military Technology*, dir. Clifford Rogers, vol. 2, Oxford University Press, 2010, p.514.

bagagens, armas e comida¹⁴⁷. Claro que o caminho por terra acabava por ser mais perigoso e mais arriscado, pois havia uma maior possibilidade de se ser assaltado. Além disso, os carros de bois que compunham a carriagem não eram tão rápidos quanto os meios fluviais, o que podia atrasar consideravelmente uma hoste. Mais adiante, aprofundaremos estes assuntos.

Dito tudo isto, falta ainda fazer notar que, quando falamos de abastecimento, não podemos pensar apenas em vitualhas. Essa é, provavelmente, a primeira ideia que nos ocorre; no entanto, para um exército medieval, o abastecimento não significava apenas comida, mas também armamento, setas para munir os arqueiros e besteiros, bem como todo o tipo de utensílios adequados ao fazer da guerra.

As crônicas referem-se sobretudo aos alimentos, mas aquando da preparação da expedição a Ceuta, quando Zurara fala da frota preparada no Porto pelo Infante D. Henrique, podemos ler que “*o Iffante teue tal modo em seus feitos, que naqueles três meses seguimtes auiou todas as suas gemtes de armas e mantijmentos (...)*”¹⁴⁸. A proveniência das armas que abasteciam a hoste poderia ter origem nos armazéns de armas da Coroa, nos armazéns privados dos grandes senhores que abasteciam os seus homens, ou então em coleções de armas privadas, transmitidas de geração em geração¹⁴⁹. No caso do exemplo apresentado, teria sido o Infante D. Henrique a fornecer uma parte das armas necessárias à sua frota.

Após o exposto, podemos chegar à conclusão de que os “abastecimentos” se encontram diretamente ligado à carriagem, isto é, ao trem de apoio que acompanhava o exército em marcha. Quer seja o que foi trazido de casa ou aquilo que foi roubado, acompanhará sempre a hoste em movimento, como auxílio e para assegurar o sucesso da expedição. No capítulo sobre a “Coluna de Marcha”, analisámos já com mais vagar o conceito de “carriagem” e tudo o que nela se transportava.

Concluimos igualmente que, sem um bom sistema de abastecimento, uma campanha não poderia ter sucesso, sendo o cenário mais comum que uma hoste vivesse sobretudo do país inimigo. Ficam, ainda assim, algumas questões por responder, nomeadamente a de saber como se prepararia o racionamento da hoste e quem se ocupava de racionar os alimentos?

¹⁴⁷ Para melhor esclarecimento sobre o tema do transporte de materiais e travessias difíceis, ver o capítulo desta mesma dissertação correspondente ao tema.

¹⁴⁸ ZURARA, Gomes Eanes, *CTC*, cap. XXXV, p.110. No mesmo capítulo, mais à frente, voltamos a encontrar uma referência muito parecida com esta.

¹⁴⁹ Sobre esta temática, veja-se o subcapítulo sobre os armazéns de armas.

3. Onde dormem os guerreiros?

Após um longo dia de marcha, e antes de a noite chegar, tornava-se necessário à hoste encontrar um lugar seguro que lhe permitisse pernoitar e descansar da sua longa jornada. Para isso, teria de organizar e de montar o seu acampamento, bem como de garantir a respetiva segurança, de modo a evitar problemas que pudessem surgir por parte de inimigos que circulassem nas proximidades.

A instalação do acampamento caracteriza-se por ser um dos momentos mais importantes da atividade de um exército em campanha, pois este era um dos períodos em que os combatentes se encontravam mais vulneráveis, sobretudo se as defesas não estivessem bem colocadas. Isto porque, se muitos acampamentos pareciam verdadeiros castelos de madeira que conseguiriam sustentar ataques violentos por parte dos adversários, nem sempre se poderia dispor de tais recursos, pelo que teriam de ser tomadas algumas medidas. Como dormiam estes homens? Como e por quem era escolhido o local mais favorável à pernoita? No presente capítulo, tentaremos responder a estas e a outras questões.

Quando a hoste ainda se encontrava em território no qual o perigo, à partida, era muito reduzido ou até nulo, o local de pernoita não constituía grande problema, visto que se encontraria sempre alojamento em locais seguros, como nos castelos ou em vilas amuralhadas, tanto mais que dar alojamento ao monarca e a todo o seu exército constituía um dever que deveria ser satisfeito pelos alcaides dos castelos e pela população em geral¹⁵⁰. Em agosto de 1385, a hoste régia dirige-se para a batalha de Aljubarrota e decide pernoitar em Porto de Mós, tal como explica Fernão Lopes:

*“Ao sábado seguynte partio el-Rey dOurem, e o Comdestabre antel com a auamguarda; e foy toda a hoste allojar a Porto de Moos, que eram dally çimquo legoas”*¹⁵¹.

Por esta passagem, percebemos que, quando o rei se encontrava ainda no seu território, não seria difícil a hoste alojar-se no interior de uma cidade; neste caso, dormiram em Porto de Mós, possivelmente dentro do respetivo castelo.

Em 1385, o condestável deslocou-se a locais portugueses mas que ainda estavam por Castela, para tentar conquistá-los (locais esses que acabaram por não oferecer resistência,

¹⁵⁰ MARTINS, Miguel Gomes, *A Arte da Guerra em Portugal*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2014, pp. 391-392.

¹⁵¹ LOPES, Fernão, *CDJ, Parte II*, cap. XXXIII, pp. 70-71.

entregando-se sem combate). No caminho para uma dessas cidades, o condestável e a sua hoste pernoitaram numa aldeia que se localizava perto do rio Minho:

*“E jmdo mais adeante, chegou ao rio do Mjnh; e por nom poder passar se apousentou em huuma aldea açerca delle. E hi lhe chegou recado de Monçom, que outrosy estaua por Castella, per que lhe emuiarom dizer os do logar que lhes era dito que queria hir sobrelles (...)”*¹⁵².

Esta passagem sugere igualmente que, no caso de existir algum local habitado perto do itinerário de marcha, este poderia tornar-se o ponto de alojamento adequado para um exército em trânsito.

Atravessada a fronteira, no entanto, a história seria outra, visto que a hoste teria de enfrentar diversos perigos e, por isso, teria de recorrer a diversas regras de segurança para garantir que nenhum ataque surpresa colocasse em causa o futuro da expedição. Um dos primeiros passos (e dos mais importantes) seria a escolha do sítio de implantação do arraial. Este deveria situar-se numa posição elevada, próximo de locais ricos em água, erva e madeira. Se olharmos para o que os tratadistas¹⁵³ antigos nos revelam sobre os acampamentos romanos, observamos que esta regra estava geralmente presente¹⁵⁴. Convinha também que o arraial se situasse num planalto, em campo aberto, afastado de outras elevações maiores e que pudessem ser tomadas por forças inimigas¹⁵⁵, um elemento também presente no padrão do acampamento romano, que deveria situar-se numa posição defensável de modo a não ser surpreendido pelo inimigo¹⁵⁶. Não se deveria escolher locais demasiado próximos das margens dos rios, devido ao risco de inundação, e também se deveria evitar zonas pantanosas e de águas estagnadas, para prevenir possíveis doenças¹⁵⁷.

Quando, em 1385, D. João I e o condestável saem de Santarém para ir cercar Alenquer¹⁵⁸, verificamos que decidem colocar o arraial junto de uma ribeira, perto de umas hortas, facilitando assim o abastecimento de água e de alimento por parte da hoste; estes eram dois elementos indispensáveis à sobrevivência de uma expedição:

¹⁵² *Idem, ibidem*, cap. VII pp.16-17.

¹⁵³ Como, por exemplo, Vegécio (Livro I; caps. XXI a XXV).

¹⁵⁴ SOUTHERN, P., *The Roman Army*, California, ABC clío, pp.190-191.

¹⁵⁵ MARTINS, Miguel Gomes, *A Arte da Guerra em Portugal*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2014, pp. 391-392.

¹⁵⁶ LE BOHEC, Yann, *L'armée Romaine sous le Haut-Empire*, Paris, Éditions A. et J. Picard, 3^{ème} édition (revue et augmentée), 2002, pp. 140-141.

¹⁵⁷ FITZ, Francisco García, *Castilla y León frente al Islam*, Sevilha, Universidade de Sevilha, 2005, p.157.

¹⁵⁸ Nesta fase, estão a combater as cidades que ainda têm voz por Castela.

*“Entom se foy el-Rey a Allanquer, onde estaua Vaasco Perez de Caamooês, que fora seu vassalo como dissemos; e posserom seu areall em fundo nas ortas da ribeyra boom espaço do lugar onde sse fazyam as vezes boas escaramuças antre os da villa e os do arreal”*¹⁵⁹.

A hoste tinha de fazer a sua escolha do local do acampamento tendo em conta os recursos de que necessitava e as exigências de segurança inerentes a qualquer bivaque militar. Por isso, locais perto de hortas e, sobretudo, perto de pontos de água seriam sem dúvida valorizados. A escolha do acampamento encontra-se, assim, ligada às necessidades de abastecimento da hoste. Onde quer que decidisse acampar, a hoste iria tentar tirar partido de todos os recursos ao dispor na região.

Uma outra referência ao local escolhido para pernoitar pela hoste de Nuno Álvares Pereira, que fazia então campanha em Castela, mostra como o exército se decide alojar junto de uma ribeira para, no dia seguinte, se alojar perto de um sobral:

*“ (...) e foy esse dya alojar e dormir acerca de hũ lugar q chamã Alboquerã que he huã ribeyra muyto fria: porque era no mês de dezẽbro honde toda a gente padeçerom muyto cõ o destemperado frio toda a noyte. (...) E este dia despoys de comer se partyo o Conde de Caçeres caminho dell Rroy dell Porco: e foy aquella noyte alojar e dormir em huũ souerall (...)”*¹⁶⁰.

Através desta passagem, verificamos igualmente o frio que os homens de armas terão passado, devido ao facto de a campanha se ter realizado à entrada do inverno.

Quanto à forma como era feita a seleção do local de acampamento, a responsabilidade recaía geralmente sobre o condestável. Para escolher o sítio mais adequado, o condestável seria auxiliado por um *adaíl*¹⁶¹, que melhor do que ninguém deveria possuir um elevado conhecimento da zona envolvente e dos melhores locais de pernoita nas terras desconhecidas e rodeadas de inimigos.

Em 1385, antes da batalha de Aljubarrota podemos observar que é o condestável quem escolhe o local de alojamento da hoste:

¹⁵⁹ LOPES, Fernão, *CDJ, Parte II*, cap. XXIV, pp. 48-49.

¹⁶⁰ *CDC*, cap. LXVI, pp.165-166.

¹⁶¹ MONTEIRO, João Gouveia, *A Guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 245.

*“E quando elRey chegou com a rreguarda o Condeestabre que fora com a vanguarda diante tinha tomado e assinado alojamêto pera a oste ao pee da villa dOurem de cõtra Atouguia das cabras, (...)”*¹⁶².

Era, portanto, com a ajuda do adaíl e de outros guias (e muitas vezes também com a colaboração do marechal da hoste) que o condestável escolhia o local mais indicado para a instalação do arraial. No entanto, tal como acontecia com a marcha, também nos locais mais favoráveis para o acampamento os guias podiam induzir o condestável em erro. Em 1398, quando Nuno Álvares entrou em Castela, instalou com a ajuda dos seus guias o seu arraial, que por engano ficou demasiado próximo da posição castelhana:

*“ E como o Condestabre chegou e seu arayal começou dasentar as gentes da hoste, (...) E querendo armar a tenda do Conde, pairou elle mentes contra o castello da feyra e vio bramquear as temdas do arayal dos castellaãos. (...) Emtam fez chamar perante sy as guyas pera lhe dizerem se era asy como elle dizia; e eles afirmarão que temdas eram em toda guysa. E ele queixou-sse muyto contra eles, dizemdo: Marauylho-me de mym como vos ora nam mamdo cortar as cabeças, serem meus jmygos tam preto de mym e não o saberdes vos pera mo dizerdes”*¹⁶³.

Tais incidentes poderiam revelar-se muito problemáticos para um exército em trânsito, que facilmente poderia ser atacado; é que, se o inimigo desse conta do sucedido antes de as defesas se encontrarem devidamente colocadas, poderia atacar de surpresa a hoste num dos seus momentos mais vulneráveis, que era a instalação do arraial.

Tendo o condestável procedido à escolha do local, tinha de se esperar que o grosso da hoste chegasse para se consumir a montagem do acampamento. Os momentos de instalação e desmontagem do acampamento eram particularmente perigosos. Simbolizavam o período no qual a hoste se encontrava mais vulnerável, mais exposta e de, certa forma, menos organizada, visto que não se encontravam todos os seus efetivos presentes, nem os homens estavam dispostos em formação de combate, nem sequer tinham todo o armamento à mão. Por isso, os cavaleiros apenas deveriam desmontar e desarmar-se depois de todos terem chegado ao local escolhido. Após a montagem das tendas, o condestável deveria logo proceder a diversas

¹⁶² CDC, cap. LI, p. 121.

¹⁶³ LOPES, Fernão, *CDJ, Parte II*, cap. CLXIII, p. 345.

medidas de segurança; designadamente, instalava as suas atalaias e guardas em volta do acampamento, as quais teriam como principal função vigiá-lo de noite e de dia¹⁶⁴. Enviava igualmente grupos de batedores vigiarem as áreas circundantes, de modo a darem o alerta em caso de presença inimiga¹⁶⁵. Os homens encarregados de tais tarefas possuíam uma posição especial dentro da hoste, isto é, eram bastante respeitados, visto que se expunham a um grande perigo para proteção dos demais, e também porque este era um encargo de bastante responsabilidade e que requeria igualmente uma grande lealdade para com o seu senhor¹⁶⁶.

Quando, em 1384, Nuno Álvares se dirige para combater um grupo armado oriundo de Castela que havia entrado em Portugal, tendo como objetivo tomar-lhes o roubo que levavam, instala-se na estrada por onde estes haveriam de passar, sem contudo se esquecer de colocar as suas atalaias, os seus guardas e seus os espiões à volta do arraial:

“E cõ esta teemçom partio de Punhete, e chegou aa estrada per omde os Castellaãos aviam de passar pera Santarem, ou de Santarem pera Castella, a hũa pequena rribeira, omde chamam Allperraiam e comeo acerca della, de sso huüs verdes freixos. E amte que sse assemtasse a comer, mandou poer a tiro de besta e mais lomge em alguüs outeiros, suas atallayas, por nehũas gemtes poderem passar, de que ell parte nom soubesse; porque ell avia por costume de numca sse alojar de dia que nom tevesse atallayas, e de noite guardas e escuitas, alomge e a preto. E teemdo suas atallayas postas, e estando a comer, assi ell como as outras gemtes, aque vem hũa das escuitas rrijamente e mui callado, e disse que pella estrada de comtra Santarem, vira grandes poos, e que lhe parecia que viinham algũus de cavallo e de pee”¹⁶⁷.

Através deste trecho, podemos concluir que, até mesmo quando a hoste parava para comer, eram tomadas medidas de segurança, de forma a prevenir quaisquer surpresas. Além disso, este extrato ajuda a corroborar o que acima foi dito, acerca da segurança que era logo instalada no arraial.

Como já sugerimos, por motivos de prevenção, o arraial apenas era erguido assim que a hoste se encontrasse quase toda reunida no mesmo local. Em janeiro de 1388, quando D. João I coloca cerco sobre Melgaço, podemos observar que o arraial apenas começa a ser

¹⁶⁴ FITZ, Francisco García, *Castilla y León frente al Islam*, Sevilha, Universidade de Sevilha, 2005, p.159.

¹⁶⁵ MARTINS, Miguel Gomes, *A Arte da Guerra em Portugal*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2014, p. 395.

¹⁶⁶ FITZ, Francisco García, *Castilla y León frente al Islam*, Sevilha, Universidade de Sevilha, 2005, p.159.

¹⁶⁷ LOPES, Fernão, *CDJ, Parte I*, cap. CXXVIII, p. 219.

instalado quando o rei chega ao local. Como foi visto anteriormente, o rei viaja sempre na retaguarda da coluna de marcha, pelo que podemos concluir que apenas após a chegada do grosso da coluna é que o acampamento começava a ser montado:

“ E logo como el-Rey chegou, foram, armadas as tendas e pousado o arayal, nam porem longe da villa ”¹⁶⁸.

Para além das atalaias, dos espões e dos batedores de terreno, quando o arraial se situava em território inimigo, outras medidas de segurança se tornavam necessárias. Por exemplo, a fortificação do acampamento através da construção de palanques e de fossos, que podiam abranger todo o perímetro do arraial, de modo a dificultar o avanço de visitas indesejadas¹⁶⁹. Podiam também ser utilizados, como modo de fortificação, os carros que compunham o trem de apoio, os quais seriam dispostos em círculo, em redor do arraial, como se de uma muralha se tratasse. Podia-se, igualmente, colocar as tendas praticamente unidas umas às outras, de forma a criar uma espécie de barreira que dificultasse o avanço inimigo, em caso de ataque¹⁷⁰.

Através desta passagem da *Crónica do Condestabre*, situada pouco antes da batalha de Atoleiros, podemos observar que Nuno Álvares decide proteger o seu arraial com palanques, de modo a poder defender-se melhor durante a noite:

“E com esta gente se partio logo dEvora: e se foy a Estremoz, e hy veo logo recado certo: q aquelles señores e geẽte de Castella: porq o mestre mãdara a Nunalvarez estauã no Crato: e que era muyta gente e muyto bẽ corrigida. E como Nunalvarez tall recado ouue. E porq poussaua no arrualde e tinha pouca gente. Mandou logo apalancar o arrualde pera seer ouuido se a elle algũa gente de noyte viesse ”¹⁷¹.

A proteção do acampamento era fundamental para a hoste poder dormir e comer descansada. No entanto, mesmo devidamente apalancados, muitas vezes os homens de armas dormiam armados, para o caso de algum ataque surpresa, sobretudo se o inimigo estivesse bastante próximo. Sobre este aspeto temos duas passagens bastante interessantes nas crónicas.

¹⁶⁸ LOPES, Fernão, *CDJ, Parte II*, cap. CXXXIV, p. 275.

¹⁶⁹ MARTINS, Miguel Gomes, *A Arte da Guerra em Portugal*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2014, pp. 395-396.

¹⁷⁰ *Idem, Ibidem.*

¹⁷¹ *CDC*, cap. XXVIII, p. 64.

Em 1383, quando Nuno Álvares se dirige para Lisboa para ir ter com o Mestre, com medo que a rainha o mandasse prender no caminho, dorme toda aquela noite sem nunca se desarmar e com as montadas preparadas em caso de ataque:

“ NunAllvarez foi sabedor desto aquella noite que dormio na Alverca, e temendosse muito de o a Rainha mamdar prender ao caminho, fallou com seus escudeiros, perçebemdoos que sse tal cousa avehesse, que todavia ante sse leixassem morrer, que aveherem de ser presos; e toda aquella noite foram desarmados, nem as bestas desseladas ”¹⁷².

Em 1385, D. João I parte de Alenquer para Abrantes e instala arraial muito perto de onde os inimigos se encontravam:

“ E como foram com el-Rey, partio com sua hoste; e foy aquell dia pousar a Vallada, que he muy preto de Santarem homde seus emmigos estavom. E por boaa seguramça e preçebimento, mandou lançar pregom pelo arreall que todos aquella noite jouuessem armados. E depois do sono primeiro, foy el-Rey amdar pollo arreall, que todos aquelles que achaua desarmados repremdia-os com asperas palavras, segumdo que cada huum era ”¹⁷³.

Podemos, assim, verificar que dormir armado constituía uma medida de segurança quando o inimigo se encontrava por perto. Esta passagem também nos informa sobre como era comunicada no arraial esta ordem, através de um pregão, e possibilita-nos igualmente verificar que aqueles que não o cumprissem seriam severamente repreendidos.

Deambular pelo acampamento de noite era, igualmente, motivo de punição e era proibido no arraial. Ao afastarem-se, os homens poderiam alertar potenciais adversários, revelando com isso a localização do arraial, ou mesmo enganar as sentinelas do seu próprio acampamento, que fariam soar o alerta sem motivo...

Quando, em 1384, Nuno Álvares se encontra a caminho de Ponte de Sor, durante o cerco castelhano a Lisboa, instala o seu acampamento com todas as medidas de segurança consideradas necessárias. Durante a noite, alguns dos seus homens afastam-se do acampamento, para os seus cavalos poderem encontrar melhor pasto. Levaram consigo uma trombeta, que fizeram soar ao meio da noite, tal como podemos constatar:

¹⁷² LOPES, Fernão, *CDJ, Parte I*, cap. XXXVIII, p. 66.

¹⁷³ LOPES, Fernão, *CDJ, Parte II*, cap. XXV, p. 50.

“ E de feito logo partio dEluas com sua hoste: e andou esse dia sete legoas e foise alojar a hũa fonte que chamam da Figueyra: que esta no Cabo do Reguengo do Amexial dEstremoz caminho do Cano. E mãdou de noyte poer suas guardas e escuytas segundo auia de custume. E sendo já alto seraão huïas. XXX. lanças de sua companhia se alongarom do alojamento adiante contra o Cano por suas bastas passarẽ melhor (...) levarõ consigo huïa trôpeta (...) E quãdo veo aa mea noyte aqlla trôpeta começou de tãger: e fou ouuida no alojamẽto honde Nunalvarez jazia. E cuydarõ q erã os castelhanos q hia buscar (...) E como lhe foy dito que era tornousse a seu alojamento. Porem que defendeo que de hy em diante nom fosse nenhuï tam ousado que de noyte se assy apartasse da oste”¹⁷⁴.

Neste caso, assim que a trombeta começou a ser ouvida, todos os outros homens do acampamento acreditaram ser o toque de alarme indicando que o inimigo se aproximava, o que causou um grande reboliço no arraial, circunstância que poderia, de facto, ter alertado o inimigo.

Outra regra de comportamento muito importante no acampamento tinha que ver com a moderação no consumo de vinho, pois a ingestão excessiva deste poderia gerar problemas. Como já dissemos anteriormente, as crónicas relatam-nos um episódio ocorrido durante uma das entradas de Nuno Álvares por Castela, mais concretamente na região do Almendral, na qual houve muitos vinhos pelo arraial, o que fez com que o condestável tenha ficado em grande cuidado.

Para facilitar a comunicação no seio do acampamento, a hoste poderia recorrer ao uso de trombetas. Os sinais sonoros aparecem como sendo bastante importantes no que diz respeito à comunicação entre as diversas componentes militares da hoste. Aparecem na coluna de marcha, no combate e também aqui, no acampamento. Acompanhavam sempre a hoste em movimento, sendo bastante importantes para o envio de mensagens e para uma melhor coordenação dos diversos elementos envolvidos em combate¹⁷⁵. As crónicas mostram que eram utilizados para alertar em caso de aproximação do inimigo, bem como para reunir todos os homens de armas junto do rei ou do condestável, de modo a receberem as suas ordens. Aquando do cerco de Alcântara por D. João I, em 1400, quando este envia Nuno Álvares em busca de mantimentos, podemos observar a seguinte cena:

¹⁷⁴ CDC, cap. XXXIV, pp. 82-83.

¹⁷⁵ MONTEIRO, João Gouveia, *A Guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 234.

“ (...) e elle ficou naquella rrybeira de Boteja cõ seu arrayall. (...) E sua bandeyra fora: e as trõpetas soauam rrijgamente. E forõ logo jũtos todos do arrayall aa sua tenda. E hy concertou que ficasse çerta gẽte por guarda do arrayal: e foy hũa legoa e mea ataa q chegou ao teẽte q vinha cõ muy grãde roubo”¹⁷⁶.

Numa outra passagem, situada antes da descrição da batalha de Atoleiros, podemos observar que, de modo a juntar todos os do arraial, Nuno Álvares utiliza uma trombeta: “(...) E mandou logo dar as suas trombetas: e suas jeentes foram logo jũtas com elle todos armados e prestes já em amanhecẽdo”¹⁷⁷.

Após termos visto como se defendia o acampamento e como era escolhido o local no qual este deveria repousar, torna-se necessário questionar a respetiva organização. Como eram organizadas as tendas no interior do arraial? Que disposição teriam? Que formato adotaria o acampamento?

A forma dos arraiais poderia variar consoante o terreno, podendo estes ser alongados, circulares ou quadrangulares. O arraial teria, no entanto, de se adaptar às características morfológicas do solo. Era importante que a área do acampamento fosse adequada ao número de homens que constituíam a hoste, de modo a evitar grandes afastamentos e a impedir que as tendas fossem demasiado próximas umas das outras, impossibilitando a existência de corredores de passagem tão importantes para a circulação interna¹⁷⁸. O acampamento deveria, por isso, possuir corredores largos que facilitassem o tráfego de homens e de animais. Devido a esse facto, no caso de adotar um formato circular deveria possuir um espaço aberto entre a zona central, onde se encontrava a tenda do rei, e as restantes tendas dos membros da hoste. No caso de adotar uma forma quadrangular, seriam feitas, tal como no caso dos acampamentos romanos, duas vias que se cruzavam ao centro¹⁷⁹. Segundo Francisco García Fitz, a tenda do rei ou do principal senhor estaria sempre no meio, rodeada pelas dos seus oficiais. O resto do acampamento formar-se-ia em redor deste primeiro núcleo¹⁸⁰. O ponto onde o rei se encontrava deveria ainda ser o mais bem guardado, e por isso estaria num local de destaque. Nas crónicas, poucas informações nos aparecem sobre a organização interna do

¹⁷⁶ CDC, cap. LXXIV, pp. 195-197.

¹⁷⁷ CDC, cap. XXVIII, pp. 63-64.

¹⁷⁸ MONTEIRO, João Gouveia, *A Guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 245.

¹⁷⁹ MARTINS, Miguel Gomes, *A Arte da Guerra em Portugal*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2014, p. 394.

¹⁸⁰ FITZ, Francisco García, *Castilla y León frente al Islam*, Sevilha, Universidade de Sevilha, 2005, p.158.

arraial que nos possibilitem aprofundar melhor estas questões tão importantes. Surge-nos, no entanto, uma passagem interessante, na qual D. João I pede a Nuno Álvares, numa certa noite, para ir ter consigo à sua tenda, quando o marechal da hoste é preso; a partir daqui, podemos concluir que as tendas deles não se encontravam perto uma da outra:

“ *E essa noyte seguinte seêdo já muyto alta noyte: mãdou elRey chamar o Condestabre que ja jazia dormindo em sua tenda: e elle se levantou logo e se foy logo honde elRey pousaua: q era de hy hũ grãde pedaço e elRey lhe disse e mostrou alguũs recados (...)*”¹⁸¹.

Fernão Lopes refere que a tenda do rei se encontrava a “*hũ grade pedaço*” de distância da tenda do condestável, pelo que podemos concluir que deveriam existir diversos núcleos no acampamento, sendo o núcleo principal o do rei, e aquele que definia o arraial.

Não encontramos qualquer referência à localização do trem de apoio no acampamento; este deveria, no entanto, situar-se na zona mais segura do arraial, isto é, no lado contrário àquele de onde poderiam ser mais facilmente desencadeados os ataques, de modo a facilitar a respetiva defesa¹⁸².

Quanto aos currais, estes também não aparecem referidos; em paragens de alguma duração, deveria ser-lhes atribuída uma área específica, um pouco distante das tendas de modo a evitar a insalubridade inerente aos dejetos¹⁸³.

Organizado o acampamento e definido todo o sistema de segurança, a hoste poderia enfim descansar, permanecendo, todavia, sempre alerta para o caso de o inimigo aparecer.

No entanto, subsistem algumas questões por responder: Qual seria a localização exata do trem de apoio no arraial? Quantos homens poderiam as tendas albergar? Como eram construídas? É certo que as transportavam consigo ao longo da viagem, mas como seriam elas? Como funcionava a seleção dos homens que se ocupavam da vigia do arraial? Como eram tratados os dejetos na hora da partida? Esperamos ter a oportunidade de regressar a estes assuntos futuramente.

¹⁸¹ CDC, cap. LXV p. 164.

¹⁸² MONTEIRO, João Gouveia, “Estratégia e Tática Militares”, in Manuel Themudo Barata e Nuno Severiano Teixeira (dir.), *Nova História Militar de Portugal*, volume 1, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2003, p. 221.

¹⁸³ MARTINS, Miguel Gomes, *A Arte da Guerra em Portugal*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2014, p. 394.

4. O transporte de materiais e as passagens ingratas

A coluna de marcha encontra-se em andamento, com todo o seu pesado trem de apoio, as tendas e todos os materiais necessários à guerra e à instalação do arraial. Leva a sua ordem própria, de modo a poder proteger-se contra qualquer ataque vindo do inimigo. No entanto, quando desenhamos a coluna de marcha, como já o fizemos, devemos ter em consideração o caminho pelo qual a hoste irá viajar. Nem sempre o caminho era fácil, e as passagens mais ingratas deveriam ser ao máximo evitadas, devido ao perigo que representavam. Por passagens ingratas entendemos sobretudo as que dizem respeito a travessias dos rios caudalosos e a desfiladeiros. Também se inclui, neste conceito, o caminho que muitas vezes tinha de ser aberto pela hoste, de modo a uma coluna de marcha poder circular.

No capítulo que se segue, serão analisadas as diversas soluções adotadas pelas hostes para atravessar estes pontos mais difíceis, sem prejuízo da respetiva segurança. Analisarei primeiramente a questão do transporte de todos os materiais que a hoste considerava necessários a uma expedição.

O trem de apoio da hoste era composto por forragens, armas, meios de montar o acampamento à noite, bem como pelas bagagens dos homens de armas e de tudo o que a hoste considerasse necessário transportar consigo. Por esse motivo, o ‘comboio de materiais’ seria extenso, pesado e lento. Como seria então transportado o trem de apoio?

Observámos quem o guardava, qual a sua importância no seio da hoste, mas ainda não vimos como era de facto transportado. A hoste poderia proceder ao transporte das forragens e do armamento (sobretudo no caso de se tratar de armamento pirolástico, como os trons) através de barcos, os quais acompanhariam a coluna de marcha ao longo da expedição. No entanto, para se poder efetivamente recorrer à utilização deste método, ele teria de ser viável, o que muitas vezes não se verificava (por falta de embarcações ou de linhas fluviais acessíveis). Além disso, esta parece ter sido uma prática pouco utilizada pelos reinos ocidentais¹⁸⁴. Ainda assim, nas crónicas encontramos algumas referências acerca do transporte fluvial, que teria servido também para transporte de homens e não apenas do trem de apoio. Por exemplo, na *Crónica de D. Fernando*, observamos o transporte dos materiais necessários à construção das célebres muralhas fernandinas em redor de Lisboa, os quais eram trazidos para cidade através de barcas:

¹⁸⁴ MONTEIRO, João Gouveia, *A Guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Notícias Editorial, 1998, p.254.

“(...) e mandou que servissem em ella per corpos ou per dinheiro, pera seer a pressa cercada, estes seguintes logares scilicet, da parte do mar, Almadã, Sezimbra, Palmella e Setuall, Couna e Benavente e Çamora Correa e todo o Rribatejo; e da parte da terra, Sintra Cascaes e Torres Vedras e Alanquer e Aarruda e Aatouguia e a Lourinhã, Tilheiros e Mafra, Poboos e Cornagua, e Aldea Gallega, assi os moradores dos logares come dos termos; e hũus serviam per adua e outros davom certas fornadas de call, a qual tragiam aa sua custa aa cidade em barcas”¹⁸⁵.

Já em 1384, antes de o rei castelhano colocar cerco sobre Lisboa, encontramos uma passagem na qual se diz que muitos iam às lezírias e a Santarém em busca de mantimentos para a cidade, em barcas e em batéis:

“Omde sabe que como o mestre e os da çidade souberom a viimda delRei de Castella, o esperarom seu gramde e poderoso çerco, logo foi hordenado de rrecolherem pera a cidade os mais mãtiimentos que auer podessem, assi de pam e carnes, come quaaes quer outras cousas. E hiamsse muitos aas liziras em barcas e batees, depois que Samtarem esteve por Castella, e dali tragiam muitos gaados que salgavom em tinas, e outras cousas que tinham; e doutras pessoas da comarca darredor, aquelles a que prougue de o fazer; e deles passarom o Tejo com seus gaados e bestas (...)”¹⁸⁶.

Noutra passagem, podemos observar Nuno Álvares a falar com D. João sobre a possibilidade de a hoste ir ou não em barcas pelejar contra o rei de Castela, que se encontrava em Santarém:

“E depouys ouue conselho de o nom fazer: por que era cousa muy duvidosa hijr em barcas que ão pode leuar tãta jeente pera pelejar com elRey de Castella: nem ajnda chegar senom a Mũja: porque augua do Tejo era pouca”¹⁸⁷.

O trem de apoio seria, no entanto, transportado sobretudo por via terrestre, o que atrasava consideravelmente o avanço da coluna, que se tornava mais penoso, sobretudo no caso do transporte de trons e bombardas. O transporte por via terrestre seria efetuado graças à

¹⁸⁵ LOPES, Fernão, *CDF*, cap. LXXXVIII, p. 308.

¹⁸⁶ *Idem*, *CDJ, Parte I*, cap. CXV, p. 195.

¹⁸⁷ *CDC*, cap. XXIII, p. 53.

utilização de azémolas e de bois, bem como de carros de transporte puxados por estes animais¹⁸⁸. Poder-se-ia igualmente usar os cavalos para o efeito, visto que estes eram consideravelmente mais rápidos do que os bois, o que ajudaria bastante a hoste em movimento; no entanto, os cavalos necessitavam de mais descanso e de mais alimento¹⁸⁹. As crónicas quatrocentistas portuguesas referem sobretudo o uso de bois e de azémolas para o transporte de materiais da hoste em movimento, não tendo sido encontradas referências ao uso do cavalo com essa finalidade.

Aquando do cerco de Alenquer, em 1384, podemos observar a utilização dos métodos de transporte acima descritos. D. João I pede dois trons ao armazém de Lisboa, que lhe são levados em barcas e depois puxados por bois até ao local; por fim, onde os animais não conseguiam chegar, foram os próprios homens que os puxaram e colocaram em posição:

“Estomce mandou o Meestre a Lixboa por trões e por dous emgenhos e foromlhe levados em barcas, ata aquell logar hu desembarcara, e dalli em bois ataa o logar. E como chegarom ao arravalde, omde os bois nom poderom mais hir, tomarom os homões cordas pera os levarem per ellas omde aviam de seer armados; e porque o pértigo dhũu era mui pesado, e o nom podiam levar cassamdo muito com elle, falou estomce o Meestre e disse: Oo amigos! esforçaaevos por Deos, e tirae bem, e nembrevos vossas molheres e fazemdas, e os filhos e terra dhu sooes naturaaes, e trabalhaae por detarmos estes emmiigos fora daqueste logar. E eles se esforçarom com suas boas palavras de tal guisa que poserom o arteficio cada hũu no logar omde aviã destar”¹⁹⁰.

Através desta passagem espetacular (quase ao estilo da narrativa de José Saramago sobre a construção do convento de Mafra, na obra *Memorial do Convento*), podemos corroborar o que acima foi dito acerca do transporte dos trons, e podemos ainda observar melhor o funcionamento e organização do transporte militar da hoste.

Quanto a passagens acerca do transporte unicamente por via terrestre, destacamos o caso de 1414-1415, quando se preparava a expedição a Ceuta:

¹⁸⁸ MONTEIRO, João Gouveia, *A Guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Notícias Editorial, Lisboa, 1998, p.252.

¹⁸⁹ MARVIN, Laurence W., “Logistics and Transportation”, in Clifford Rogers (dir.), *The Oxford Encyclopedia of Medieval Warfare and Military Technology*, volume 2, Oxford University Press, 2010, pp. 515-516.

¹⁹⁰ LOPES, Fernão, *CDJ, Parte I*, cap. CLXVI, pp. 313-314.

“Era alli o trafego tamanho em aquella rribeira, que de dia nem de noute numca estaua soo. nem os marinheiros nom eram pouco camssados em arrimar tamanha multidom de frasca. E com esto as estradas e caminhos eram cheos de carros e de bestas, que vijnham carregados com mantijmentos e armas das terras daqueles fidalgos (...)”¹⁹¹.

Numa outra passagem, encontramos uma curiosa referência ao transporte da cama do condestável, quando, em 1385/1386, este vai em romaria a Santiago da Galiza, tomando pelo seu caminho algumas terras que ainda teriam voz por Castela:

“E sayndo per hũa porta da cidade que chamã do Oliuall: per hõde o Condeestabre sayra aazemella com a cama cayo morta em terra (...) E mandou que posessem a cama em outra besta e se fossem apos elle”¹⁹².

Este último trecho ajuda-nos a perceber como eram transportados alguns dos elementos que iriam recheiar o acampamento. Neste caso concreto, ficamos a saber que a cama do condestável seria transportada por uma azémola.

A coluna de marcha precisava, portanto, de ter muito cuidado com o caminho escolhido, de modo a viabilizar-se o transporte do seu complexo trem de apoio. O caminho poderia revelar surpresas à coluna em marcha, as quais teriam de ser ultrapassadas da forma mais segura possível. Os desfiladeiros apresentavam-se como sendo obstáculos bastante perigosos para a hoste, uma vez que obrigavam a coluna a dividir-se, forçando assim a hoste a abandonar a formação de marcha que trazia, o que poderia constituir um grande risco. Os homens ficavam condicionados a formar uma única extensa coluna, que ficava muito mais exposta e vulnerável a eventuais ataques inimigos. Por isso, os desfiladeiros deveriam ser evitados, se possível. No entanto, caso se tivesse mesmo de passar por eles, seria conveniente que a coluna enviasse um grupo de batedores à frente, de modo a fazerem um reconhecimento do ponto saída e das colinas que circundavam aquela garganta. Deveriam igualmente ser colocados contingentes de besteiros e de infantaria nesses mesmos locais, de maneira a prevenir qualquer ataque inimigo¹⁹³. As crónicas não nos dão informações concretas de como a hoste se deveria comportar nestas situações, pelo que nos faltam elementos para aprofundar a análise do risco que a coluna enfrentava ao longo da sua marcha.

¹⁹¹ ZURARA, Gomes Eanes de, *CTC*, cap. XXXV, p.113.

¹⁹² *CDC*, cap. XLIII, p. 106.

¹⁹³ MARTINS, Miguel Gomes, *A Arte da Guerra em Portugal*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2014, p. 384.

Por outro lado, as crónicas são bastante ricas em informação no que diz respeito ao segundo e talvez principal grande entrave à marcha: a travessia de rios. Os cursos de água representavam sempre um obstáculo difícil para a coluna de marcha, visto que se esta não se fizesse acompanhar de barcos de abastecimento, ou se não houvesse uma ponte, a travessia seria muito mais complicada e arriscada. Isto porque, para atravessar o rio, tal como no caso do desfiladeiro, a coluna era obrigada a abandonar a sua formação e a dividir-se, tornando-se num alvo fácil para os ataques dos adversários.

De modo a melhor se proteger nestas situações, o exército em trânsito deveria ter contingentes armados em ambos os lados do rio, para, caso fosse necessário, poder defender todos aqueles que o atravessavam¹⁹⁴. Deveria igualmente possuir-se um conhecimento prévio acerca dos vaus pelos quais se poderia mais facilmente fazer a travessia, informação essa que poderia ser transmitida pelo adail ao líder da hoste.

Em 1387, quando D. João regressa de umas das suas incursões por Castela, podemos identificar uma passagem nas crónicas que nos mostra como é que uma hoste poderia encontrar o melhor local para atravessar o rio, quando o seu vau assim o permitia:

“Dally partio el-Rey com sua hoste e veo pousar a çima de Çamora duas legoas, junto com o ryo em dereito de Santa Maria do Viso; e el-Rey mandou buscar o ryo, que era em amcho huum gram tiro de besta, se poderia auer vaao pera passar. E amtre aquelles que o buscar forom foy huum escudeiro que deziam Aluaro Vaasquez, alcayde dAlcanede; e buscamdo o vaao, cayo o cauallo com elle e morreo ally; e outros acharom depois logar per hu passassem a seu saluo. Em outro dia, que eram quinze de mayo, partio el-Rey, e passou toda a hoste aquell vaao, assy de pee come de cavallo, que nenhuma pessoa nem besta pereçeo; e poserom logo seu arreall da parte aallem, nom queremdo mais amdar por o camsaço da passagem”¹⁹⁵.

Segundo o trecho acima transcrito, podemos deduzir que estas travessias seriam bastante cansativas, o que seria natural, visto que todos os homens, as bestas e toda a pesada carriagem teriam de atravessar. Talvez por isso, na passagem acima evocada podemos verificar que, após a travessia, a hoste instalou logo o seu arraial, para se recompor do cansaço sofrido.

¹⁹⁴ MARTINS, Miguel Gomes, *A Arte da Guerra em Portugal*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2014, pp. 383-384.

¹⁹⁵ LOPES, Fernão, *CDJ, Parte II*, cap. CXI, p. 231.

Através das crónicas, reconhecemos também as diversas formas pelas quais uma hoste poderia proceder à travessia de um rio. Na *Crónica de D. Fernando*, por exemplo, encontramos a seguinte passagem, referente ao rei D. Henrique de Castela¹⁹⁶, quando este cercava a cidade de Leão, na qual fora construída uma ponte de madeira sobre o rio Tejo:

*“(...) e por sse el-rrei mais apoderar sobre o cerco da cidade fez logo cercar todo o arreall e fazer no Tejo hũa ponte de madeira, e certas gentes d’armas passar aalem e pousar all (...)”*¹⁹⁷.

Encontramos igualmente uma referência nesta crónica às famosas pontes de barcas, compostas por diversas galés unidas por pranchas de madeira, de modo a formarem uma ponte que possibilitasse a travessia em segurança da hoste e de todo o seu trem de apoio.

Aquando da Primeira Guerra Fernandina, o monarca português enviou uma carta à cidade do Porto a pedir que fosse feita uma ponte de barcas sobre o rio Douro, de maneira a que a hoste pudesse atravessar toda num único dia, visto que o rei queria ir contra o rei D. Henrique de Castela, que cercava Guimarães:

*“E mandou logo suas cartas aa cidade do Porto, que muito a pressa fosse feita hũa ponte de barcas no rrio Doiro, per que el e toda a sua hoste podessem passar em hũu dia, porquanto sua vontade era em toda guisa hir pelejar com el-rrei dom Henrrique; e que isso mesmo se fizessem prestes os moradores do logar pera sse irem em sua campanha. Os da cidade, mui ledos com este rrecado, forom todos postos em grande trigança pera poer esto em obra, hũus a achar barcas, d’elles a carretar madeira, outros a lançar âncoras e amarrar cabres; de guisa que muito aginha foi feita hũa grande e espaçosa ponte, lastrada de terra e d’area, tal per que folgadamente podiam hir a través seis homees a cavallo (...)”*¹⁹⁸.

Através da notável passagem apresentada, podemos verificar como seria feita uma ponte de barcas, colocando juntas as barcas, lançando âncoras para estas não se moverem muito e juntando madeira de modo a unir as ditas barcas. Assim, os habitantes do Porto iriam

¹⁹⁶ Apesar de esta passagem não se referir a Portugal, considerámos relevante incluí-la neste estudo, visto que muitas das práticas de travessia de rios levadas a cabo em Castela seriam, decerto, também utilizadas em Portugal.

¹⁹⁷ LOPES, Fernão, *CDF*, cap. XVIII, pp. 63-64.

¹⁹⁸ *Idem, ibidem*, cap. XXXV, p. 115.

construir uma ponte que permitiria a passagem, lado a lado, de seis homens a cavalo. A ponte teria de ser, portanto, bastante larga (entre seis e nove metros) para que tal fosse possível.

Outra forma utilizada para a travessia de um rio era a utilização de duas linhas de cavaleiros ao longo do vau e entre as margens, de modo à coluna passar pelo meio. Assim, a linha que se encontrava a montante quebrava a força da corrente, enquanto a outra linha servia para amparar quem pudesse ser, mesmo assim, arrastado pela força das águas¹⁹⁹. No caso desta solução, não encontramos muitas referências nas crónicas. Apenas um caso nos documenta esta forma de travessia, e não é um episódio nada feliz, uma vez que se traduziu num verdadeiro desastre para a hoste de D. João I. É que a travessia de um rio acarretava não só o problema de um eventual ataque inimigo num momento de fragilidade e divisão, mas também constituía um verdadeiro perigo para a hoste e para a expedição devido à travessia em si, que nem sempre poderia correr da melhor forma, resultando muitas vezes em perdas significativas de homens. Em maio de 1398, D. João I parte para a Galiza com a intenção de cercar Tuy, tendo no seu itinerário de atravessar o rio Minho. A seguinte passagem, bastante extensa, mostra como decorreu esta travessia:

“Começarom entom (de) amdar cada huum quanto mais podia e chegando per acerca de Monção, pidiram a Dyego Gomez dAbreu, alcayde daquele logar, que mandasse huum seu escudeiro, que chamauão Fernandayras, que lhe fosse mostrar o vaao. E elle e outro, a que diziam Joham Vazquez, foram ambos por guyas delle; e chegaram ao vao das Estacas, que naquele lugar era dancho como a costumada passajem do Doyro, sendo jaa sol posto, muy acerca do seraão, e a noute per antre poymento de nuueens nam bem clara, como pera tal passajem compria. E el-Rey fez chamar huma guya daquelas que os ouuessem dencamynhar; e ella entrou em çima do seu cauallo, damdo-lhe augua pelos peytos. O vaao nam era dereyto, mas desuyado pera cima, qual natureza hordenara, de huum pedregulhoso seixal, e (a) altura daugua per huma jgoaldança não mais alta em huum lugar que em outro; mas era junto com elle huum perfumdo peego, bem mortal e vezinho aazado pera muytos perecerem, de que poucos sabyão parte. A guya passou alem, e tornou mais rijo do que foy, por o gram corrimento dagua que deçia. El-Rey mandou passar a bamdeira por lhe aviuar os corações de passarem mais toste; e Joham Gomez da Sylua, (que era alferes), como foy allem e alguuns com elle (foy) afumdo por beira do rio ao dereyto domde el-Rey ficaua; que foy grande aazo da perda que se ally fez; porque ao soom das vozes donde elle estaua, taraua

¹⁹⁹ MARTINS, Miguel Gomes, *A Arte da Guerra em Portugal*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2014, p. 383.

a gente pera ally dereyto, e o vao hya mais acima (desuiado), e assy se perdyam muytos. E tornou a guya por encamynhar outra hida, e foy com ella muyta mays gente que da prymeeyra; e quando veyo da terceira vez, fazendo a augua de sy parede, e borou grão parte deles, e deitou-os no peego, sem sendo vistos dos que eram em terra. Desy a noute mal aazada pera tal trabalho fazia topar huuns nos outros. E deles trauauam de seus parçeyros por se terem a eles, e leuauam-nos consygo; e desta guyssa e da outra morria muyta gente, atee que os qu(e) yam detrás foram em conhecimento da perda que se fazia, e disseram-no a el-Rey, e mandou que nam passassem mais”²⁰⁰.

Através do (impressionante) trecho acima apresentado, podemos observar a descrição da forma de travessia que acima foi explicada, com a utilização de linhas humanas e de modo a permitir a passagem da hoste de uma margem para a outra. No entanto, como podemos verificar neste caso, a corrente era muito forte, pelo que resultou num grande desastre. Conseguimos observar igualmente, que foi o guia que escolheu onde se deveria atravessar e que ajudou os membros da hoste no processo, não tendo sido, no entanto, bem sucedido. Podemos igualmente observar mais adiante, no mesmo capítulo, que o rei não atravessou o rio desta forma, e que só soube do desastre na manhã seguinte:

“El-Rey esteue huum boom espaço aquém do rio, nam sabemdo quaees eram mortos, e andaua grão parte da noute afundo, muy longe domde foy esta perda. Passou em uma barca, e desy aquelles que o fazer podyam. E quando foy o dia claro e soube aquelles que faleceram, ficou espantado e muyto nojosso por se assy perderem per tão desaventurado cajão; e deteve-se alguuns dias por os mortos que surdiam e sayam fora”²⁰¹.

Através deste trecho, podemos concluir que o rei passou de uma forma mais segura do que o resto da hoste, o que nos leva a questionar: atravessaria o rei sempre de modo diferente e separado do resto da hoste? As crónicas não nos respondem a esta questão. No entanto, se recordarmos o caso da ponte de barcas pedida por D. Fernando aos portuenses, podemos supor que este pretendia atravessar por ela, contando que fosse segura. Portanto, o rei atravessaria um rio sempre da forma mais segura possível, ainda que o resto da hoste tivesse de completar a travessia de uma forma diferente. Outra possibilidade seria a inexistência de

²⁰⁰ LOPES, Fernão, *CDJ, Parte II*, cap. CLXVIII, pp. 357-358.

²⁰¹ *Idem, ibidem*, cap. CLXVIII, pp. 358-359.

barcos suficientes para o transporte de todos os homens presentes, bem como para a realização de uma ponte improvisada.

A hoste tinha, portanto, de tomar grande cuidado no que dizia respeito a travessias de rios, visto que estas rapidamente poderiam revelar-se mortíferas. Era igualmente comum (e até aconselhado por tratadistas como Vegécio) que, no seu trem de apoio, a hoste se fizesse acompanhar de pequenos barcos, de modo a facilitar a travessia de rios²⁰².

Ainda assim, apesar dos perigos que a travessia de rios acarretava, encontramos algumas entradas nas crónicas nas quais observamos que estas mesmas passagens podiam ser realizadas durante a noite. Tal como pudemos observar no subcapítulo sobre as colunas de marcha, muitas vezes a hoste circulava de noite, pelo que seria natural que, se houvesse um rio no seu caminho, tivesse de o atravessar. No entanto, pelas crónicas, percebemos também que, de noite, as travessias seriam sobretudo realizadas através da utilização de barcos. Em 1384, durante o cerco de Lisboa, encontramos diversas referências (ainda que pontuais e individuais, ou quase) a travessias noturnas. Quando a frota do Porto chega a Cascais, durante o assédio à capital, envia um batel durante a noite, de modo a este passar despercebido pela frota castelhana, com gentes para falarem com o Mestre de Avis:

*“O batel partio bem de noite muito rremado, e com boõs paveses, vindo acerca da terra dAlmadãa, por os da frota nom averem delle sentimento; e viinha em ele pera fallar ao Meestre, Joham Ramalho, mercador do Porto bem rrico e mui atrevudo no mar, e chegou a Lixboa alto seraão”*²⁰³.

Ainda durante o cerco de Lisboa, muitos eram aqueles que, durante a noite, tentavam fazer chegar mantimentos à cidade cercada de modo a tentar mitigar a fome que cada vez mais se fazia sentir na capital. Através da passagem seguinte, conseguimos observar isso mesmo, bem como a dificuldade de passarem despercebidos pelas galés castelhanas, que tentavam impedir este abastecimento:

“(...) e alguõs se tremetiam aas vezes em batees e passavom de noite escusamente contra as partes de Ribatejo, e metemdosse ã alguõs esteiros, alli carregavom de trigo que já achavom prestes, per rrecados que amte mandavom. E partiam de noite rremando mui

²⁰² MONTEIRO, João Gouveia, *A Guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998, p. 234.

²⁰³ LOPES, Fernão, *CDJ, Parte I*, cap. CXXXI, pp. 225-226.

rrijamente , e allguũas galles quamdo os semtiam viinr rremando, isso mesmo rremavom a pressa sobre eles; e os batees por lhe fugir, e ellas por os tomar, eram postos em grande trabalho”²⁰⁴.

Nuno Álvares decide então ir falar com o Mestre a Lisboa, estando ainda a frota castelhana a bloquear a cidade, pelo que atravessou o Tejo num batel, à meia-noite, de modo a chegar à cidade, tal como podemos observar na seguinte passagem:

“Nuno Alvarez desprezando todo sonho e agoyro vaão, com mudou teemçom do que preposto tinha; e entrou no batel com alguũs seus a horas de mea noite; e posto que sse desviar podera quis atravessar pella frota que jazia amte a cidade; e como foi amtre ella, mamdou logo dar aas trombetas”²⁰⁵.

Andar de noite era, como já referimos anteriormente, até bastante utilizado pela hoste, apesar de todos os perigos que pudesse acarretar. No entanto, no seu caminho, a hoste poderia encontrar outras dificuldades para além dos rios e dos desfiladeiros. Poderia, por exemplo, não encontrar nenhum caminho aberto, e ter de ser ela própria a fazê-lo. Por isso, deveria sempre trazer consigo as ferramentas necessárias para este efeito.

A hoste tinha, devido a todos estes fatores, de preparar-se bem para a campanha, planeando as passagens mais complicadas de modo a diminuir perdas e a estas serem o mais seguras possíveis, devido aos inimigos e às próprias passagens em si. No entanto, algumas questões ficam por responder neste capítulo: como eram transportados os batéis que a hoste levava consigo para facilitar a travessia de rios? Seriam compostos de elementos pré-fabricados que depois seriam unidos, no momento da sua utilização? Se dizemos que o trem de apoio que acompanha a hoste é sempre pesado e lento, quantas carroças seriam necessárias para uma expedição de média dimensão?

²⁰⁴ LOPES, Fernão, *CDJ, Parte I*, cap. CXLVIII, p. 268.

²⁰⁵ *Idem, ibidem*, cap. CLII, p. 282.

Conclusão

Podemos concluir que a logística também era uma ‘arma’, e absolutamente determinante para o sucesso de uma expedição. Sem uma organização prévia minuciosa, sem capacidade para resolver e satisfazer necessidades básicas, desde a questão do abastecimento à montagem do acampamento noturno, nenhuma hoste conseguiria levar a bom porto uma campanha. Muitas expedições ficaram condenadas ao fracasso, ainda antes da hora da partida, por falta de organização logística, enquanto outras, porventura com augúrios menos otimistas, acabaram por triunfar graças à solidez e resistência das respectivas colunas de marcha.

Dirigida pelo condestável sempre que o rei não se encontra presente, essa coluna de marcha possuía duas variantes distintas. Uma para quando o inimigo se encontrava nas proximidades e outra quando se progredia em condições de segurança, em ‘marcha itinerária’. Cada elemento da coluna se movimentava em perfeita harmonia, comunicando entre si através de sinais sonoros ou de mensageiros. Conseguimos observar que os dois tipos de coluna eram distintos, em termos de organização e também no que dizia respeito às medidas de segurança implementadas.

Uma das grandes questões da organização de uma coluna, sobretudo no caso da coluna de marcha em aproximação ao inimigo, era a da posição do rei. O rei viajava geralmente na retaguarda, que, como vimos, se caracterizava como sendo um dos pontos mais vulneráveis. No entanto, também podemos observar que, sendo um dos locais de maior fragilidade, era também bastante reforçado por homens de armas.

Refletimos também sobre os perigos que a coluna de marcha enfrentava ao longo do seu percurso. E aqui, praticamente tudo se enquadra, deste a questão da fome, ao acampamento e à passagem dos rios. Pudemos verificar que, no que dizia respeito ao abastecimento, muitas eram as formas utilizadas pela Coroa para alimentar os homens de armas. No entanto, a mais usada, sem dúvida nenhuma, seria a pilhagem organizada, sobretudo em território inimigo. Assim, a coluna enviava contingentes armados à sua frente, de modo a conseguir vitualhas que alimentassem a hoste. Todo o gado conseguido nestes raides passava a fazer parte da carriagem, que já de si seria bastante pesada. Devido a esse facto, no caminho de regresso ao reino a hoste teria de ser duplamente cuidadosa, uma vez que, inebriados pela vitória e carregados com o pesado saque, se tornavam uma presa fácil para os inimigos. De modo, para se tornarem menos vulneráveis, a vanguarda e retaguarda deveriam estar sempre à vista uma da outra.

Além do recurso “ao viver do que o país dava”, a coluna teria de transportar consigo mantimentos, que poderia conseguir através de requisições régias, uma vez que a prática do saque também acarretava diversos perigos, que poderiam resultar em fome (em especial se o inimigo utilizava a tática da chamada “terra queimada”).

Para além deste perigo, existia o das passagens mais ingratas, da eventual desorientação dos guias e, claro está, da travessia dos rios. As passagens seriam sobretudo feitas através de pontes de barcas, caso a hoste as transportasse consigo, ou através da escolha criteriosa do melhor vau para a travessia, fazendo-se linhas humanas de modo a cortar a corrente. Mesmo assim, uma travessia era sempre arriscada e a segurança deveria ser redobrada, uma vez que a hoste se encontrava desorganizada e dividida, sendo por isso vulnerável.

Também a questão do acampamento era de extrema importância. Normalmente, este localizava-se num ponto alto, perto da água, da erva e da lenha. Com o inimigo por perto, seriam erigidas paliçadas e cavados fossos, de modo a proteger a hoste de qualquer ataque de surpresa. Costumavam também ser colocadas escutas e vigias em redor do arraial. No que diz respeito à sua organização, sabemos que se constituía em núcleos que cercavam a tenda do rei, geralmente colocada ao centro. Quanto à carriagem, seria colocada no lado mais afastado de onde o inimigo mais previsivelmente atacaria, de modo a não constituir um estorvo para os homens de armas, em caso de ataque.

Após toda esta análise, podemos verificar que existiam diversas pequenas regras a que a hoste deveria obedecer de modo a conseguir manter-se segura, evitando todos os perigos que lhe pudessem ir surgindo pelo caminho. Agora, perguntaremos: será que uma hoste cumpriria de facto todas estas exigências? Esta dissertação baseia-se nas crónicas medievais portuguesas de Quatrocentos, e no que elas nos dizem, no entanto, seriam todas as medidas de facto, e sempre, utilizadas? Trata-se de questões para as quais não conseguimos encontrar resposta, mas que pensamos serem relevantes.

A logística de uma hoste inclui todo o seu quotidiano, todas as decisões tomadas em matéria de infraestrutura material de uma campanha. É que a marcha de um exército estava rodeada de perigos, sobretudo quando em terreno inimigo, e daí as medidas necessárias para a sua proteção. Por isso, os temas tratados nesta dissertação interligam-se profundamente, como podemos observar, constituindo faces de uma mesma moeda: a logística militar.

Como se organizava o acampamento no seu interior? Quantos armazéns de armas existiriam no reino? Como se organizavam? Como era gerida a questão do racionamento de uma hoste em andamento? Quem fixava tais tabelas? Quem definia a ordem da coluna e a sua

formação? Como eram dispostas as alas e qual a percentagem média de arqueiros e de besteiros? Estas e muitas outras questões foram colocadas ao longo desta dissertação. Espero ter consigo responder à maior parte delas e ter, por conseguinte, dado um contributo real para o conhecimento da nossa História, analisando um tema tão pouco explorado quanto é o da logística militar medieval.

BIBLIOGRAFIA

Fontes

Cronica do Condestabre de Portugal. Lisboa, Ministério da Educação Nacional, 1969 (reprodução fac-similada da edição original de 1526)

LOPES, Fernão, *Crónica de D. Fernando*. Edição crítica por Giuliano Macchi, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1975

LOPES, Fernão, *Crónica del Rei dom João I da boa memória. Parte Primeira*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1977 (reprodução da edição do Arquivo Histórico Português, de 1915 preparada por Anselmo Braamcamp Freire).

LOPES, Fernão, *Crónica del Rei dom João I da boa memória. Parte Segunda*. Edição preparada por William J. Entwistle. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1977.

Ordenações Afonsinas. Nota de apresentação de Mário Júlio de Almeida Costa; nota textológica de Eduardo Borges Nunes. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1984, 5 vols. (reprod. fac-simile da edição feita na Real Imprensa da Universidade de Coimbra, em 1792).

ZURARA, Gomes Eanes de, *Crónica da Tomada de Ceuta por El rei D. João I*. Edição de Francisco Maria Esteves Pereira. Lisboa. Academia das Ciências de Lisboa, 1915.

ZURARA, Gomes Eanes de, *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses*. Nota de apresentação de José Adriano de Freitas Carvalho. Porto, Programa Nacional de Edições Comemorativas dos Descobrimentos Portugueses, 1988 (reprodução fac-similada da “Collecção de Livros Ineditos de Historia Portuguesa da Academia Real das Sciencias de Lisboa, vol.2, 1792).

Estudos

AMADO, Teresa, “Fernão Lopes”, in Giulia Lanciani e Giuseppe Tavani, *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, Lisboa, Caminho, 2000.

COELHO, Maria Helena da Cruz, *D. João I*, Rio de Mouro, Temas e Debates, 2008.

CONTAMINE, Philippe, *Guerre État et Société à la Fin du Moyen Âge*, Paris, La Haye, 1972.

- DUARTE, Luís Miguel, *Ceuta, 1415*, Lisboa, Livros Horizonte, 2015.
- ECHEVARRIA, Ana, “Almogaveres”, in Clifford J. Rogers (ed.), *The Oxford Encyclopedia of Medieval Warfare and Military Technology*, volume 2, Oxford University Press.
- GARCÍA FITZ, Francisco, *Castilla y León frente al Islam*, Sevilha, Universidade de Sevilha, 2005.
- GODINHO, Vitorino Magalhães, *A Expansão Quatrocentista Portuguesa*, Lisboa, Dom Quixote, 2008.
- GOMES, Rita Costa, “Zurara, Gomes Eanes de” in Giulia Lanciani e Giuseppe Tavani, *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, Lisboa, Caminho, 2000.
- LE BOHEC, Yann, *L’armée Romaine sous le Haut-Empire*, Paris, Éditions A. et J. Picard, 3^{ème} édition (revue et augmentée), 2002.
- MARQUES, A. H. de Oliveira, *História de Portugal*, Volume 1, Lisboa, Editorial Presença, 2010.
- MARTINS, Miguel Gomes, *A Arte da Guerra em Portugal*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014.
- MARTINS, Miguel Gomes, *De Ourique a Aljubarrota – A Guerra na Idade Média*, Lisboa, A Esfera dos Livros, 2011.
- MARVIN, Laurence W., “Logistics and Transportation” in Clifford J. Rogers (ed.), *The Oxford Encyclopedia of Medieval Warfare and Military Technology*, volume 2, Oxford, Oxford University Press, 2010.
- MENENDEZ ARGUIN, Raul, Adolfo, *El Ejército Romano en Campaña*, España, Universidade de Sevilha, secretariado de publicaciones, 2011.
- MONTEIRO, João Gouveia, *A Guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, Lisboa, Notícias Editorial, 1998.
- MONTEIRO, João Gouveia, *Armeiros e Armazéns nos finais da Idade Média*, Viseu, Palimage Editores, 2001.

MONTEIRO, João Gouveia, *Aljubarrota, 1385, A Batalha Real*, Lisboa, Tribuna da História, 2007.

MONTEIRO, João Gouveia, e COSTA, António Martins, *1415, A Conquista de Ceuta*, Lisboa, Manuscrito, 2015.

MONTEIRO, João Gouveia, “Armazenamento e Conservação de Armas”, in Manuel Themudo Barata e Nuno Severiano Teixeira, *Nova História Militar de Portugal*, volume 1, Rio de Mouro, Circulo de Leitores, 2003.

MONTEIRO, João Gouveia, “Estratégia e Tática Militares”, in Manuel Themudo Barata e Nuno Severiano Teixeira, *Nova História Militar de Portugal*, volume 1, Rio de Mouro, Circulo de Leitores, 2003.

PRESTWICH, Michael, *Armies and Warfare in the Middle Ages*, New Haven and London, Yale University Press, 1996.

ROGERS, Clifford J. (dir.), *The Oxford Encyclopedia of Medieval Warfare and Military Technology*, 3 volumes, Oxford, Oxford University Press, 2010.

SOUTHERN, P., *The Roman Army*, California, ABC clío.

TORRES, Rui d’Abreu, “Ouvidores”, in Joel Serrão (dir.), *Dicionário de História de Portugal*, volume IV, Iniciativas Editoriais, 1979.

Imagem de capa ilustrada pela aguarela de Roque Gameiro, representando o cerco de Lisboa de 1147 in http://issuu.com/camara_municipal_lisboa/docs/rossio_3_issuo/182, (10.11.2015).

Cronologia

1367 – D. Fernando sobe ao trono de Portugal.

1369 – D. Pedro I de Castela é morto por Henrique de Trastâmara. Início do conflito entre Portugal e Castela (1ª Guerra Fernandina). D. Fernando invade a Galiza.

1370 – Bloqueio naval a Sevilha.

1371 – Tratado de Alcoutim, entre D. Fernando e D. Henrique.

1372 – Tratado de Tagilde, entre Portugal e a Inglaterra. Casamento de D. Fernando com D. Leonor Teles. Início da 2ª Guerra Fernandina, com a invasão de D. Henrique pela Beira.

1373 – Cerco de Lisboa por Henrique II. Paz de Santarém. Fim da 2ª Guerra Fernandina.

1379 – Morte de Henrique II de Castela e subida ao trono de D. João I de Castela.

1380 – Confirmação do tratado com a Inglaterra, reconhecendo o duque de Lencastre como sucessor ao trono castelhano.

1381 – Início da 3ª Guerra Fernandina. Derrota da frota portuguesa em Saltes. Desembarque dos contingentes ingleses em Portugal.

1382 – Tratado de Elvas, onde fica firmado o casamento de D. Beatriz, infanta de Portugal, com D. Fernando, filho de D. João I de Castela.

1383 – Tratado de Salvaterra de Magos, no qual fica assente que D. Beatriz casará com D. João I de Castela. Casamento de D. Beatriz e D. João. Morte de D. Fernando, em outubro. Início da regência de D. Leonor Teles. Assassinato do conde João Fernandes Andeiro, em dezembro. O Mestre de Avis toma o cargo de regedor e defensor do reino.

1384 – Os castelos de Lisboa, Beja, Portalegre e Évora são tomados por apoiantes do Mestre. D. Leonor Teles abdica do reino em favor da filha e do genro, em janeiro. Batalha de Atoleiros, em abril. Cerco castelhano a Lisboa, a partir de maio. Em setembro, D. João I de Castela levanta o cerco devido a um surto de peste. Cerco de Torres Vedras, por aliados do Mestre. Cerco de Alenquer.

1385 – Cortes de Coimbra, onde o Mestre de Avis é feito rei de Portugal (abril). Campanha no Minho. Cerco e tomada de Guimarães. Cerco e tomada de Braga e de Ponte de Lima. Batalha de Trancoso, em finais de maio. D. João I de Castela invade Portugal pela Beira e encaminha-se para Lisboa. Batalha de Aljubarrota, em agosto. Batalha de Valverde, em outubro.

- 1386** – Cerco e tomada de Chaves por D. João I. Tratado de Windsor, em maio. Cerco de Coria.
- 1387** – Campanha anglo-portuguesa por Leão e Castela.
- 1388** – Cerco e tomada de Melgaço e de Campo Maior.
- 1389** – Assinatura de uma paz de seis meses entre Portugal e Castela. Cerco e tomada de Tuy.
- 1390** – Morte do rei de Castela e subida ao trono de Henrique III.
- 1393** – Paz entre Portugal e Castela, por quinze anos.
- 1400** – Cerco de D. João I a Alcántara, aproveitando Nuno Álvares para devastar, com alguns ataques, a região de Cáceres.
- 1411** – Paz entre Portugal e Castela, através do acordo de Ayton-Segívia.
- 1415** – Conquista de Ceuta, em agosto.

Apêndice Documental

Crónica /Capítulo/Página	Resumo	Data e contextualização	Observações
D. Fernando Capítulo I p. 11	<i>“E isso mesmo fez veer os castelos de que guisa estavom, e mandou-hos rrepairar de muros e torres e cavas d’arredor e poços e cisternas onde compriam; e aas portas paredes travessas e pontes levadiças e cadafaises, e fornece-llos d’armas e cubas e d’outras vasilhas, segundo os logares honde cada hũus eram.”</i>	1367, quando D. Fernando sobe ao trono, e do que manda fazer.	Armazéns de Armas
D. Fernando Capítulo IX p. 34	<i>“(…) os da parte d’el-rrei dom Pedro e do principe tragiam todos cruces vermelhas em campo branco, e os d’el-rrei dom Henrrique levavam esse dia bandas (…)”</i>	Durante a crise em Castela, disputa entre D. Pedro e D. Henrique de Trastâmara.	Librés
D. Fernando Capítulo XVIII pp. 63-64	<i>“(…) e por sse el-rrei mais apoderar sobre o cerco da cidade fez logo cercar todo o arreal e fazer no Tejo hũua ponte de madeira, e certas gentes d’armas passar aalem e pousar all (..) e avia no arreal muitas viandas e grande acorro de dinheiros dos logares que el-rrei cobrou jazendo alli doutros d’arredor que tiinham sua parte (…)”</i>	Durante a crise em Castela, quando D. Henrique cerca Leão.	Transportes; Abastecimentos.
D. Fernando Capítulo XXI p. 73	<i>“(…) e alguĩs dos que hiam com elle poinham fogo aos matos por veer o caminho que lhe embargava a escuridom da noite (…)”</i>	Crise em Castela, entre D. Pedro e D. Henrique.	Coluna de Marcha
D. Fernando Capítulo XXX p. 101	<i>“O pam de todollos covaaes era carretado pera a villa e gaados afastados dos estremos pera dentro do rreino; todallas arvores altas d’arredor dos logares eram cortas e feitas em traçoões, por os emmiigos nom averem aazo de fazer d’ellas cousa com que lhe</i>	1369, 1. ^a Guerra Fernandina. Quando o rei D. Fernando entra pela Galiza.	Abastecimento

	<i>empecessem.”</i>		
D. Fernando Capítulo XXXI p. 105	<i>“Teendo a Villa da Crunha voz por el-rrei dom Fernando, como dizemos, mandou el-rrei carregar em Lixboa navios de trigo e cevada e vinhos, que levassem todo aaquelle logar pera ser bastecido; e os outros logares d’arredor que mingoa ouvessem de mantimentos; e estando hũa naao e hũa barcha ante a villa aa descarga, veherom outros navios dos emmiigos e tomarom a naao e a barcha (...)”</i>	1369, 1ª Guerra Fernandina.	Abastecimento
D. Fernando Capítulo XXXIV p. 111	<i>“Mandou el-rrei mais chegar o arreal e armar engenhos, e começou de combater a villa, e os de dentro trabalhavom de a defender, de guisa que os de fora nom aproveitavom nada em seu combato.”</i>	1369, D. Henrique de Castela cerca Guimarães.	Acampamento
D. Fernando Capítulo XXXV p. 115	<i>“ E mandou logo suas cartas aa cidade do Porto, que muito a pressa fosse feita hũa ponte de barcas no rrio Doiro, per que el e toda a sua hoste podessem passar em hũu dia, porquanto sua vontade era em toda a guisa hir pellejar com el-rrei dom Henrrique (...) mui ledos com este rrecado, forom todos postos em grande trigança pera poer esto em obra, hñus a achegar as barcas, d’elles a carretar madeira, outros a lançar ancoras e marrar cabres (...) foi feita hũa grande e espaçosa ponte, lastrada de terra e d’area, tal per que folgadamente podiam hir a través seis homens a cavallo (...)”</i>	1369, como D. Fernando acorre a Guimarães.	Transportes
D. Fernando Capítulo XXXVI, p. 120	<i>“(...) e do almazem de Lixboa levavom pera cada hũu logar as armas e cousas que mester avia pera sua defenssom.”</i>	1369, Após o cerco de Guimarães por D. Henrique.	Armazéns de Armas
D. Fernando	<i>“ (...) e apanhou mui</i>	Quando Gil	Abastecimento

<p>Capítulo XXXVII p. 123</p>	<p><i>grande cavallgada de gaados e bestas e de prisioneiros; e o rroubo era tam grande que aadur ho entendiam todos de trager a Portugall, moormente avê-llo de deffender a quem lho tolher quisesse.”</i></p>	<p>Fernandes (nobre português) entra por Castela e do roubo que lhe fez.</p>	
<p>D. Fernando Capítulo XXXIX p. 127</p>	<p><i>“ (...) e mandou-lhe el-rrei fazer hũa mui fremosa bandeira de suas armas (...)”</i></p>	<p>1369, ainda após o regresso do cerco de Guimarães.</p>	<p>Librés</p>
<p>D. Fernando Capítulo XLII pp. 137-139</p>	<p><i>“E a enteençom d’el-rrei era que esta frota jouvesse aa entrada do rrio de Sevilha pera embargar nehũu navio podesse hir nem vïr com mercadarias nem outros mantimentos pera a dita cidade (...) Passado o Veraão e vindo o inverno, começou a gente de adoecer e os mantimentos de mingoar (...) e posto que lhe el-rrei mandasse navios com bizcoito que sse fazia no Algarve e em Lixboa e outros mantiimentos e cousas que lhe mester faziam (...) em guisa que per frio e fame e comer desacostumados viandas veherom muitos morte e fraqueza e continuadas doores (...) E mandava el-rrei muito burel e panos de linho e de coor e vestires feitos pera alguũs que andavom mall vestidos (...) Parte daas naaos e galles viinham ao Algarve e a Lixboa, e em estes logares lhe pagavom aas vezes seu soldo, e tomavom refresco e mantiimentos (...) mui longo tempo que conthinuamente alli jouverom, que foi huïr ano e onze meses, passando muita fame e frio e outras dores (...) ca lhe cahiam os dentes e os dedos dos pees e das mãos, e outras tribullaçoões (...).”</i></p>	<p>1370, D. Fernando envia uma frota de naos e galês, que deveriam ficar na entrada do rio de Sevilha para impedir a entrada de navios com mercadorias e mantimentos. (Para fazer um bloqueio)</p>	<p>Abastecimento</p>

D. Fernando Capítulo XLIX p. 166	<i>“(...) e hiam em ella quarenta besteiros, asaz mancebos e homens de proll, todos vestidos d’outra livree e cintos cubertos de velludo preto com as armas d’el.rrei brolladas.”</i>	Como o conde João Afonso parte para Aragão, por ordem de D. Fernando.	Librés
D. Fernando Capítulo LXXIII p. 258	<i>“(...) começaram clerigos e frades de sse hir ao almazem d’el-rrei e armaren-sse todos das armas que hi achavom; outros trabalhavom de buscar madeira pera pallancar as rruas (...)”</i>	1373, Cerco de Lisboa por D. Henrique.	Armazéns de Armas
D. Fernando Capítulo LXXXII p. 285	<i>“E acontecendo que gentes d’hingreses vehessem aos portos dos rreinos de Portugall, que el-rrei dom Fernando nem os seus lhe nom ministrassem viandas nem armas, nem lhe dessem favor nem conselho (...)”</i>	1373, paz entre D. Fernando e D. Henrique.	Armazéns de Armas
D. Fernando Capítulo LXXXVIII p. 308	<i>“(...) e mandou que servissem em ella per corpos ou per dinheiro, pera seer a pressa cercada, estes seguintes logares (...) e hũus serviam per adua e outros davom certas fornadas de call, a qual tragiam aa sua custa aa cidade em barcas.”</i>	1374, construção da célebre muralha fernandina de Lisboa.	Transportes
D. Fernando Capítulo CXVII p. 424	<i>“(...) e chegarom a Elvas hũa quinta-feira e poserom suas tendas nos olivaaes; e d’alli partirom em outro dia e foram-sse a Veiros e combaterom a dita villa de guisa que poserom fogo aas portas da barvacãa; e dormirom hi essa noite da parte aalem da rribeira (...)”</i>	O Mestre de Santiago de Castela entra por Portugal.	Acampamento
D. Fernando Capítulo CXX, p. 430	<i>“(...) rrepartirom certos capitães que leuassem a avanguarda (...); e porque entenderom que ainda podiam hir sem empacho dos emmiigos ataa Eluas, hordenarom que todollos homens de pee e carriagem fossem pelo caminho dereito ante a avanguarda,</i>	Como diversos portugueses se juntaram para ir contra o Mestre de Santiago de Castela.	Coluna de Marcha

	<i>rregidos e concertados pera quallquer cousa que lhes avehesse (...)</i>		
D. Fernando Capítulo CXXXIII, p. 471	<i>“(...) mandou el-rrei fazer hũa ponte de barcas, pera poderem passar mais toste, que atravessava todo o rio (...)”</i>	1381, durante a 3ª Guerra Fernandina.	Transportes
D. Fernando Capítulo CXXXIV p. 473	<i>“El-rrei partio de Santarem e foy-sse caminho d’Evora (...) e alli mandou fazer engenhos e carros e bombardas e outros percebimentos de guerra (...)”</i>	1381, durante a 3ª Guerra Fernandina.	1ª referência ao fabrico de armas de fogo em Portugal! Armazéns de Armas
D. Fernando Capítulo CL p. 524	<i>“ Onde sabe que n’este tempo e em esta hida se começaram dous officios em Portugal novamente que ataa estonce em ell nom avia, scilicet, condestabre e marichall (...)”</i>	1381/1382, durante a 3ª Guerra Fernandina.	Cadeia de Comando
D. João I Livro I Capítulo XVI, p. 33	<i>“ (...) hiam de tras com çertas lamças, por guarda das azemellas cõ temor dos de Lixboa, rreçeamdosse que fossem depos elles.”</i>	1383, quando a rainha D. Leonor sai de Lisboa para Alenquer.	Coluna de Marcha
D. João I Livro I Capítulo XXXVIII, p. 66	<i>“NunaAlvarez foi sabedor desto aquella noite que dormio em Alverca, e tememdosse muito de o a Rainha mamdar premder ao caminho falou com os seus escudeiros, perçebemdoos que sse tal cousa avehesse, que todavia ante sse leixassem morrer, que averem de ser presos; e toda aquella noite nunca forom desarmados, nem as bestas desseladas.”</i>	1383, quando Nuno Álvares se dirigia para Lisboa para ir ter com o Mestre; e estava com medo de ser capturado pela Rainha.	Coluna de Marcha; Acampamentos
D. João I Livro I Capítulo XLII, p. 74	<i>“Gomçallo Nunez como esto soube, levou consigo çimquoemta de cavallo, e cemto amtre besteiros e homens de pee; e amdarom toda a noite (...)”</i>	1383, Após a conquista do castelo de Beja, por partidários do Mestre de Avis.	Coluna de Marcha
D. João I Livro I Capítulo LXIX, p. 118	<i>“ O Meestre soube parte que alguus destes navios eram de Galliza, carregados de farinha e mantiimentos, que viinham pera a frota de Castella, cuidamdo que jazia já</i>	1384, Como foram confiscados navios que provinham da Galiza carregados de mantimentos.	Abastecimento

	<i>sobre a cidade; outros hiam carregados de pescado seco pera Aragom.”</i>		
D. João I Livro I Capítulo LXIX, p. 119	<i>“ (...) em estes navios foi achado muito pescado seco, de pescadas e comgros, e pollvos, e sardinhas de fumo e de pilha, e muita farinha e outros mantiimentos, (...)”</i>	1384, ver contextualização na entrada anterior.	Abastecimento
D. João I Livro I Capítulo LXXI, p. 122	<i>“Porque o Mestre entemdia que huña das cousas que lhe mui necessárias era, pois cercado avia de seer, assi era avomdamça de mantiimentos; hordennou amte que elRei de Castella vehesse de bastecer a cidade de viamdas o mais que sse fazer podesse. E mandou NunAllvarez que fosse a Simtra, pera trazer de seu termo alguus mantiimentos, (...) e apanhou muitos mantiimentos de gaados e triigo, e outras cousas de comer, de que carregarom assaz dazemellas de que já hiam percebidos pera esto, e nehuñ sahiu do logar que sse trabalhasse de lho tolher.”</i>	1384, Nuno Álvares foi ao termo de Sintra em busca de forragens.	Abastecimento
D. João I Livro I Capítulo LXXXVI, p. 144	<i>“Os Reposteiros que viinham deante pera correger a camara homde elRei avia de pousar (...)”</i>	1384, quando D. João de Castela parte de Santarém para Lisboa.	Acampamentos
D. João I Livro I Capítulo XC, p. 150	<i>“ (...) e por quanto muitas gemtes delRei de Castella estavom estonçe em Samtarem, disse Nuno Allvarez que lhe parecia rrazom por nom viinrem algũas dellas pella rriba do Tejo affumdo, de que ell parte nom soubesse, e rreçeber dellas dano, que quiria mandar poer de noite suas guardas e escuitas, huña legoa dalli comtra o castelo de Palmella; das quaes guardas e escuitas deu</i>	1384, quando Nuno Álvares estava com arraial posto em Setúbal.	Acampamentos

	<i>emcarrego de as rrequerer e poer, a huñ escudeiro que chamavom Louremço Fernamdez de Beja (...)</i>		
D. João I Livro I Capítulo XCII, p. 152	<i>“(...) e alli ouve novas çertas, que aquelles senhores de Castella e gemtes que comsigo tragiam, eram todos na villa do Crato, que estava por Castella e viinham cercar Fromteira; e que eram muito e bem corregidos. Nuno Alvarez como tall rrecado ouve, porque pousava no arravallde, e tiinha pouca gemte, mamdouho logo apallamcar todo pera seer empacho, e poderem ouvir, sse alguñas gemtes a ell de noite vehessem.”</i>	1384, Nuno Álvares estava em Estremoz.	Acampamentos
D. João I Livro I Capítulo XCII, pp. 163-164	<i>“ O acordo feito e o dia devisado, juntou Alvaro Gomçallvez seus trimta escudeiros e çemto e çimquoemta homões de pee do Allamdroall, assi que eram per todos quareemta e çimquo de cavallo, e duzemos homões de pee. E juntos assi pera emtrar per Castella, passarom de noite Odiana pello porto da Çerva, e forom ao emxido de Chellas sobre o quarto daalva; e fezerom presa em dous fatos de vacas de Garçia Gomçallvez de Grisallva; e tomarom quatorze vaqueiros e arramcarom as temdas, e carregarõ os fatos com todos seus aparelhos. E assi trouverom vacas e novilhos e egoas com seus pastores (...) E acharom em aquella presa, seteçemtos novilhos que amdavom apartados em huñ dos fatos; e as vacas eram mill e quatro centas; e viimte e seis eguas, e nove polldros de tres anos e outros polldros pequenos</i>	1384, incursão por Castela por um conjunto de nobres portugueses e o roubo que fizeram.	Coluna de Marcha; Transporte; Abastecimento

	(...)"		
D. João I Livro I Capítulo CI, p. 172	<i>" Ali veherom seus donos das ovelhas, cada huũ por suas; e davom a Pero rodriguez a meatade; e ell nom quis mais de trezemas cabras e çem carneiros pera comerem aquelles feridos."</i>	1384, uma incursão castelhana (de Vila Viçosa) travada por Pero Rodriguez e escudeiros de Nuno Álvares, que recuperaram o saque.	Abastecimento
D. João I Livro I Capítulo CII, pp. 174-175	<i>"Os peãaes portugueses, nom ouverom outro trabalho, sse nom premder daquelles escudeiros que cahiam, e apanhar lamças e adargas que jaziam per esse campo; e tomar mullas e cavallos e azemellas e outras bestas com fardagem dos Comemdadores, e doutros escudeiros de comta que hiam em sua campanha; ca hi nom avia quem lho tolher, porque logo foram vencidos, e arramados per esses estebaaes. E porque era de noite, e ficaram sem guia deçiamsse dos cavalos (...)"</i>	1384, como Álvaro Coitado foi libertado e os castelhanos desbaratados.	Coluna de Marcha
D. João I Livro I Capítulo , CIII p. 177	<i>"Partirom emtom Alvaro Gomçallvez, e Pero Rodriguez com elle pera a villa de Borva, e no dia seguimte alta manhã, mamdou Alvaro Gomçallvez descobrir terra per dous escudeiros, e acharom dez de cavallo que viinhã correr a villa de Borva; e estes veherom atee ho logar apos aquelles do[us] que foram descobrir, e tomarom junto cõ a villa vimte bois que amdavom paçemdo."</i>	1384, como Pero Rodriguez tentou evitar que Álvaro Coitado fosse capturado pelos castelhanos.	Abastecimento
D. João I Livro I Capítulo CV, p. 179	<i>" Elles correrom a villa come lhes era mandado; e Pero Rodriguez , Alcaide do Allandroal, mamdara essa manhaã descobrir terra per dous escudeiros comtra Villa Viçosa; e a atallaya que vio os genetes deu aa campãa, e derribou o çesto."</i>	1384, escaramuças entre portugueses e castelhanos.	Acampamentos

<p>D. João I Livro I Capítulo CIX, p. 184</p>	<p><i>“E pois que o nemguem nom pergunta, queremos que saibaes, que depois que o Meestre se espedio em Couna de Nuno Alvarez, como teendes ouvido, e se tornou a Lixboa, que tres gallees suas e tres barchas nom lomge do porto da dita cidade, forom tomar duas naaos carregadas de panos e prata, e doutras cousas que em ellas viinham; e mais huïa barca de Galliza carregada de madeira.”</i></p>	<p>1384, algumas naus genovesas foram tomadas, antes de o Mestre ir combater a Alenquer (que não conseguiu tomar).</p>	<p>Abastecimento</p>
<p>D. João I Livro I Capítulo CIX, p. 185</p>	<p><i>“ E forom estas gallees pello rrio açima ataa pomte da Marinha, que he huïa legoa do lugar, e quãdo alli chegarom pera poer a gente era[m] já taees horas, que eles no logar era soll levado bem manhaã (...)”</i></p>	<p>1384, cerco de Alenquer antes do cerco de Lisboa.</p>	<p>Coluna de Marcha</p>
<p>D. João I Livro I Capítulo CX, p. 186</p>	<p><i>“ (...) ouverom seu acordo darmar as naaos e gallees que avia na çidade, por estarem prestes se alguïis poucos navios emtanto vehessem, que lhe podessem embargar a viimda, e aver mantiimentos desembargadamente da parte dAlemtejo (...)”</i></p>	<p>1384, preparação da frota de Lisboa, devido às forças castelhanas que vinham cercar a cidade.</p>	<p>Abastecimento</p>
<p>D. João I Livro I Capítulo CXI, p. 188</p>	<p><i>“ (...) e por tamto os das galles sahirom fora e rroubarom mantiimentos e outras cousas que achavom; e tomarom nove batees ballieyros, que ficarom do tempo delRei dom Fernamdo, pera sse aproveitarem delles, porque eram ligeiros.”</i></p>	<p>1384, galés enviadas pelo Mestre ao Porto. Quando chegam a Atouguia, que estava por Castela, decidem sair e roubar mantimentos.</p>	<p>Abastecimento</p>
<p>D. João I Livro I Capítulo CXV, p. 195</p>	<p><i>“Omde sabe que como o mestre e os da çidade souberom a viimda delRei de Castella, o esperarom seu grande e poderoso çerco, logo foi hordenado de rrecolherem pera a çidade os mais mãtiimentos que aver podessem, assi de</i></p>	<p>1384, abastecimento para a cidade de Lisboa antes do cerco castelhano.</p>	<p>Transporte; Abastecimento</p>

	<i>pam e carnes, come quaaes quer outras cousas. E hiamsse muitos aas liziras em barcas e batees, depois que Samtarem esteve por Castella, e dali tragiam muitos gaados que salgavom em tinas, e outras cousas de que fezerom gramde açallmameto; e colheromsse demtro aa çidade muitos lavradores com as molheres e filhos e cousas que tiinham; e doutras pessoas da comarca darredor, aquelles a que prougue de o fazer; e deles passarom o Tejo com seus gaados e bestas e o que levar poderom, e se forom contra Setuvall, e pera Palmella (...)</i>		
D. João I Livro I Capítulo CXXI, p. 207	<i>“Os Portugueeses quando isto virom, buscavom logar per omde passassem, e nom o podiam achar; e bem mostravom aa de fora, a gram voomtade de pellejar que demtro no coraçom tinham. Açima ouveromsse de meter per huña branha muito espessa, e acharom huñ porto, nõ bem aazado pera passar; pero deitarõ em elle muitos paaos e rramos darvores, e começarom per alli de passar ho melhor que poderom ataa trezentos, amtrede beesteiros e de pee, e alguüs de cavallo (...)</i>	1384, durante uma escaramuça de portugueses com galegos.	Coluna de Marcha; Transporte
D. João I Livro I Capítulo CXXIII, p. 212	<i>“Emtom chegou hi Gomçallo Perez, e pedio ao Cõde que lhe mamdasse dar bizcoito que estava em Coimbra e em Monte Moor; e ao Comde prouve dello, e levaram dhi muito bizcoito e armas de que carregarom dous baixees pera o Porto; e ao Comde mamdou o Meestre dar muitos dinheiros de graça, e peças de pano para ell e</i>	1384, durante o cerco de Lisboa. Como a armada do Porto se preparava.	Abastecimento

	<i>pera os seus; e desta guisa teve ell com ho Meestre e tomou sua voz.”</i>		
D. João I Livro I Capítulo CXXVIII, p. 219	<i>“E cõ esta teemçom partio de Punhete, e chegou aa estrada per omde os Castellaãos aviam de passar pera Santarem, ou de Santarem pera Castella, a hũa pequena rribeira, omde chamam Allperraiam e comeo açerca della, de sso huïis verdes freixos. E amte que sse assemtasse a comer, mandou poer a tiro de beesta e mais lomge em alguïis outeiros, suas atallayas, por nehũas gemtes poderem passar, de que ell parte nom soubesse; porque ell avia por costume de numca sse allojar de dia que nom tevesse atallayas, e de noite guardas e escuitas, alomge e a preto. E teemdo suas atallayas postas, e estamdo a comer, assi ell como as suas gemtes, aque vem huïa das escuitas rrijamente e mui callado, e disse que pella estrada de comtra Santarem, vira gramdes poos, e que lhe parecia que viinham alguïis de cavallo e de pee.”</i>	1384, como Nuno Álvares combateu contra alguns castelhanos que tinham entrado por Portugal. E que levavam grande roubo.	Acampamentos
D. João I Livro I Capítulo CXXXI, p. 226	<i>“O batel partio bem de noite muito rremado, e com boõs paveses, viimdo açerca da terra dAlmadã, por os da frota nom averem delle sentimento (...)”</i>	1384, durante o cerco de Lisboa.	Transporte
D. João I Livro I Capítulo CXLII, p. 255	<i>“E que porem lhe parecia que era bem que leixassem alli toda a carriagem que sse escusar podesse e nom levassem mais mantiimentos que quamtos avomdassem ataa Lixboa (...)”</i>	1384, durante o cerco de Lisboa.	Coluna de Marcha
D. João I Livro I Capítulo CXLV p. 259	<i>“ NunAllvarez tamto que esto ouvio, teve logo seu comsselho, de lhe hir teer o caminho aa Pomte do Soor, amte que sse jumtassem</i>	1384, quando Nuno Álvares teve conhecimento de que um contingente de Castela vinha do	Acampamentos/ Coluna de Marcha

	<p><i>com as outras gemtes; e partiusse a pressa dEllvas, e amdou esse dia com sua hoste sete legoas, e foisse alhojar aa fonte da Figueira que esta no cabo do Ameyall caminho do Cano; e mamdou de noite poer suas guardas e escuitas como avia em costume. E seemdo já alto seraão, hũas trimta lamças de sua companhia se allomgarom do alhojamento do arreal, comtra o Cano, por suas bestas passarem melhor, que amdavom muito trabalhadas; e levarom comssigo hũa trombeta que amdava em companhia dhuu daquelles que sse assi apontarõ; e quando veo aa mea noite, aquella trombeta per mingua de boom avisamento, começou de tamger, e foi ouvida no alojamento omde NunAllvarez jazia, e cuidarom que eram os castellaãos que hiam buscar, que viinham seu caminho. E logo NunAllvarez mamdou dar aas trombetas, e foi posto em batalha com todollos seus armados (...)</i></p>	<p>arraial em Lisboa, com o objectivo de o combater. Após se terem reunido com outro contingente castelhano, que os aguardava no Crato.</p>	
<p>D. João I Livro I Capítulo CXLV, p. 259</p>	<p><i>“E dalli sse tornou ao Cano, omde foram bem pemssados de figos, ca outro mamtiimento nom avia hi por aazo da guerra (...)</i></p>	<p>1384, quando Nuno Álvares soube que um contingente de Castela vinha do arraial em Lisboa, para se juntar com outros castelhanos no Crato.</p>	<p>Abastecimento</p>
<p>D. João I Livro I Capítulo CXLVI, p. 261</p>	<p><i>“E ell partio logo com todos mui hordenadamente, e foi aallem da quimtãa dOliveira, pouco mais dhuua legoa da çidade, e naquell logar se deteve e esperou os emmiigos. Alli comera NunAllvarez se tevera que, ca ell nom mamdou levar azemellas</i></p>	<p>1384, quando Nuno Álvares coloca batalha a uns nobres castelhanos, perto de Évora.</p>	<p>Abastecimento</p>

	<p><i>nem outra carriagem, emtemdemdo que tinha a batalha muito prestes, como chegasse; por quanto os Castellaãos eram muitos, e eles mui poucos em comparaçom deles; desi cuidava que quem veemçesse o campo acharia o que mester ouvesse. E buscaromlhe alguũa cousa de comer pella companhia, e nom acharom outra viamda salvo huũ pam emçetado, e huu pequeno de rravom e huũ pouco de vinho que huũ homem de pee levava em huũa cabaaçinha; e estas foram suas iguarias por aquell dia todo, omde esteve com sua batalha posta açerca do caminho, aguardamdo os castellaãos ataa noite.”</i></p>		
<p>D. João I Livro I Capítulo CXLVI, p. 262</p>	<p><i>“NunAlvarez veemdo que os Castellaãos faziam esto com sajaria pera os esfaimar, avemdo já dous dias e huũa noite que eram fora da çidade sem mantiimentos, e que ao rrecolher, os poderiam matar a sseu salvo sem batalha, hordenou de sse tornar aquella noite a Evora, pera em outro dia tornar aa batalha perçebido de mantiimentos se lha quisessem poer; a quall noite foi de gramde tempestade dagua e de sarraçom, e o rrecolhimento periigoso; de guisa que alguus emnhalheavom a terra, e nom sabemdo viinr pera a çidade, hiam dar no arrealll dos Castellaãos, e alli os filhavom e tomavom por prisioneiros; outros ficavom pellas vinhas comendo huvas, e alli os achavom seus emmiigos e premdiam e matavom.”</i></p>	<p>1384, continuação da entrada acima.</p>	<p>Abastecimento; Coluna de Marcha</p>
<p>D. João I</p>	<p><i>“E amdou toda aquella</i></p>	<p>1384, quando Nuno</p>	<p>Coluna de</p>

<p>Livro I Capítulo CXLVII, p. 265</p>	<p><i>noite bem sete legoas, e as mais dellas fora do caminho. E as guias nom seendo bem certas, desi as treevas huñ pouco espessas, cuidarom que era já preto dAlmadaã; e NunAlvarez se deteve ja quamto, e dormiram senhos poucos; e quamdo sse levantarom e começou de amanheeçer, virom que eram mais lomge do logar que pemssavom.”</i></p>	<p>Álvares vai a caminho de Almada.</p>	<p>Marcha</p>
<p>D. João I Livro I Capítulo CXLVIII, p. 268</p>	<p><i>“ Estamdo a çidade assi cercada na maneira que ja ouvistes gastavomssse os mantiimentos cada vez mais, por as muitas gemtes que em ella avia (...) e alguñs se tremetiam aas vezes em batees e passavom de noite escusamente contra as partes de Ribatejo, e metemdosse ã alguñs esteiros, alli carregavom de triigo que ja achavom prestes, per rrecados que ante mandavom. E partiam de noite rremando mui rrijamente (...) Os que esperavom por tall trigo, amdavom per a rribeira da parte de Exobregas, aguardamdo quamdo vehesse, e os que vellavom, se viiam as gallees rremar comtra lla, rrepicavam logo por lhe acorrerẽ.”</i></p>	<p>1384, durante o cerco de Lisboa e sobre a forma como conseguiam ir buscar mantimentos.</p>	<p>Abastecimento; Transporte</p>
<p>D. João I Livro I Capítulo CLII, p. 282</p>	<p><i>“Nuno Allvarez desprezamdo todo sonho e agoyro vaão, nom mudou teemçom do que preposto tiinha; e entrou no batell com alguus seus a horas de mea noite; e posto que sse desviar poderá, quis atravessar pella frota que jazia amte a çidade; e como foi amtre ella, mandou logo dar aas trombetas.”</i></p>	<p>1384, durante o cerco de Lisboa.</p>	<p>Transporte; Coluna de Marcha</p>
<p>D. João I Livro I Capítulo CLVII,</p>	<p><i>“ Esto assi hordenado, NunAllvarez se perçebo dalguas gemtes, nom</i></p>	<p>1384, como Nuno Álvares tomou a vila de Portel.</p>	<p>Coluna de Marcha; Acampamentos</p>

p. 295	<p><i>mostramdo sua teemçom pera hu era; e partio huũ dia dEvora sobre a tarde e levou caminho dEvoramôte bem hũa legoa da çidade; e depois tomou per hũa rribeira affumdo, atravessamdo sempre sem caminho, ataa que foi sahir aa estrada que vai pera Portell, a huũ logar que chamam Torre dos Coelheiros que som dalli tres legoas, e estomçe follgarom huũ pouco e alguũs dormirom. (...) chegarom a preto do logar, seemdo a noite assi çarrada e eles com tal assessego, que os da villa nom souberom disto parte. Alli descavallgarom todos e se poserom pee terra com os baçinetes nas cabeças, e suas acostumadas armas com as lamças nas mãos; e começarom damdar o mais calladamente que sse fazer pode.”</i></p>		
D. João I Livro I Capítulo CLXIV pp. 309-310	<p><i>“ E huũa segumda feira aos viimte e quatro dias daquell mes doutubro, que era o dia amtrelles devisado, pouco mais, dhora de vespora, mamdou o Meestre sahir fora da çidade (...) E eles himdo pello caminho, nõ mui lomge çidade, naçerom no çeeo hũas leves nuveês com escuro emvorilhamento molhamdo a terra de ligeiros orvalhos; e creçemdo mais sua espessura, foi assi ho aar cuberto de negridom chuivosa (...) assi que os rrios creçemdo fora de mesura e cobrimdo as acostumadas pomtes, aadur eram os homeês ousados de provar seu medroso passamento. O Meestre nom embargamdo isto, seguia seu caminho passo a</i></p>	1384, quando o Mestre foi tomar Sintra.	Coluna de Marcha

	<p><i>passo (...) Em esto comeos, seemdo já as treevas de todo çarradas, com infernall escuridom, nação de sospeita huñ pesado soom avomdoso de gramdes ventos mesturados com sarraçom e saraiva (...) Em tamto que a guia que os levava, pordeo de todo ho esmo da terra, que mui notavellmente sabia, e as gemtes começaram de sse esperder huñs dos outros e nom sabiam que fazer, nem pera homde fossem, seemdo já hūas quatro legoas da çidade, segumdo a manhaã depois mostrou. Delles açertavom per aqueeçimento em casaaes e faziam sahir fora seus donos que lhe mostrassem per homde aviam dhir; e nehuñ podia dizer nem mostrar cousa que lhes aproveitar podesse. Huus topavam com os outros nom veemdo caminho nem em que logar eram, e leixavomsse estar quedos, espantados de tam desmesurada noite.”</i></p>		
<p>D. João I Livro I Capítulo CLXVI p. 313</p>	<p><i>“O Mestre em Almadãa como dizemos, chegoulhe rrecado dalgus dAllamquer com que tiinha falla sobresto que partisse logo pera o çercar, avemdoo por seu serviço, e que fosse alta manhãa se podesse. E logo hūa tarde depois da çea, embarcou com aquelles que tiinha comssigo, em triimta e çimquo amtre barcas e batees; e o Arçebispo e Affomssso Furtado e outros se forom per terra; e posto que o mar começasse demcher, que era grãde aazo pera hir mais toste, por quanto o vento nom era de viagem, toda a noite poserom em chegar, ataa</i></p>	<p>1384, como o Mestre parte de Almada e vai cercar Alenquer.</p>	<p>Coluna de Marcha</p>

	<i>huñ logar que chamam o Piquete, amtre Villa Nova e a Castinheira, hũa legoa dAlamquer. Alli desembarcou o Meestre com os que levava, e foi com eles pee terra todos armados, seemdo já muito clara manhã (...)</i>		
D. João I Livro I Capítulo CLXVI, pp. 313-314	<i>“ Estomce mandou o Meestre a Lixboa por trões e por dous emgenhos e foromlhe levados em barcas, ata aquell logar hu desembarcara, e dalli em bois ataa o logar. E como chegarom ao arravallde, omde os bois nom poderom mais hir, tomarom os homões cordas pera os levarem per ellas omde aviam de seer armados; e porque o pertigo dhuñ delles era mui pesado, e o nom podiam levar cassamdo muito com elle, fallou estomçe o Meestre e disse: Oo amigos! esforçaaevos por Deos, e tiraae bem, e nembrevos vossas molheres e fazemdas, e os filhos e terra dhu sooes naturaas, e trabalhaae por detarmos estes emmiigos fora daqueste logar. E elles se esforçarom com suas boas pallavras de tall guisa que poserom o artefício cada huñ no logar omde aviã destar.”</i>	1384, Cerco de Alenquer.	Transporte; Armazéns de armas
D. João I Livro I Capítulo CLXIX, p. 317	<i>“(…) O Meestre apousemtou suas gemtes pello arravallde arredor da villa como sse melhor poderom alhojar (...)</i>	1384, quando o Mestre foi cercar Torres Vedras.	Acampamentos
D. João I Livro I Capítulo CLXXII, pp. 321-322	<i>“E partio com suas gemtes sobre a noite fazemdo infimto que hia pera outra parte; e saindo a sua bamdeira pella porta da villa, quebrou a asta della ao Alferez que a levava; o que todollos que alli eram, ouverom por forte sinall</i>	1384, quando Nuno Álvares foi cercar Vila Viçosa.	Cadeia de Comando; Coluna de Marcha

	<i>dizendo a Nuno Alvarez, que nom partisse per nehũa guisa e escusasse o caminho que fazer queria; mas ell nom curou nada do que lhe deziã, e mandou poer a bandeira em outra asta, e seguiu a teemçom que começada tinha.”</i>		
D. João I Livro II Capítulo V, pp. 13-14	<i>“Quanto he dos mantimentos, tomaae aquelles que se escusar nom poderem e das bestas per huu as achardes, tantas de que uos emcalvagues.”</i>	1385, quando o Condestabre partiu para o Porto e do que disse aos seus. Isto, após as cortes de Coimbra, no livro II, D. João, já é rei. E este episódio acontece antes de Aljubarrota, que virá em capítulos posteriores.	Abastecimento
D. João I Livro II Capítulo VIII pp. 16-17	<i>“E jmdo mais adeante, chegou ao rio do Mjnhõ; e por nom poder passar se apousentou em huuma aldeã acerca delle. E hi lhe chegou recado de Monçom, que outrosy estaua por Castella, per que lhe emuiarom dizer os do logar que lhes era dito que queria hir sobrelles (...)”</i>	1385, quando Nuno Álvares está à conquista de praças ainda por Castela e estas se lhe entregam sem combate.	Acampamentos
D. João I Livro II Capítulo XII, p. 24	<i>“Emtom hordenou el Rey de combater a çerca velha, e fez vijr do Porto engenhos e armas e gemtes e mesteiraaes e todallas outras cousas que pera combater faziam mester.”</i>	1385, cerco de Guimarães por D. João I.	Armazéns de Armas
D. João I Livro II Capítulo XVI p.31	<i>“ El-Rey, himdo per aquell fingido caminho ja boom espaço, deu volta per Ponte de Lima, e chegou bem noite aaquem do logar huuma legoa, homde o já Estevom Rodriguez estava aguardando, e veo-se com elle. E aaquem da uilla huuma mea legoa ficou huuma çellada com as mais das gentes, e Alvaro Pereira, marichall, com ella. El-Rey veo-sse a huuma deuesa escussa e</i>	1385, quando D. João I parte de Guimarães para tomar Ponte de Lima.	Coluna de Marcha; Cadeia de Comando

	<i> cuberta daruores com huuns çento de cavallo dos boons que em sua campanha andauom, que seria ataa dous tiros de besta do logar. E ally ficou el-Rey (e) todo(s) a per terra, deçidos das bestas, atando-lhes as lingoas com as sedas do rabo por nom rincharem e poderem seer descobertos.”</i>		
D. João I Livro II Capítulo XIII, p. 37	<i>“Em esta villa forom achadas muytas armas e cavallos e azemellas e outras muytas cousas, de que os del-Rey forom muy bem fornidos.”</i>	1385, na cidade de Ponte de Lima, após ter sido tomado a última torre resistente. O que encontraram.	Abastecimento
D. João I Livro II Capítulo XXIII, p. 46	<i>“Estamdo ally el-Rey, hordenou de mandar a Lixboa Aluaro Pereira , marichall da hoste, com algumas gentes, por vijnr com elle Fernam Rodriguez de Sequeira, que neella estaua por fronteiro moor, e çertas lamças do comçelho dessa çidade.”</i>	1385, quando D. João I parte de Torres Novas para Santarém.	Cadeia de Comando
D. João I Livro II Capítulo XXIII p.47	<i>“ E logo em outro dia mandou dar aas trombetas caminho de santarem, e pousou o arayall junto com a a barca dArryollos, a fundo da Gollegaã. E no dia seguinte começaram damdar, levando el-Rey suas gentes hordenadas em batalha (...) E o Comdestabre leuaua a uamguarda, e el rey a retaguarda.”</i>	1385, quando D. João I marcha para Santarém.	Coluna de Marcha; Acampamentos
D. João I Livro II Capítulo XXIV, p. 48	<i>“ Partyo el-Rey dally e foy dormyr aa lezira da Condessa que he a fundo de Santarem, onde acharom muytos gaados, que foy grande refresco aos do arreal que vijnhem já mynguados de mantijmentos; e per acerca de Muyja passou em outro dya o Tejo contra a estrada que vay pera Lixboa, e foy poer arreal junto com a ponte que esta aallem do</i>	1385, (Julho) D. João I e o Condestabre saíram de Santarém e encaminham-se para Alenquer. Nesta fase, estão a combater as cidades que ainda têm voz por Castela.	Abastecimento; Acampamentos

	<i>Cartaxo. E era gram myngua de mantijmentos em todo o arreal, en tanto que se deu huum cavallo por cinco paães. E sendo o Condestabre comendo, tendo cjnquo paães na mesa, que nom auya mays em sua çaqujtarja, chegarom cinco cavalleyros jngreses queixando-sse muyto que morryam de fame e que queryam beuer com elle. E el disse que lhe prazia muyto, e mandou-lhes trazer a agua as mãos, e que se assentassem. E elles nom quyserom seer, senom beuer assy de pee. E cada huum tomou seu pam e o comeo, e beuerom duas duas vezes (cada huum) e foram-sse; e ficou o Conde sem pam, e nom comeo aquella hora senam carne sem elle, com grande rjso e sabor.”</i>		
D. João I Livro II Capítulo XXIV, pp. 48-49	<i>“Entom se foy el-Rey a Allanquer, onde estaua Vaasco Perez de Caamooês, que fora seu vassalo como dissemos; e posserom seu areall em fundo nas ortas da ribeyra boom espaço do lugar onde sse fazyam as vezes boas escaramuças antre os da villa e os do arreal. E dally hyam aa forragem a termo dAllanquer e de Torres Vedras, buscar mantijmentos.”</i>	1385, (Julho) ver contextualização da entrada acima.	Acampamentos; Abastecimento
D. João I Livro II Capítulo XXIV, p. 50	<i>“O Conde mandou de noite poer ssuas guardas e escujtas como auya em custume; e no seguynte dya foy dormyr a Saluaterra, e no outro a Montemor o Nouo, e desy a Euora; onde achou alguuns dos que foram no desbarato darracoua que hia pera Arronches.”</i>	1385, como Nuno Álvares regressa ao Alentejo após tomar Alenquer com o rei.	Acampamentos
D. João I	<i>“ E como foram com el-</i>	1385, quando D.	Acampamentos

<p>Livro II Capítulo XXV, p. 50</p>	<p><i>Rey, partio logo com sua hoste; e foy aquell dia pousar a Vallada, que he muy preto de Santarem homde seus emmigos estavom. E por boaa seguramça e preçebimento, mandou lançar pregom pelo arreall que todos aquella noite jouessem armados. E depois do sono primeiro, foy el-Rey amdar pollo areall, que todos aquelles que achaua desarmados reprehendia-os com asperas pallauras, segumdo que cada huum era.”</i></p>	<p>João I parte de Alenquer para Abrantes.</p>	
<p>D. João I Livro II Capítulo XXV, p. 52</p>	<p><i>“ E no seguynte dya se veo com suas gentes apousemtar acerca dAvrantes em huumas ortas; as quais eram seiscentos homee(n)s darmas e dous myl Homee(n)s de pee e trezentos beesteiros. E depois que assentou ser arreal aforrado de bestas, foy falar a el-Rey (...)”</i></p>	<p>1385, (Julho), o Condestabre vai ter com o rei a Abrantes.</p>	<p>Acampamentos; Abastecimentos</p>
<p>D. João I Livro II Capítulo XXXII p. 66</p>	<p><i>“Elles ally juntos, fez el-Rey allardo, e achou çertas gentes, que depois diremos, dhomens darmas e de pee e beesteiros. E logo el-Rey e o Comdestabre comçertaram suas batalhas, assy dauamguarda come reguarda e allas esquerda e direita, e que gentes e capitaães auyam dhir em cada huuma, assy na vanguarda que o Comde auya de leuar, come reguarda homde el-Rey auja dhir. Omde sabe que amtigamente em Portugal nom nomeavom nas batalhas avanguarda nem reguarda nem alla direita nem esquerda; mas chamavom a avanguarda deamteira e a reguarda çaga e aas allas</i></p>	<p>1385, quando D. João de Castela entra por Portugal para depois ir cercar Lisboa.</p>	<p>Coluna de Marcha</p>

	<i>costaneiras. E depois que os jmgre(se)s veherom em tempo del-Rey dom Fernando como ouujstes, emtom lhe chamarom estes nomes.”</i>		
D. João I Livro II Capítulo XXXIII pp. 70-71	<i>“Partio estomçe el-Rey de Tomar com aquella hordenamça que ally fezera: o Comdestabre na avanguardia e allas, o page (tendo) o balsom tendido e o alfferez a bandeira na fumda, e el-Rey na retaguarda com aquelles que era hordenado; e com este regimento chegarom a Ourem, que eram dally tres legoas, homde o comdeja tinha tomado alloiamento (...) Ao sábadó seguynte partio el-Rey dOurem, e o Condestabre antel com a auanguardia (...) Logo como foy de dia partio dally toda a oste, e forom caminho daquell campo hu depoyes foy a batalha, que he dally huuma pequena legoa; o Condestabre deante por buscar logar convjnhavell, e el-Rey detras na reguarda, como tinham em costume.”</i>	1385, (11-14 Agosto) antes da Batalha de Aljubarrota.	Coluna de Marcha; Cadeia de Comando; Acampamentos.
D. João I Livro II Capítulo XLVI p. 110	<i>“ A batalha feita da guysa que dizemos, fazendo-sse bem tarde, foy o Comde posto em gram cuydado de poer guardas no arreall de noite, de que nenhuum tinha seemtido; e amdou naquello ocupado tanto que era já muito alto seraão quamdo foy veer el-Rey aa tenda.”</i>	1385, (Agosto), após a Batalha de Aljubarrota.	Acampamentos
D. João I Livro II Capítulo XLVI, p. 111	<i>“Estonçe partyo el-Rey com sua hoste, a qual hia muy abastada assy de mantijmentos como de cavallos e armas e bestas e seruyntia, e de muytas joyas de prata e douro do grande e muy rjco esbulho que acharom de sseus emmijgoos (...)”</i>	1385, (Agosto), após a Batalha de Aljubarrota, do que a hoste encontrou na tenda de el-rei de Castela. Partiram do campo de batalha após lá terem ficado três dias.	Abastecimento

<p>D. João I Livro II Capítulo XLVI, p. 111</p>	<p><i>“E quando foy o dia da batalha, mandou o abade huum seu jrmão com certos homens darmas e de pee e beesteiros e azemellas caregadas de pam e de uinho e doutras cousas ao campo homde el-Rey estaua.”</i></p>	<p>1385, (Agosto), durante a batalha de Aljubarrota. Do que o abade de Alcobaça envia para a hoste de D. João I.</p>	<p>Abastecimento</p>
<p>D. João I Livro II Capítulo LIV pp. 133-134</p>	<p><i>““No seguymte dia partio o Comde dally e foy dormyr ao Almendrall, aldea de Badalhouce, pobraçam de trezantos vizinhos seis legoas daquela çidade. E aquella noyte foy grande volta amtre as gemtes do areall por os muytos vinhos que hy acharom, da qual cousa ao Comde muyto desprougue e foy posto em gram cuydado.</i> <i>Em outro dia, ante que partisse, hordenou sua batalha dauamguarda e reguarda e allas dereita e ezquerda; saber, el nauamguarda, que doutra pessoa nom fiava, com aquelles que lhe prougue; e o prioll dOspitall na reguarda com certos caualleiros e outras gentes; e Gomçalleannes de Castell de Ujde em huuma das allas, e Martym Afomsso de Mello em outra; e a caryagem em meo e homens de pee e besteiros em seus logares, regidos como compria. E assy amdauom todos muyto de seu vagar per homde o Comde queria.”</i></p>	<p>1385, (2-4 Outubro), quando Nuno Álvares entra por Castela.</p>	<p>Coluna de Marcha; Abastecimento</p>
<p>D. João I Livro II Capítulo LV, p. 136</p>	<p><i>“E assy andarom ataa çerca da noite, que sse o Condestabre com sua hoste alojou a par dOdyana, e pos suas guardas no arreal.”</i></p>	<p>1385, quando Nuno Álvares entra em Castela.</p>	<p>Acampamentos; Coluna de Marcha</p>
<p>D. João I Livro II Capítulo LVIII pp. 143-144</p>	<p><i>“ Dally partio o Comde em outro dia pera se vjvr dormyr a Elluas. E leixou a avamguarda, e tornou-sse a reguarda e foy sempre com</i></p>	<p>1385, (Outubro), incursões de Nuno Álvares por Castela.</p>	<p>Coluna de Marcha; Abastecimento</p>

	<i>ella, cuydamdo que os castellaãos quisessem mais fazer; e quamdo uio que se nom tremetiam, chegou a Eluas, auemdo dezoito dias que emtrara per Castella, muyto de seu vagar como dante vinha com grande roubo de gaados e bestas e prisioneiros; (...)</i>		
D. João I Livro II Capítulo LIX, p. 145	<i>“E partirom de Serpa huma terça feira per noite por escuytas alguumas se as hij ouuesse, nom auerem deles vista; e pasaron pelo stremo, que eram çimquo legoas de serpa, levamdo caminho dArouche, que he huuma villa e castello sem araualde ataa trezentos vizinhos em hum logar amotado a pee dhuma serra. Com entemçom de o escallar, ante duas legoas que chegassem a elle, fezerom duas escadas de timoões darado atadas com baraços, e leuaram-nas aas costas ataa o logar. (...) e disserom a Lopo Afomsso Adayll com todollos de cauallo que fossem corer e roubar aredor da uilla (...)”</i>	1385, quando Antão Vasques entra por Castela.	Transporte; Coluna de Marcha; Cadeia de Comando
D. João I Livro II Capítulo LIX, pp. 145-146	<i>“E os de cavallo trouverom muytos gaados e prisioneiros.(...) e como foram acerca de dous casaaes huma legoa dArouche posserom seu alloiamento, e em eles acharom muyto trijgo e cevada, e ally comerom e folgarom. (...) Desy por esta razom soffrerom-sse de lhe poer o fogo; mas acharom no arravalde mujto pam e vinho e outras cousas pera seu mantijmento (...) Os portugueses, tomando alguma sospeita, poserom em ssy booa guarda essa noite (...) e partirom dally com muytos gaados e</i>	1385, incursão por Castela de Antão Vasques e de outros nobres, do saque que trouxeram. (ver entradas do mesmo Capítulo em outras tabelas, para relacionar). Não colocaram fogo no arravalde porque foram pagos “ <i>vijnte mjl reaaes de prata e outras cousas</i> ”.	Abastecimento; Acampamento

	<i>prisoneiros, e veherom-se dormyr hu chamam a Cortechaã, mea legoa de Cortegena, sendo já muy alta noite e per muy grandes ynuernadas.”</i>		
D. João I Livro II Capítulo LX, p. 147	<i>“Emtom repartirom suas guardas, que ouuessem de guarda e o areall, aa de lomge per partes da noite. E a guarda da madrugada aconteçeo a aquell Joham Steuenz Corea,m que disemos, e a outros escudeiros com elle. E Joham Esteuenz se apartou deles, e passou a auga aallem; e foy mais hum pouco por adeante, e ouuio grande toom de gente, e meteo-se em hum carapetal. (...) E el meteo-se estomce amtrellas por saber todo seu ardil, (...)”</i>	1385, ver contextualização da entrada acima.	Acampamentos
D. João I Livro II Capítulo LX, p. 147	<i>“Em outro dia, aa qujmta feira pella manhaã, partirom todos, e começaram damdar seu caminho, apanhamdo quaaesquer gaados e prisoneiros que achavom per homde vinham; (...)”</i>	1385, ver contextualização da entrada acima.	Abastecimento
D. João I Livro II Capítulo LX, p. 149	<i>“E com prazer desta boa andança se veherom a Serpa, dhu auyam partydo, com toda a cau(a)lgada que tragiam, que eram quatro mjl vacas e cinco mjl ouelhas e ataa mjl porcos e dez prisoneyros; antre os quaaes vijnha Açença Martijnz dArouche, laurador, que deu por ssey de rendiçom cem mjl reaaes de prata.”</i>	1385, ver contextualização da entrada acima. Despojo conseguido por Antão Vasques.	Abastecimento
D. João I Livro II Capítulo LXIII pp. 152-153	<i>“E partio el-Rey dally com suas gemtes e muytos caros com emgenhos e mantimentos e outras cousas a guerra pertencemtes; e foy-sse peramte Doiro e Mjnho.”</i>	1385, (Natal), D. João I vai cercar Chaves.	Coluna de Marcha
D. João I Livro II Capítulo LXIV,	<i>“Esta bastida guardauom a reuezes çertas pessoas a que el-Rey emcomendaua:</i>	1386, (Janeiro), cerco de D. João I sobre Chaves.	Cadeia de Comando

p. 154	<i>e semdo huum dia a guarda de Joham Gallego, coudel dos homens de pee, alguuns galegos de dentro da villa começarom de se razoar com os de fora, como he costume em taaes logares (...)</i>		
D. João I Livro II Capítulo LXV, pp. 155-156	<i>“E el-Rey mandava muy ameude aa foragem, e emtravom per galliza a oito e dez legoas, a terra de Porqueira e de Sandiaães e dAlhariz e outros logares daquella comarca, e boons capitaães em guarda das azemellas, que sempre hiam bem duas mjll, e as vezes mais; e uinham carregadas de pam e de carnes e de castanhas e nozes e doutros mantimentos, e dalgum pouco de vinho, ca nom he terra em que aja muyto. E huuma vez forom aa foragem a terra de Uiana de Bollo; e vimdo pera o areall cayo tamta neve na serra desspaço, em guissa que matou muytos homeens e moços com frio.”</i>	1386, (Janeiro), quando o rei colocou cerco em Chaves.	Abastecimento; Coluna de Marcha; Cadeia de Comando
D. João I Livro II Capítulo LXVI, p. 157	<i>“(…) e que fosse por capitação destas gentas com a bandeira da cidade, de que era alferes, Gonçallo Vaasquez Carregueiro (e) Steuam Vaasquez Filipe, anadal moor de todo o reyno, e que leuassem duas trombetas e dous alueitaires e dous ferradores e dous sselheiros e dous correheiros e huum jogral (...) E hordenaram que dessem a Estevam Vaasquez por razom da sua caudellarya, pera compra de bestas e pera hir honradamente como compria, cinco mil liuras, que a aquell tempo eram mjll dobras, uallendo emtom a dobra cinco libras.”</i>	1386, (Fevereiro) chegam à hoste de D. João I as gentes que o rei tinha mandado chamar.	Cadeia de Comando; Armazéns de Armas

<p>D. João I Livro II Capítulo LXXIV, p. 172</p>	<p><i>“Dally partio o Comde e foy-sse a outro logar que chamam Reuoreda. E a noite que hi chegou foy toda tam estranha de chuvas e tempestades que quebrou o esteo da temda homde el jazia, de guisa que cuidou seer morto; e todas suas gemtes cuidavom que a sanha de Deus vinha sobrelles (...) E com estas augas o pam que fora segado na Valariça se coregeo tam bem que muyto delle aproueitou depois. Deste logar mandou o Condestabre çertas gemtes aa foragem aas aldeas de Ual dArago, que he hum valle muy fremosso e de muytos vinhos; e dally trouuerom auomdamça deles e assaz de gados, de que o areall era muy mynguado.”</i></p>	<p>1386, (Maio), antes do cerco de Coira e após o rei ter tomado Almeida.</p>	<p>Abastecimento; Acampamentos</p>
<p>D. João I Livro II Capítulo LXXV, p. 174</p>	<p><i>“E estando el-Rey assy apousemtado, gemtes do areall foram aa foragem, com emtemçam de chegar a hum logar que chamam Heruas, que eram treze legoas por quanto deziam que auya hy muytos vinhos, de que o areal era muyto mynguado. E himdo com tal vomtade preto de Granadilha, que eram ataa oito legoas do areall, acharom azemellas açerca de sol posto, que vinham carregadas de uinho daquell logar dEruas e hiam pera Prazemça. E os capitães que eram em guarda da forragem ouuerom comselho de nom hir por deamte, e tornarom-sse ao areall com aquellas azemellas; com que chegarom em outro dia, e com muyto gaado vacarill e porcos.”</i></p>	<p>1386, (Junho), quando el-rei tinha o seu arraial pousado perto de Coria.</p>	<p>Abastecimento; Cadeia de Comando</p>
<p>D. João I Livro II</p>	<p><i>“ Depois que Martim Vaasquez e aquelles</i></p>	<p>1386, (Junho) cerco de Coria.</p>	<p>Acampamentos</p>

<p>Capítulo LXXVI, pp. 174-175</p>	<p><i>fidalgos, com o comçelho de Lixboa e as outras gemtes, chegarom, tomou el-Rey vomtade de combater a çidade; e porque era no mes de junho e fazia muy grandes calmas e adoeciam alguuns, el-Rey, vemdo esto, levantou seu arreal, e apousemtou-sse aaquem do rio açerca da çidade, e entom hordenou o combato.”</i></p>		
<p>D. João I Livro II Capítulo LXXVII, p. 177</p>	<p><i>“ (...) (e) aalem desto gram carriagem que lhe mester faz dartefiços e mantimentos, com muyta boyada e homens que vão com ella com gram cuidado e fadiga, e desy (se) he tal logar come este, myngua daugas e de mantimentos, que faz aos homens comer taes cousas per que geeram em sy grandes dores, assy como já aquy começam dadoeçer; (...) E como nom adoeçeram eles, disserom outros, ca já aquy ha muytos que nom comem senom trigo cozido com carne de porco e bebem augua em vez de uinho, e ajmda pois augua que tam çuja he do lixo das bestas que a nom pode nemguem beuer; (...)”</i></p>	<p>1386, do que o Condestabre disse a el-rei sobre o cerco de Coria.</p>	<p>Abastecimento</p>
<p>D. João I Livro II Capítulo LXXVIII, p. 180</p>	<p><i>“Mas as gemtes começaram dadoeçer, huuns de maleitas e outros de maa maneira per myngua de mantimentos, speçialmente de pam e carnes, de que o areal era muy falido, e comiam trigo cozido comem aroz porque nom tinham dhu auer moeda; de guissa que mais eram já os doentes que os saãos. E taaes desejavam de o seer por teer aazo de se partir da hoste; outros fingiam que o eram atamdo panos nas cabeças, porque</i></p>	<p>1386, (15 de Junho), el-rei levanta o cerco de Coria devido à doença que havia no arraial por causa da falta de mantimentos.</p>	<p>Abastecimento</p>

	<i>el-Rey mandava leuar os doentes na huum logar do seu regno que chamam Penamacor, que eram dally treze legoas, e homens darmas com eles em guarda; delles er fugiam sem liçemça, e tornauam-se pera a terra. El-Rey, quando sentio esto, começou de os veer per pessoa, e bem conheço de muytos que nom eram doemtes.”</i>		
D. João I Livro II Capítulo C, pp. 213-215	<i>“ A Rainha partida e seu conselho feito, emcaminharom logo de fazer huuma gram ponte de barcas no Doyro, hu chamam a Barca da Regoa, per hu pasauom as gemtes da Beira, e nom hirem passar ao Porto.”</i>	1386, como el-Rei e o Duque partiram e chegaram a Benavente de Campos.	Transporte
D. João I Livro II Capítulo C pp. 214-215	<i>“ E camjnhando pera alla, hiam hordenados todos em batalha a cavallo, saber, Nunalvarez Pereira, comdestabre de Portugal, e Monsire Joham dOlamda, comdestabre do Duque, na auanguarda, e o Priol do Spital; e em huuma das allas Martym Vaasquez da Cunha e Gill Vaasquez e Lopo Vaasquez, seus jimaãos, e a gente do Meestre de Christus com os caualleiros da hordem e gemtes de suas (terras), ca el era doemte e nom podia la hir. E leuauom em uez de bamdeira huum grande prumam e huuma lamça darmas, porque o Metre nom tragia bamdeira des que fora preso com o Priol do Crato em Tores Nouas, como já ouujstes. (...) E na retaguarda hija el-Rey e o Duque com muyta gente darmas, e a carriagem toda em meo; e tomava gram praça de campo a ordenamça destes gemtes, que era assaz fremossa de</i>	1386, como D. João I e o Duque de Lencastre partem para Benavente de Campos.	Coluna de Marcha

	<i>uer e espantossa a seus emmjgos.”</i>		
D. João I Livro II Capítulo CI, pp. 216-217	<i>“El-Rey mandou depois aa foragem Martym Vaasquez e seus irmãos e Joham Fernamdez Pacheco, e com eles beesteiros e peões quantos compria. E leuaron caminho dhuum logar que chamom Crasto Caluom comtra a çidade dEstorga, que seriam dally çimquo legoas. Aquel logar combaterom, damdo fogo aas portas, e foy emtrado per força e roubado de quamto em el auya, e as gemtes espalhauam-se pellas aldeas a buscar mantimentos. (...) e chegarom vespera de Pascoa ao arreall. E trouuerom gaados e outros mantimentos; nom porem muytos, porque os nom achavom.”</i>	1387, (Abril), El-rei e o duque de Lencastre andavam por Castela.	Abastecimento
D. João I Livro II Capítulo CV, pp. 220-221	<i>“ E saymdo com outros, meteram-se a augua damballas partes; e os portugueses damdo nos castellaãos, nom os poderom sofrer, e uoltarom costas. E foy ally ferido Alvaro dOuter de Fumos de guissa que depois moreo; e tornaram-se os portugueses ao arreall com gados e outras cousas que trouuerom. Outro dia partio a hoste e pousou sobre Roalles. Ally nom estauom gentes darmas, saluo lauradores, assy do logar come das aldeas daredor; e uemdo que se nom podiam defemder nem auer outro acoro, deu-sse per preitesya que leixassem a villa, e foy o logar roubado de mantimentos e de quanto hij auya.(...) calvagaram apresa alguns do areall com homens de pee, e forom rijos pera alla por tomar das gemtes que</i>	1387, como foi tomada Roales, estando o rei com o duque de Lencastre em campanha em Castela.	Abastecimento

	<i>fogiam e roubar a villa dos mantimentos.”</i>		
D. João I Livro II Capítulo CVIII p. 224	<i>“E partimdo do areall as azemellas e muytos dos que hiam por guarda dellas, ficarom detrás per aquecimento Martym Vaasquez e Gill Vaasquez e Lopo Vaasquez, seus irmaãos, e Maaborny e Louremço Martiinz do Avellar e Joham Portella, e doutros escudeiros e caualleiros ataa dezoyto; e hiam fallamdo muyto de seu vagar fazemdo aquell dia huum gram neuoeiro e a menhãa nom bem descuberta. E sem paramdo mentes que tera leuauom per aazo daquell espesso aar, erarom o camjnho. E seemdo já huuma grande legoa do arreal, forom dar comsigo na ribeira que vem de Mayorgas, homde jaziam iijº. lamças de castellaãos (...)”</i>	1386, quando D. João I estava em Villalobos e envia alguns homens em busca de forragens.	Coluna de Marcha
D. João I Livro II Capítulo CIX, p. 228	<i>“ Em esto mandou el-Rey a herua a huum logar que chamam Villa Fauilla contra Çamora, que he bem sassenta legoas do mar, e fazem em ella sal dhuma lagoa. E foy estomçe o Comdestabre por guarda da carriagem. E aquel dia que alla forom, tornando as azemellas carregadas pera o areall, veerom gemtes de framçesses dhum logar que dizem Vilhalpando; e daquelas que já eram nom muy lomge do areal tomarom algumas, por quanto o Comdestabre vinha na reguarda de todos, arredado dally gramde espaço.”</i>	1387, quando el-rei andava por Castela com o Duque de Lencastre.	Abastecimento; Coluna de Marcha
D. João I Livro II Capítulo CXI, p. 231	<i>“Dally partio el-Rey com sua hoste e veo pousar a çima de Çamora duas legoas, jumto com o ryo em dereito de Santa Maria do Viso; e el-Rey mandou</i>	1387, quando D. João I regressa a Portugal, após a sua incursão com o Duque de Lencastre em Castela.	Transporte

	<p><i>buscar o ryo, que era em amcho huum gram tiro de besta, se poderia auer vaaopera passar. E amtre aquelles que o buscar forom foy huum escudeiro que deziã Aluaro Vaasquez, alcayde dAlcanede; e buscãdo o vaaopera, cayo o cauallõ com elle e morreo ally; e outros acharom depois logar per hu passassem a seu saluo. Em outro dia, que eram quinze de mayo, partio el-Rey, e passou toda a hoste aquell vaaopera, assy de pee come de cavallo, que nenhuma pessoa nem besta pereceo; e poserom logo seu arreal da parte aallem, nom queremdo mais amdar por o camsaço da passagem.”</i></p>		
<p>D. João I Livro II Capítulo CXI p. 232</p>	<p><i>“A hoste vijnha bem hordenada com sua avanguardia e allas e a carriagem em meo e el-Rey e o Duque na reguarda. Diogo Lopez, deseiamdo de lhe fazer nojo, chegou-sse tanto aa gente da reguarda que eram acerca de os poder remessar. El-Rey, quamdo vyo que tal fouteza mostrauom contra elle, movido com sanha passou pella cariagem e chegou a avanguardia e allas, e disse ao Comde que se alguma gente leuaua bem emcaualgada, que a escolhesse (e) el jssõ mesmo mandarya da sua, e que fossem aaquellas gentes que tal desprezamento mostrauom contra elle. O Comde disse que tam bem emcaualgada gente nom tragia e que tal escolha faria gram detemça, mas que passase a cariagem e el com a reguarda, e el hiria a eles com esses que o seguir</i></p>	<p>1387, (17 de Maio), quando D. João I regressa a Portugal, após a sua incursão com o Duque de Lencastre em Castela.</p>	<p>Coluna de Marcha</p>

	<i>podessem. Emtom passou a cariação e desy el-Rey, cuydando os emmigos que o faziam com medo.”</i>		
D. João I Livro II Capítulo CXII pp. 233-234	<i>“Tornou-sse o Comde a avanguardia e a hoste aa hordenança em que amte vinha, e pousarom naquele camjnho damtre Sallamanca e Ledesma.”</i>	1387, no caminho para Portugal com o Duque de Lencastre.	Coluna de Marcha
D. João I Livro II Capítulo CXII, pp. 233-234	<i>“Em este caminho era a hoste tam mynguada de carnes que parte della a sentya muyto; porem de uaca nunca el-Rey eraua três iguarias, desfeito e assado e cozido. Outros passauam como podiam, emtanto que, achamdo hum dia ninhos de coruaões per aquecimento, acudio ally tanta gente que parecia que se queriam matar sobrellas; (...)”</i>	1387, no caminho para Portugal.	Abastecimento
D. João I Livro II Capítulo CXIII, pp. 234-236	<i>“O Comdestabre tragia a auanguardia e as allas corregidas em sua hordenança; e os castellaãos, quamdo os virom daquel geito vjyr, cuydando que nom eram mais, porque a reguarda nom parecia ajmda, acordarom de pelejar com eles. O Comde auya de passar hum pequeno rio, que hia per hij, per huuma pomte estreita; a quall era ja guardada dos emmjgos, assy homeens darmas come de pee e beesteiros, por embargar aquel passo. Martym Gomçalluez, comendador moor de Christos, com as (gentes) do Mestre e suas altas prumas em uez de bandera, e outros com elle, chegou ally, e pee terra maa seu grado fez aos emmjgos leixar aquell porto. E o Comde passou aquel pequeno ryo, e pose-se em batalha hordenada (...) Como a ribeira foy</i>	1387, quando D. João I passa Cidade Rodrigo e entra em Portugal.	Transporte; Acampamentos; Coluna de Marcha

	<i>passada, juntou-sse o Comdestabre com el-Rey e apousentou-sse o arreall açerca de mea legoa açima da çidade. E el-Rey e o Comde amdarom sempre a cauallo ataa que a hoste foy assessegada e suas guardas postas, por serem tam preto de seus emmigos; (...)</i>		
D. João I Livro II Capítulo CXXXIII, p. 273	<i>“ E com esta tençam partio dEstremoz, atravessamdo a Serra dOssa; e pousou essa noute em huma rybeira, homde dormyo com esses que leuaua.”</i>	1387, Nuno Álvares tenta impedir a entrada do Mestre de Santiago de Castela em Portugal.	Acampamentos
D. João I Livro II Capítulo CXXXIV, p. 275	<i>“ E logo como el-Rey chegou, foram, armadas as temdas e pousado o arayal, nam porem longe da villa.”</i>	1388 (Janeiro), cerco de Melgaço por D. João I.	Acampamentos
D. João I Livro II Capítulo CLX, p. 337	<i>“ E aforando-sse de sobeja carryajem e azemellas, saluo das bestas necessárias, amdando tam rijo e tamanhas jornadas que se perdiam muytas dellas, e passarão o Tejo afumdo de Punhete por huma ponte de barcas que el-Rey mandara fazer; na qual passajem o Conde foy assaz fatigado, fazemdo passar esta carryagem, posto que pouca fosse. E como el-Rey passou, ante que chegasse a Montragil, coube çertas nouas que o dia dante polla manhã passarão os castellaãos Hodiana pelo porto de Serpa, himdo jaa a ribeira tam chea que lhe ficara gram parte da cavalgada que nam poderá passar (...)</i>	1397, após a entrada de castelhanos pela Beira, D. João I decide entrar por Castela.	Transporte; Abastecimento
D. João I Livro II Capítulo CLX, pp. 337-338	<i>“E el-Rey lhe dysse a mostrou recados que ouuera das maas maneyras que o Priol dom Aluaro Gonçalluez Camello, marychal de sua hoste, tynha contra seu seruyço, e que o queria premder (...)</i>	1397, após a entrada de castelhanos pela Beira, D. João I decide entrar por Castela.	Cadeia de Comando
D. João I	<i>“ O Comde e o Meestre</i>	1397 (Dezembro),	Acampamentos;

<p>Livro II Capítulo CLXI, pp. 339-340</p>	<p><i>com todollos outros partirom de villa Vyçossa huum dia a tarde, depois de vespera; e foram dormyr a huum mato que he aquem do campo dEluas. (...) E hy fez o Condestabre allardo, e achou set(e)çentas lanças e tam poucos homens de pee que ficou muyto marauylhado. O allardo feyto concertou as gentes como auiam de hjr: saber, elle na vanguarda e o Meestre na regoarda. E mandou certos de cauallo em duas partes, que fossem diante correr terra de Caçares, e allem do luguar preassem gados e gemtes, quamtos bem podessem, os quaaes se logo dhy partiram a fazer sua obra. (...)e de noute vyeram parte dos que eram hidos a correr, e troueram muytos pressuneyros e gados e bestas. E no seguyntedia foy o araualde entrado per força e roubado e queymado. E vyeram os outros corredores, que ajmda nam chegaram, e trouerão muytos mays gaados e bestas e prisoneyros.”</i></p>	<p>Nuno Álvares entra por Castela.</p>	<p>Coluna de Marcha; Abastecimento</p>
<p>D. João I Livro II Capítulo CLXII, p. 341</p>	<p><i>“(...) de guysa que entraram a dezasseis legoas per Castella, donde troueram muytos presuneyros e gaados. (...) Em outro dia chegou o Conde com sua hoste a (A)royo del Poerco, homde todos acharam asaz de mantimentos. E ally chegaram todos os que foram correr a aldeã das garrouylhas, com seu roubo de muytos pressuneyros e gados.”</i></p>	<p>1397, (Dezembro), o Conde parte de Cáceres e regressa a Portugal.</p>	<p>Abastecimento</p>

D. João I Livro II Capítulo CLXII, p. 341	<i>“E deste lugar mandou o Comde aquella noute çertas gentes as Garrouyllas e a Barca dAlcontra e toda aquella comarca, a quatro ou cimquo legoas daredor; de guysa que entraram a dezaseis legoas per Castella, donde trouueram muytos presuneyros e gaados.”</i>	1397, (Dezembro), o Conde parte de Cáceres e regressa a Portugal.	Coluna de Marcha
D. João I Livro II Capítulo CLXII, p. 342	<i>“Desy chegou o Comde a Aramenha, a par de Maruão que he em Portugal; e ally mandou partir a caualgada de gaados e bestas e prisoneyros sem tomando pera sy nenhuma cousa, como avya de costume.”</i>	1398, o Conde parte de Cáceres e regressa a Portugal.	Abastecimento
D. João I Livro II Capítulo CLXIII p. 344	<i>“E naquelle logar repartio suas batalhas como avyam de hir; saber, elle na vanguarda e dom Lourenço Esteueenz com elle, e o Meestre de Santiago e o Almyrante na regoarda; e em huma das allas Martim Afonssso de Mello, e na outra Gonçalleannes dAbreu, com certas gentes em cada huum lugar.”</i>	1398, o Condestabre entra novamente por Castela, e chega a Villa Alva.	Coluna de Marcha
D. João I Livro II Capítulo CLXIII, p. 344	<i>“(…) E nam podiam aver augua que os abastasse, porque o tempo era muy seco; e porque as gentes dos castellaãos eram muytas, e estendian-sse pella terra a myrar a hoste, e punhão fogo aos mantimentos por se não prestar delles, o Comde mandou diante correr, e disse: Hij-vos e avey vista e limgoa da terra, e trazey alguns boys e vacas, se os poderdes aver, pera mantimento destas gentes (...)”</i>	1398, o Condestabre entra novamente por Castela, e chega a Villa Alva. Um exemplo da prática de terra queimada.	Abastecimento
D. João I Livro II Capítulo CLXIII, p. 345	<i>“E este dia, que era sabado, chegou o Conde a comer com sua hoste aaquelle logar de Villalua, que era de Gomez Soarez, filho do Meestre de</i>	1398 (Sábado da Trindade), o Condestabre entra novamente por Castela, e chega a Villa Alva	Acampamentos; Abastecimento

	<i>Santiago, homde estaua assaz de gentes. E como o Condestabre chegou e seu arayal começou dasentar as gentes da hoste, (e) começaram de segar muytos paães que hy avia; (...) E queremdo armar a tenda do Conde, pairou elle mentes contra o castello da Feyra e vio bramquear as temdas do arayal dos castellaãos. (...) Emtam fez chamar perante sy as guysas pera lhe dizerem se era asy como elle dyzia; e elles afirmarão que temdas eram em toda guysa. E elle queyxou-sse muyto contra elles, dizemdo: Marauylhome de mym como vos ora nam mamdo cortar as cabeças, serem meus jmygos tam preto de mym e não o saberdes vos pera mo dizerdes.”</i>		
D. João I Livro II Capítulo CLXIV, pp. 346-347	<i>“ Semdo o Comde asy asentado como vinha de camynho, em quanto lhe faziam de comer e armauam a temda, nam semdo ajmda meo dia, chegou hum trombeta da parte dos castellaãos e perguntou qual era o Comdestabre; e mostraram-lho. (...) E digo-vos que eu amdey por eles, e passam de myl e quinhentos temdylhões a meu esmar; e não haa tamdilhão em que nam estem cinco e seis lanças darmas e(m)costadas (...)”.</i>	1398 (Sábado da Trindade), Nuno Álvares anda por Castela, contra o Mestre de Santiago. A última parte desta entrada é uma descrição do arraial português feito pelo mensageiro do Mestre.	Acampamentos
D. João I Livro II Capítulo CLXVII, p. 353	<i>“Vemdo o Comde como o Meestre e os que com elle estauam per nenhuma guysa quieriam vir a elle, e areçeauam a batalha, moueo com sua hoste por diante, leixamdo os castellaãos atras, entendemdo que tam grande honrra lhe era correr a vista deles a terra</i>	1398, quando o Conde regressa a Portugal.	Abastecimento

	<i>enam lhe oussarem poer batalha, como de lha poer e os vemçer. E partyo pera Çafra, que era espaço de duas legoas, e ally se apousentou aquelle dia; homde acharam assaz mantimentos e muytos boons vinhos.”</i>		
D. João I Livro II Capítulo CLXVIII, pp. 357-358	<i>“Começarom entam (de) amdar cada huum quanto mais podia; e chegando per acerca de Monção, pidiram a Dyego Gomez dAbreu, alcayde daquelle logar, que mandasse huum seu escudeiro, que chamauão Fernandayras, que lhe fosse mostrar o vaaio. E elle e outro, a que diziam Joham Vazquez, foram ambos por guyas delle; e chegaram ao vao das Estacas, que naquelle lugar era dancho como a costumada passajem do Doyro, sendo jaa sol posto, muy acerca do seraão, e a noute per antrepoymento de nuueens nam bem clara, como pera tal passajem compria. E el-Rey fez chamar huma guya daquellas que os ouuessem dencamynhar; e ella entrou em çima do seu cauallo, damdo-lhe augua pelos peytos. O vaaio nam era dereyto, mas desuyado pera cima, qual natureza hordenara, de huum pedregulhosso seixal, e (a) altura daugua per huma jgoaldança não mais alta em huum lugar que em outro; mas era junto com elle huum perfumdo peego, bem mortal e vezinho aazado pera muytos perecerem, de que poucos sabyão parte. A guya passou alem, e tornou mais rijo do que foy, por o gram corrimto dagua que deçia. El-Rey mandou</i>	1398 (4 de Maio), quando D. João I parte para a Galiza e do que lhe aconteceu ao atravessar o rio Minho.	Transporte

	<p><i>passara bamdeira por lhe aviuar os corações de passarem mais toste; e Joham Gomez da Sylua, (que era alferes), como foy allem e alguuns com elle, (foy) afumdo por beira do rio ao dereyto domde el-Rey ficaua; que foy grande aazo da perda que se ally fez; porque ao soom das vozes donde elle estaua, taraua a gente pera ally dereyto, e o vao hya mais acima (desuiado), e assy se perdyam muytos. E tornou a guya por encamynhar outra hida, e foy com ella muyta mays gente que da prymeyra; e quamdo veyo da terçeira vez, forom tantos que com a espessura das bestas creçeo a augua, fazemdo a augua de sy parede, e borou grão parte delles, e deitou-os no peego, sem sendo vistos dos que eram em terra. Desy a noute mal aazada pera tal trabalho fazia tar huuns nos outros. E delles trauauam de seus parçeyros por se terem a elles, e leuauam-nos consygo; e desta guyssa e da outra morria muyta gente, atee que os qu(e) yam detras foram em conhecimento da perda que se fazia, e disseram-no a el-Rey, e mandou que nam passassem mais.”</i></p>		
<p>D. João I Livro II Capítulo CLXVIII, pp. 358-359</p>	<p><i>“El-Rey esteue huum boom espaço aquem do rio, nam sabemdo quaees eram mortos, e andaua grão parte da noute affundo, muy longe domde foy esta perda. Passou em uma barca, e desy aquelles que o fazer podyam. E quamdo foy o dia claro e soube aquelles que faleçeram, ficou espantado e muyto nojosso por se asy</i></p>	<p>1398 (4 de Maio), quando D. João I parte para a Galiza e do que lhe aconteceu ao atravessar o rio Minho.</p>	<p>Transporte</p>

	<i>perderem per tão dessauenturado cajão; e deteue-sse alguuns dias por os mortos que surdiam e sayam fora.”</i>		
D. João I Livro II Capítulo CLXXIV, p. 372	<i>“Soube per nouas das gentes que de Castella partirom com Ruy Lopez dAuallos, que se vinham chegamdo pera onde elle estaua; e quando foy çerto que erão tam perto delle, pouco mais huma jornada, temdo jaa deüssado o campo muyto açerca da cidade. mamdou tomar todallas barcas da passajem da parte dalem pera sua terra, deffendendo sob pena de morte que nam fossem laa mais, por trazer nenhuma pessoa. Em esto, ante nem depois nam çessauam corredores estemder-sse polla terra a trazer mantimentos sem reço dos moradores da comarca e das gentes que asy vinham; (...)”</i>	1398, Cerco de Tuy por D. João I.	Transporte; Abastecimento
D. João I Livro II Capítulo CLXXV, p. 377	<i>“E porque as envernadas eram grandes e nam podiam passar as cabras e ouelhas, mataram-nas todas, e comeram dellas as que quisseram; e as outras leixaram mortas. (...) Os portugueses ouueram antre sy seu consselho que pois descubertos erão, que seria bem amdarem de noute por o luar. Depois acordaram que nam andasem de noute; porque qualquer cousa que lhe avyesse, mylhor era (de) lhe acontecer de dya que doutra guysa.”</i>	1398/1399 (Dezembro/ Janeiro), como um conjunto de portugueses, de Serpa, entrou em Castela, realizando um determinado número de roubos, bem como o que lhes aconteceu.	Transporte; Coluna de marcha
D. João I Livro II Capítulo CLXXV p. 377	<i>“ E jazemdo ally dormyndo em aquelle logar, vyeram de noute villaãos pera ver se lhe poderião furtar os gaados; e foy grande aluoroço antre eles, cuydamdo que erão as gentes que apos eles</i>	1398/1399 (Dezembro/ Janeiro) como um conjunto de portugueses, de Serpa, entrou por Castela, e dos roubos que fizeram,	Acampamentos

	<i>vinham. E alçaran-sse muy asinha; e souberam que nam era nada, e tornaran-sse a dormyr. (...) E ally dormyram aquella noute, bem acompanhados de lobos que se chegauam aas carnes mortas, nam sabemdo parte que seus jmygos eram tam perto delles.”</i>	e do que lhes aconteceu.	
D. João I Livro II Capítulo CLXXVI, p. 378	<i>“E logo açerca chegaram a huum rio que chamam Auguas de Mel, que he dentro em Castella. E o rio hya cheo em tal guysa que nadauão os caualllos e passaram o gado, e desy eles todos.”</i>	1399, os mesmos portugueses da entrada anterior.	Transporte
D. João I Livro II Capítulo CLXXXIV, p. 396	<i>“E dally se foy camynho dAlcamtara, e juntou-sse com el-Rey, que partira de Santarem per outro camynho per beira do Tejo açima, passamdo per huma ponte de barcas que mamdara fazer forte e muy bem feyta. (...) E el-Rey tinha mamdado que lhe vyesse a pomte de barcas per que passara pera ter um arayal allem Tejo (...)”</i>	1401, cerco de Alcântara, por D. João I.	Transporte
D. João I Livro II Capítulo CLXXXIV, p. 396	<i>“E dally se foy camynho dAlcamtara, e juntou-sse com el-Rey, que partira de Santarem per outro camynho per beira do Tejo açima, passamdo per huma ponte de barcas que mamdara fazer forte e muy bem feyta. (...) E daquele lugar foram asy sempre o Comdestabre na vamgoarda e el-Rey na regoarda, com os Meestres de Christus e de Santiago e outros senhores fidalgos, com muytas gentes que apodauam a quatro myl lanças, e grande numero de peoões e beesteiros; e com esto muyta carryagem de engenhos e escalas e mamtimentos. (...) E el-Rey tinha mamdado que lhe</i>	1401, cerco de Alcântara, por D. João I.	Abastecimento; Coluna de Marcha; Transporte

	<i>vyesse a pomte de barcas per que passara pera ter um arayal allem Tejo (...)</i> ”.		
D. João I Livro II Capítulo CLXXXIV p. 397	<i>“O Comde vemdo quamto era seruyço del-Rey, porque os mantimentos começauão já de myngoar, houtorgou que lhe prazia; e el-REy lho encomendou. Em huma segunda feira partio com certas gentes, (...) E himdo o Comde seu camynho asy, mamdaua alguuns corretores dyante que corresse a terra; e traziam muytos prisoneyros e gados, porque nam cuydauam os castellaãos que seus jmygos tam lomge entrassem. E chegou a huma ribeira que chamam Boteja, que era comarca avomdosse e bem pouorada. E daquy mandou correr ao longe per duas partes; huuma mandou dom Lourenço Esteueenz, que jaa nomeamos, correr com çertas gentes; e a outra mamdou Martim Afonso de Mello; e elle ficou naquella rybeira com seu arayal. (...) O Comde se alleuamtou apressa da messa, e mamdou dar as trombetas; e logo foram juntos todollos do arayal a sua temda, e hy mamdou os que ficassem. (...)”</i>	1401, o condestabre vai em busca de abastecimentos, aquando do cerco a Alcântara.	Coluna de Marcha; Acampamentos; Abastecimento
D. João I Livro II Capítulo CLXXXIV, p. 398	<i>“O Comde partia trigosamemte, e chegou aquele dia a tarde a (A)lcantara com muytos gaados e prysoneyros e doutros mantimentos assaz, com que os do arayal folgaram, que o bem avyam mester. (...) A pomte que el-Rey esperaua numca veyo; e posto que entam vyera jaa nam podia prestar; e os castellaãos emtrauam na villa cada vez que quieram, ca (nam) era cousa que se embargar</i>	1401, o condestabre regressa com os mantimentos.	Abastecimento; Transporte

	<i>podesse.”</i>		
Tomada de Ceuta Capítulo XV, pp. 51-52	<i>“E mandou ajnda elRey fazer muy nobres librees de seu moto e deuisa pera todos aquelles que nas ditas galles aujam de hijr e isso mesmo apendoar e atoldoar (...)”</i>	Após se ter tomado a decisão de tomar Ceuta.	Librés
Tomada de Ceuta Capítulo XXX, pp. 90-91	<i>“(…) outros em mandar fazer bizcoitos e sallguar carne e mantijmentos, outros em correger nauiose aparelhar guarnições (...) E em uerdade era fremosa cousa de ueer. ca per toda aquella rribeyra jaziam naaos e nauios, nos quaaes de dia e de noute amdauam callafates e outros mesteiraaes, que lhe rreparauam seus falliçimentos. Doutra parte jaziam muitos bois e uacas decepadas. e alli mujtos homeês huüs a esfolar, e outros a cortar e sallguar, outros o meter em tonees e botas em que auiam dhir. Os pescadores e suas molheres tijnhem cuidado de abrir e sallgar as pescadas e caçoões e rrayas, e semelhantes pescados, dos quaaes todollos lugares em que o soll tijnha mayor assesego eram cheos. (...) E os tenoeiros nom eram pouco trabalhados em fazer rreparar as uasilhas pera os uinhos e carnes e outros mantijmentos (...) carpenteiros em emcaixar bombardas e troõs e emderemçar todallas outras artelharias, as quaaes eram mujtas e grandes.”</i>	Preparação da expedição a Ceuta.	Abastecimento; Armazéns de armas
Tomada de Ceuta Capítulo XXXV, p. 110	<i>“E o Iffamte teue tal modo em seus feitos, que naqueles três meses seguintes auiou todas suas gemtes e armas e mantijmentos per tall guisa, que no começo do mes de</i>	Preparação da expedição a Ceuta. Sobre a frota que vem do Porto, trazida pelo Infante D. Henrique.	Abastecimento

	<i>mayo foy demtro na çidade do Porto, homde loguo começou dar trigoso auimento a sua frota, e fazer encaminhar todallas cousas, que pera elle perteeçiam (...)</i>		
Tomada de Ceuta Capítulo XXV, p. 111	<i>“E com todas estas cousas nom esqueeçia ao Iffamte Dom Hamrrique de mamdar fazer muy rricas liurees, as quaaes hordenou que leuassem todollos capitaaês que eram hordenados sob sua capitania.”</i>	Preparação de uma parte da frota que irá na expedição pelo Infante D. Henrique, no Porto.	Uniforme
Tomada de Ceuta Capítulo XXXV, p.111	<i>“Pois que seria o Iffamte, porque as armas que tinha som já todas rrepartidas, e nom teeria assy prestes com que uos armasse. Nom he boom homem disserom eles, aquelle que per nehuia necessidade uemde suas armas. e nos posto que per alguias uezes nos fezessem mingua nossos soldos per falleçimento da pagua, e a teemça depois que nos foi assemtada, as nossas sempre esteueram comnosco. Porem o mantijmento nos daae segumdo uossa hordenamça, e das armas nom tenhaes cuidado.”</i>	Referência ao episódio no qual um homem de 90 anos se apresenta ao Infante D. Henrique no Porto, para participar na expedição a Ceuta.	Armazéns de Armas
Tomada de Ceuta Capítulo XXXV, p. 113	<i>“Era alli o trafego tamanho em aquella rribeira, que de dia nem de noute numca estaua soo. Nem os marinheiros nom eram pouco camssados em arrimar tamanha multidom de frasca. E com esto as estradas e caminhos eram cheos de carros e de bestas, que uijnham carregados com mantijmentos e armas das terras daqueles fidalgos, (...)”</i>	Preparação da expedição a Ceuta.	Abastecimento; Armazéns de armas; Transporte
Tomada de Ceuta Capítulo XXXVI, pp. 113-114	<i>“E logo o Iffamte mandou a todos que sse rrecolhessem pera seguir sua viagem. e era fremosa cousa de ueer o</i>	Quando a frota do Infante sai do Porto para se reunir com a de Lisboa.	Librés

	<p><i>corregimento daquela frota, porque todallas naaos e galles e outros nauios eram nobremente apemdoados com balssoões e pemdoões pequenos das coores motos e deuisa do Iffamte e porque eram todos nouos e bem acompanhados douro, dauam mujto gramde uista e as galles eram tolldadas de finos panos daqueles motos e deuisa que já disse (...) E assy estes como todollos outros que hiam nas naaos, de quallquer condiçom que fossem, que capitania dalguia gente teuessem leuauam a liuree do senhor Iffamte, a qual era de panos de sirgo, e outra de finos panos de laã, rrepartida pollo contrairo porque as mayores pessoas ouueram as liurees de pano de laã, e as outras de menos estado uestiam os panos de sirgo (...) E aalem daquela liuree que assy o Iffamte deu naqueles senhores e fidallos, e assy geerallmente a todollos seus, cada huã deles daua aos seus apartadamente sua liuree como lhe prazia.”</i></p>		
<p>Tomada de Ceuta Capítulo XXXVI, p.115</p>	<p><i>“Tamto que as nouas chegaram a Lixboa da vijmda do Iffamte Dom Hamrrique, loguo elRey mamdou ao Iffamte Dom Pedro que fosse rreçeber seu jrmaão pera cuja hida logo foram prestes as outras oito gallees que elli estauam, e assy todollos batees e nauios pequenos que auia na frota. nas quaaes hia primeyramente o Iffamte Dom Pedro, e na segumda o mestre de Christus, e na terçeira Dom Affomso, e na quarta o prioll do Espitall, e na</i></p>	<p>1415, ordem da frota de D. Pedro e do Infante, quando a frota do Porto chega a Lisboa e como é recebida.</p>	<p>Coluna de Marcha</p>

	<i>quimta o almiramte, e na sexta seu filho miçe Carlos, e na septima o capitam, e na oitaua Joham Vaaz dAlmadaa. e o comdestabre com todollos outros senhores, que eram hordenados pera hir com o Iffamte Dom Pedro, forom em batees de suas naaos e assy em algũus nauios pequenos. (...) E o Iffamte Dom Hamrrique trazia tal hordenamça em sua frota, que pareçessem primeiramente per a foz os nauios pequenos, e depois as naaos gramdes, e apos ellas as gallees, das quaaes a mais derradeira era a do Iffamte.”</i>		
Tomada de Ceuta Capítulo Rvii, p. 145	<i>“(...) ca pouco mais de mea noute mandarom fazer prestes os batees, e sse forom Alho Vedros, em tal guisa que quamdo era manhaã estauam com seu padre (...)”</i>	1415, depois de a Rainha morrer, os Infantes vão falar com D. João I.	Coluna de Marcha
Tomada de Ceuta Capítulo L, p. 152	<i>“(...) e aquella praya nom era menos alumiada de tochas e acompanhada, que sse em ella fezeram festas dalguũ grande primçipe. e nom menos era o trafego na çidade por aazo das mujtas cousas que lhe eram neçessarias pera sua viagem.”</i>	1415, antes de a frota partir para Ceuta.	Transporte
Tomada de Ceuta Capítulo LIII, pp. 164-165	<i>“Assi esteue elRey ata quarta feira que partio pera Faram e porque em seguindo sua viagem encalmou o vento, foilhe neçessario de estar aly ataa outra quarta feira, que eram sete dias do mes dagosto, e entom partio viagem do estreito. E a sexta feira hum pouco ante de noite ouueram vista de terra de mouros. e aly mandou elRey que fezessem andar todollos nauios de mar em roda, porque nom era sua</i>	1415, depois do discurso de Mestre João Xira. Partida da frota para Ceuta.	Coluna de Marcha

	<i>vontade entrar pella boca do estreito senom de noite cremos que seria , por que os mouros de terra nom podessem tam asinha saber a viagem, que elRey queria leuar.”</i>		
Tomada de Ceuta Capítulo LVI, p. 168	<i>“ Pero Fernandez tanto que foy fora do batel, caualgou em hum genete que trazia, e começou de lançar todo o gaado ao longo daquela praya, e os da frota quando aquillo viram, mataram todallas uacas e carneiros, e proueitaramse dellas cada hum como melhor podia o que elRey e todollos boõs que aly eram teuerom a grande bem aquelle fidalgo.”</i>	1415, o gado é um presente de Pero Fernandes Portocarreiro, alcaide de Tarifa, ao Rei, já a frota estava a caminho de Ceuta.	Abastecimento
Tomada de Ceuta Capítulo LXIV, p. 186	<i>“Nos prazendo a Deos disse elRey, hiremos oje sobre a noute amcorar nossa frota dauamte da çidade e uos hirees primeiramente com a uossa frota que trouxestes do Porto (...)”</i>	1415, preparam-se para tomar a cidade.	Coluna de Marcha
Tomada de Ceuta Capítulo LXV, pp. 187-188	<i>“ E assy com aquella lediçe ajmda que fosse uaã, corregeram muy asinha todas suas cousas, de guisa que quamdo as trombetas fezeram sinall de partida, eles eram de todo prestes. e porque era em tal tempo como sabees, e era açerqua da tarde, (...) ja a gallee delRey era açerqua dAljazira, quamdo o derradeiro nauio partia da pomta do Carneiro e assy hiam hordenados huõ amte ho outro que nom parecia senom huõa pomte que chegaua de terra a terra.”</i>	1415, a frota parte sobre a cidade de Ceuta. “coluna de barcos”	Coluna de Marcha.
Tomada de Ceuta Capítulo LXVII, pp. 190-191	<i>“Posto que aquelles mouros assy allumeassem sua çidade, a fim de acreçemtar em a ssemelhamça de sua multidom, os outros que estauam nos navios, nom</i>	1415, quando a frota portuguesa estava já em frente a cidade de Ceuta.	Coluna de Marcha

	<p><i>allumeariam menos sua frota mas esto era mais per necessidade, que por mostrar sua grandeza (...) E amtre as tochas que os capitaões tijnham ante ssi, e as camdeas que os homeês traziam nas mãos, quando amdauam corregemdo suas cousas, era a frota mujto allumeada, e parecia ajmda mujto mais aos que estauam na çidade, porque o fogo feria na augua do maar, e parecia que todo era lume (...)</i></p>		
Tomada de Ceuta Capítulo LXVIII, p.193	<p><i>“ A gente da frota que no começo da noute fora trabalhada, huïis em corregimento de suas fardagões, outros aparelhamdo as guarnições de seus navios, eram ajmda alguï pouco assonoremtados e quando viram a claridade do soll, que temdia seus rrayos pollas arcas de seus navios, começaram de sse espertar huïis aos outros, chamandosse per seus nomes, e desi meteram suas mãos a rrevolluer as armas, prouemdas de todallas partes, se tinham alguï falleçimento.”</i></p>	1415, os portugueses preparam-se para atacar Ceuta.	Acampamentos
Tomada de Ceuta Capítulo LXVIII, p. 193	<p><i>“Outros abriam as çarraduras das suas botas em que traziam seus bizcoitos, apresentamdo a seus amigos as milhores viamdas que tijnham.”</i></p>	1415, os portugueses preparam-se para tomar a cidade.	Abastecimento
Tomada de Ceuta Capítulo C, p. 266	<p><i>“ E tamto que elRey foi demtro na gallee, mamdou fazer sinall com suas trombetas, per que todollos outros nauios desfraldassem suas vellas seguindo sua uiagem (...)E foi assy que os marinheiros jda gallee delRey errarom a uiagem, e omde oueram de hir a Faaram forom a Crasto Marim, e os outros</i></p>	1415, regresso da frota a Portugal.	Coluna de Marcha

	<i>nauios quamdo de noite perderam a lista do foroll, seguiram sua uiagem dereitamente a Faaram e querendo hir per terra buscar elRey, açertoussse que sse ajuntarem todos em Tavilla.”</i>		
Tomada de Ceuta Capítulo CIII, p. 269	<i>“Acabado assy aquelle espedimento começou de sse espalhar toda aquella gente cada huia pera sua parte e porque os mais deles eram anojados do mar, quiseram amte fazer sua uiagem per terra empero esto era muy graue de fazer, por rrezam das bestas que hi nom auia e assy era muy grande trabalho em as buscar e auer ca por dinheiro nom podiam seer achadas em tamanho numero, como eram neçessarias.”</i>	1415, depois de chegarem a Faro, sobre a forma de voltarem para suas casas.	Transporte
Conde D. Pedro de Meneses Livro I Capítulo IX, p. 30	<i>“ Estas razões assy acabadas Elrey mandou logo lançar pregão, que todo-los mantimentos, que eram na frota fossem postos em terra, leixando os que fossem necessaios pera três, ou quatro dias pera sua tornada, os quaaes foram tantos que esteueram muitos dias na praça, sem ninguém levar pera caza (...)e tambem mandou, que ficassem todolos almazens, e artilharias que levava com toda-las outras cousas, que sentio, que poderiam aproveitar pera defensão da cidade (...)”</i>	1415, após a conquista de Ceuta, quando D. João e a sua frota se preparam para partir. Após se ter escolhido quem fica em Ceuta e do que se deixa para a cidade sobreviver.	Abastecimento; Aramazéns de armas
Conde D. Pedro de Meneses Livro I Capítulo XXIV, p. 71	<i>““E assy foram seu caminho até que chegarão sobre o lugar; e porque era ainda muito de noite sobreesteverão assy hum pedaço, porque se temerom, que na volta nom se conhecessem huns com os outros; e tanto que começou de aparecer sinal</i>	Como os da cidade de Ceuta se abasteciam. Ataque a uma aldeia de Mouros durante a noite, para roubar o gado, precedido do envio de batedores.	Abastecimento; Coluna de Marcha

	<i>de luz foram daar no Lugar com o maior arruído, que podia (...) e como quer que em numero sobrepujassem os nossos, tam grande foi seu desacordo, que nom teverão o sentido em al, senão em fugir, e forão alli mortos trinta e sete Mouros, e cativaram cinco, e trouverom pera a cidade vinte e huma cabeças de gado grande, e quarenta e duas cabras e dous asnos; (...)</i>		
Conde D. Pedro de Meneses Livro I Capítulo XXVI, p. 78	<i>“Os Almogavares partirão a noite de Domingo, e o Conde partio á Quarta feira seguinte, que eram oito dias de mez de Fevereiro, e andarão assy a passo e passo, por nom averem razão de serem sentidos, e chegarom ao Castello duas horas ante manhã (...) mandou o Conde, que estevessem assy quedos, e que os de cavallo dessem entanto cevada, e que os de pee repousassem, e que pensassem desy, porque ao depois por ventura nom averiam tal vagar; e jazendo jaa d’assecego se levantou tal rumor antr’elles, per que se ouvera de perder todo o trabalho daquela noite; caa se levantou huma cobra grande em meio da gente, pela qual se levantárom per tal guisa, que o Conde temeo muito de serem ouvidos, especialmente porque era muito acerca das Aldêas.”</i>	O Conde D. Pedro ataca outra aldeia.	Coluna de Marcha; Abastecimentos
Conde D. Pedro de Meneses Livro I Capítulo XXVI p. 80	<i>““(...) o Conde meteo a cavalgada toda diante, e a gente de pee em meio, e elle com os de cavallo detrás, hindo dando graças a Deos de sua boa vitoria (...) e foi achado que matarão aquelle dia cento e vinte mouros , e cativároem</i>	Regresso da aldeia mencionada na entrada anterior.	Abastecimento; Coluna de Marcha

	<i>oitenta antre machos, e femeas, grandes, e pequenos, e troverão muitos bois, e vacas e cabras, e asnos, e roupas, e outras cousas taes, como vos a razão ditará, que se acahariam em taes lugares, onde se tomavam tam sem piedade dos contrários.”</i>		
Conde D. Pedro de Meneses Livro I Capítulo XXXI p. 93	<i>“(…) e assy ouve Affonso Garcia aquello começo, no qual achou muito trigo, e cevada, e legumes, com seis cavallos: a qual carrega tomárom em Alcaçar, pera passar á outra parte do Regno de Graada.”</i>	Sobre o que um barco de Mouros que tentou atacar a fusta acabou por “dar” a Afonso Garcia Queirós.	Abastecimento
Conde D. Pedro de Meneses Livro I Capítulo XXXIII, p. 96	<i>“Alli ordenou Affonso Garcia seus lugares, que cada hum aviam de ter depois do aferramente do Navio, e desy fez levar suas amarras, e seguir sua viagem; e como a Lua foi posta em torno de mēa noite, foi diretamente pera a Barca fazendo levar todos os outros remos, afora quatro, que leixou pera guiar a Fusta, porque os mais sentio que fariam arruido, e o mais manso que pôde foi aferrar no meio da Barca; (...)”</i>	Afonso Garcia Queirós ataca uma barca de Mouros e leva o espólio para Ceuta.	Coluna de Marcha
Conde D. Pedro de Meneses Livro I Capítulo XXXIV, pp. 98-99	<i>“(…) e tam desejosos os sentia elle pera sahir, que as cousas, que lhe nom pareciam muy seguras, defendia ao Adail, que lhas nom dissesse, e assy todos os outros, que viviam sob capitania daquele ; caa tanto que as os Fidalgos sabiam, nunca leixavaõ, senaõ que lhes desse licença pera as acabar posto que muy duvidosas fossem, como já disse, e se lho nom queria, como eles desejavaõ, murmuravam antre sy, culpando seu capitão por mais cauteloso do que os cazos requeriam.”</i>	Quando o Conde e os seus atacaram a aldeia de Alvergal.	Cadeia de Comando

<p>Conde D. Pedro de Meneses Livro I Capítulo XXXIV, pp. 98-99</p>	<p><i>“(...) e sobre a noite partio da cidade, metendo suas Escuitas diante, os quaes Martim de Çamora avia de guiar com outros Almogavares, que lhe eram ordenados , e hindo dar cevada ao Castello, onde repousarão algum pouco, até que o Conde vio horas pera partir, em tal guisa que ainda não era de todo manhã, /quando se acharão sobre a Aldea, (...)”</i></p>	<p>Assalto a outra aldeia moura, levado a cabo pelo Conde D. Pedro de Meneses.</p>	<p>Coluna de Marcha</p>
<p>Conde D. Pedro de Meneses Livro I Capítulo XXXVII pp. 110-111</p>	<p><i>“(...) eles assy partidos da Cidade, como jaa dissemos, andaraõ quanto poderom em aquella noite; mas a grande aspereza da terra, e a brenseda da noite naõ consentio, que chegassem sobre as Aldêas, senão parte do dia passado, que o gado era jaa fora dos curraes quando eles chegarão; porem assy como jaa era espalhado, ouvérão trezentas cabeças de gado grande, e quinhentas cabeças d’outro gado miúdo, e assy asnos, e egoas poucas (...) alli acahárão muito pão, e vinho, e legu/mês, e roupa em grande abastança, as quaes cousas todas forom gastadas per fogo; e assy tonárão sem outro impedimento, comoquer que do gado se lhes quizera perder alguma parte pela graveza da fraga, per que aviam de passar, pero acharão por remedio matar aquelle, que se queria afastar da companhia, e assy morto o levar pera a cidade.”</i></p>	<p>Outro ataque levado a cabo pelo Conde D. Pedro e pelos da cidade de Ceuta a uma aldeia muçulmana.</p>	<p>Abastecimento; Coluna de marcha</p>
<p>Conde D. Pedro de Meneses Livro I Capítulo L, pp. 146-147</p>	<p><i>“(...) partio da cidade, e tanto que foi fóra começou de chover, e fazer tormenta, e vento frio tam desordenado, que as gentes so nom sabiam dar a</i></p>	<p>Quando o Conde D. Pedro tentou atacar a aldeia de Alvergal.</p>	<p>Coluna de Marcha</p>

	<p><i>conselho, e sendo em cima do Cannaveal achou muita gente estar queda no caminho aguardando por elle; caa pelo grande escuro, que fazia, não sabiam se hiam errados dos outros; alli mandou o Conde dous de cavallo com eles, e deteve-se hum pouco, até que entendeo, que poderiam hir huma boa peça, e então encaminhou tras eles, os quaes alcançou em cima do Porto em huma covoadá, que alli ha, onde fez fazer sinal a todos que decessem, e que dessem cevada a seus cavallos; caa lhe disserom os Almogavares, que se mais fosse adiante, que poderiam ser sentidos, e depois que alli jouvêraõ huma boa peça, tornou o Conde a/cavalgar, e começou a seguir os outros, e sendo em cima da serra, a guia errou o caminho, e trazia a gente de hum cabo pera o outro, até que foi acerca da manhã: o Conde vendo o enlheamento de sua guia fez estar quedos os de cavallo, e assy os de pee, e fez chamar alguns, que perante elle na cidade fingiraõ muito, que sabiam a terra e perguntou-lhes pelo caminho, e brevemente todosse acháraõ enlheados em elle, e assy estiverom hum grande pedaço, e com ello o vento, e a chuva, e o frio cada vez era maior, em tanto que todo-los de cavallo, e de pee lhe disserom que lhe pediam por mercê que se tornasse (...)</i></p>		
<p>Conde D. Pedro de Meneses Livro I Capítulo LI,</p>	<p><i>“Desy fizeram sua viagem, e quando onde aviam de tomar caminho pera a Aldêa, disserom-lhes os</i></p>	<p>Ataque levado a cabo por homens do Conde D. Pedro a uma aldeia</p>	<p>Coluna de Marcha; Abastecimento; Transporte</p>

pp. 149-150	<p><i>Escudeiros do Conde, que per alli era o caminho, mas Affonso Marques, que elles levavam por guia disse, que o leixassem, que elle sabia outro melhor caminho pera aquella Aldea, ou pera outra, se eles a ella ante quisessem hir: e como os Escudeiros todavia aportiassem sobre a certidão do caminho, nunca foram creúdos, e entãõ passáraõ a agua, que sahe da Alagôa, porque jaa as Barcas alli estavam aguardando, e dês que passarão Affonso Marques tomou seu caminho pela praya até o Castello d'Alminhacar, e dalli os levou acima do lombo da serra pequena, e errou o caminho, e de outeiro em outeiro, e de valle em valle os trouxe, atè que era jaa muy alto dia, em guisa que quando foram perto da Aldeâ foram logo descobertos (...) tomarom cento e oitenta e três cabeças de gado vacaril, e sete asnos com humas poucas de cabras: mas o principal perigo ouvera de ser ao passar da ribeira, a qual parece, que estava chêa, de guisa que a não podiam passar senaõ a nado (...) Ora, disse Lopo Vazques de Portocarreiro, eu quero vêr este porto que jande he; e deu d'esporas a seu cavallo, e meteo-se per entre as vacas, e filhou huma ante sy, e tangeo caminho da ribeira, e quando chegou á agua, bem mostrou aquella vaca, que usava aquella passagem; mas o porto não era como eles pensavaõ, ante começava em fundo, e subia pera cima ao vieis, e era porem alto, e no cabo</i></p>	moura.	
-------------	--	--------	--

	<i>jazia muita madeira, com que os Mouros tinham brancado aquelle porto: Lopo Vasquez chamou os outros, e desy passou primeiro, e tanto que foi fôra da agua, poz-se a pee, e chamou os outros, e despejaram o porto muito asinha, e assy passaraõ todo-los de cavallo, caa os de pee passavam pelas minhoteiras, que hy avia muitas (...)"</i>		
Conde D. Pedro de Meneses Livro I Capítulo LII, pp. 153-154	<i>“O Conde mandou, que lhe fizessem chamar o Adail, e a Affonso Marques pera lhe avisarem de humas Aldeas, que eram sobra Agua de Ramel, e forom-se logo em aquella noite lançar álem do Porto da Calçada (...) Affonso Munhoz_, e outros seis forom presos, mas dès que os Mouros souberom como elle era Adail quizerãno matar, senaõ fora o Alcayde d’Alcacer a que chamao Azaem, que por fazer prazer ao Conde o naõ quis matar (...)”</i>	Quando os portugueses de Ceuta foram atacar outra aldeia.	Cadeia de Comando
Conde D. Pedro de Meneses Livro I Capítulo LVII, pp. 170-171	<i>“(...) que fezerom a Barca em terra, e quebrar em muitos pedaços, do qual os nossos Navios teverom lenha, que lhes abastou em sua cozinha muitos dias (...)”</i>	Uma barca de Mouros. O Conde D. Pedro enviou uma galé e uma fusta a Tagaça, e como lutaram com os Mouros.	Abastecimento
Conde D. Pedro de Meneses Livro I Capítulo LX, pp. 181-182	<i>“(...) prouve a Deos, que sobreveio huma nevoa grossa, e apos ella começou de chover, com o qual o tempo escureceo, de guisa que eles nunca forom vistos, nem sentidos, assy forom dar comsigo na metade da várzea, onde achárom hum fato de vacas, e hum Mouro com ellas “ (...) e foi achado, que arrancárom dalli noventa cabeças de gado vacaril/ entre grande, e pequeno, com o qual se tornarom pera a cidade</i>	Um grupo de fidalgos de Ceuta vai ao Vale Negrão, contra a vontade do Conde D. Pedro.	Coluna de Marcha; Abastecimento

	<i>sem impedimento, e quando chegárom era, jaa andadas bem duas horas da noite; (...)</i>		
Conde D. Pedro de Meneses Livro I Capítulo LXXVI, p. 226	<i>“(...) mandou logo aparelhar dous engenhos, que tirassem pera contra onde as bombardas estavaõ; nem prestou ao Mouros huma grande pavesada, que em sua defensom ordenarom; caa o Mestre dos engenhos do Conde, como homem ensinado naquelle Officio, esguardou bem o geito per onde as pedras começaram de fazer tiro, e mandou que o avisassem do tempo em que se os Mouros aparelhavam pera tirar, e tanto quer a Atalaya vio como se ajuntavam pera poer fogo a bombardas, avisou o Mestre do engenho, o qual enderençou assy seu artificio (...)”</i>	1418 (?). Cerco de Ceuta pelos Mouros.	Cadeia de Comando
Conde D. Pedro de Meneses Livro I Capítulo LXXXI, p. 241	<i>“E porquanto este grande, e excellente Principe, que viera per Capitaõ daquella frota era magnanimo, pareceo-lhe, que porquanto se assy os Mouros vencerom, ante que elle chegasse, que nom fezera nada : e porem tentou de querer filhar a Villa de Gibraltar, pera a qual ordenou artelharias e outros engenhos, de guisa, que em breve foi todo aparelhado (...)”</i>	1418 ou 1419. Depois do segundo cerco de Ceuta, os infantes vieram para auxiliar a cidade durante o cerco. Ficaram três meses.	Armazéns de Armas
Conde D. Pedro de Meneses Livro II Capítulo IX p. 267	<i>“Gonçalo Velho partio dalli com mingoa de bitualha, e tanto estava a Cidade de Cepta em mingoa de mantimento, que lhe conveio dar quinhentos reis por cinco sacos de boroas, e himdo assy dalli pera Callis tomou hum Carevo com treze cavallos, e com outra muita bitualha, nom sem pelêja dos</i>	O que Gonçalo Velho, comendador da Ordem de Cristo, fez contra os Mouros. Parte de “Bellez”.	Abastecimento

	<i>contrarios (...)</i> ”		
Conde D. Pedro de Meneses Livro I Capítulo IX, pp. 268-269	“(…) e certamente que se o Adail nom errara a vereda, o monte fôra tomado, de que Gonçalo Velho foy muito anojado, e quizera matar o Adail, senaõ fôra per alguns requerido pera o contrario dizendo, que se anojariam aquelles Fidalgos por ello; porem mandou-lho preso, que o castigassem: e ficando assy aquelle feito estorvado, tornarom aquelles Fidalgos a fallar outra vez, (...) e acordando-se, que Gonçalo Velho fosse de noite, e que desse em huma parte da Aldea, e que elles viriam da outra, e que assy poderiam estruir os contrários. (...) caa sendo jaa cerca da Aldêa pera onde forom guiados per hum Adail, que lhe derom aquelles fidalgos (...) E seguindo sua viagem, o Adail fez sinal como estavaõ cerca da Povoraçao (...)”	Quando vão atacar uma aldeia e Gonçalo Velho, comendador da Ordem de Cristo, tentou tomar um monte dos Mouros, com relato do que posteriormente aconteceu.	Cadeia de Comando; Coluna de Marcha
Conde D. Pedro de Meneses Livro II Capítulo XVIII, p. 301	“O Conde, que conheceo bem sua tençaõ fallou aos de cavallo, que estavam mais altos da parte da maõ esquerda, que tomassem a dianteira a Alagoa, que he caminho de Bulhões, e Ruy Gomes, que era naquella parte, pôz grande trigança em fazer o que lhe o Conde mandava.”	Quando os de Ceuta saíram em busca de lenha e como os Mouros os atacaram.	Coluna de Marcha
Conde D. Pedro de Meneses Livro II Capítulo XIX p. 305	“Onde avees de saber, que avendo o Conde novas, que as Fustas dos Mouros aviam de hir a hum salto a Castella, e dahy ao Regno do Algarve, fez armar tres Fustas suas, a saber, huma em que hia Andres Martim, e outra, que trazia Alvaro Affonso d’Aguiar, e outra de que era Patraõ Alvaro Fernandes do Cadaval, e per que nom tinha tanto biscoito, que lhes podesse	Após o episódio do ataque dos Mouros, quando saíram fora da cidade para apanhar lenha. Tomam uma grande fusta de Mouros.	Abastecimento

	<i>avondar aquelles dias, que lhes ordenava que lá andassem, mandou a Alvaro, que o fosse comprar a Santa Maria del Porto pera sy, e pera os outros. (...) e porque em Santa Maria nom acharom assy prestes, quem lhes vendesse o biscoito, encarregarom o feito a hum Genoês, e forom-se a Callez (...)</i>		
Conde D. Pedro de Meneses Livro II Capítulo XXII, p. 315	<i>“O Conde vendo como os outros de cavallo seguiam avante acaudelou a gente de pee, e com hum soo de cavallo, ca hy nom avia mais, foi assy até cerca de Aljazira, onde sahirom sobr’elle setenta Mouros de cavallo (...)</i> ”	1429, (véspera de dia de Reis), vieram Mouros a Ceuta e como foram desbaratados.	Coluna de Marcha
Conde D. Pedro de Meneses Livro II Capítulo XXXI, p. 341	<i>“(...) partirom da Cidade, e porque o caminho era muito cerrado do mato, como cousa que nom era uzada, deteve-se Dom Duarte em quanto a gente de pee andou fazendo-o (...)</i> ”	1432 ou 1433 (?), quando assaltam mais uma aldeia.	D. Duarte é o filho do Conde D. Pedro. Coluna de Marcha
Conde D. Pedro de Meneses Livro II Capítulo XXXII, p. 342	<i>“Todos acordarom, que o feito era pera cometer sem nenhum recêo, e que o caminho se fizesse a despeito dos Mouros, e alli acordarom logo o dia em que aviam de partir, avisando Martim de Çamora, e outro que se chamava Visente que levassem certos homens de seu officio, que fossem diante fazendo o caminho em aquelles lugares onde sentisse, que cumpria, hindo Dom Duarte com a outra gente nas costas, pera os amparar dos contratios, se lhes viessem ao encontro; e antre a detença do fazer do caminho, e o espaço, que era grande, da cidade aaquelle lugar que saõ... legoas, despenderom toda a</i>	1434, D. Duarte vai sobre uma aldeia que se chama “Boburim”.	O filho do Conde D. Pedro. Coluna de Marcha

	<i>noite em aquelle trabalho (...)</i> ”		
Conde D. Pedro de Meneses Livro II Capítulo XXXV, p. 353	<i>“Dom Duarte deu logo aviso á gente, como fossem ordenadamente, por nom serem enganados dos imigos: e he este lugar dez legoas de Cepta; e assy foram sem torva, nem pejo duas legoas, que dalli ao Paul, onde jaa estavam todo-los Mouros (...) a passagem ainda pera aquelles, que a sabiam era duvisosa; caa nom podiam os cavallos passar se não nadassem hum pouco. (...) A passagem daquelle Paul, como dissemos, he muy trabalhosa, porque afôra hum soo porto, que hy há, o al he todo arêa cega misturada com lama, da qual poucas animalias podem sahir. Dom Duarte como vio a gente de pee recolhida, ordenou alguns daqueles, que tinham melhores cavallos, que tomassem a dianteira.”</i>	Quando o filho do Conde D. Pedro vai atacar Tetuão.	Transporte; Coluna de Marcha
Conde D. Pedro de Meneses Livro II Capítulo XXXVII, p. 360	<i>“(...) e mandáraõ trezentos homens de pee nas Barcas ao Castello d’Alminhacar, e esto faziam porque a gente de pee nom poderia suportar tanto caminho per terra. Partio Dom Duarte, e duzentos e dez de cavallo com elle, e jaa quando chegarom ao porto do maar, acharom a gente de pee fôra das Barcas, que lhes foi grande aviamento pera fazerem melhor seus feitos, e se nom deterem.”</i>	1436, D. Duarte vai contra outra aldeia de Mouros.	Coluna de Marcha
Conde D. Pedro de Meneses Livro II Capítulo XXXVII, p. 362	<i>“Dom Duarte fez trigar os que corriam a terra, que fossem recolhendo seu gado, porque nom achassem embargo no porto, e forom arrincadas do campo novecentas e vinte cabeças de gado grande, e quarenta asnos, e cinco bestas cavallares, e</i>	1436, ataque a uma aldeia, levado a cabo pelo filho do Conde D. Pedro, D. Duarte de Meneses.	Abastecimento; Coluna de Marcha

		<i>cincoenta e duas almas. E porque Dom Duarte vio como se os Mouros todos hiam ao porto fez trigar aos dianteiros, que se fossem ao váo, e fez passar a cavalgada com muito boa ordenança, e foi assy hindo até acerca do porto (...)</i>		
Condestabre de Portugal Capítulo IX p. 18		<i>“E hy ouuerõ cõselho: sobre a meneira q auia de ter e auido seu cõselho ordenarõ sua hyda em esta guisa. Repartirã certos senhores e capitaães que levassem a vanguarda. E com eles na vanguarda hya Nuno Aluarez: e outros senhores e capitaães com çerta gente a que foy dado carrego da rreguarda: e Gõçallo Vaaz dAzevedo hya com eles. E porque entenderom que ainda poderiam hijr sem empacho dos ymiigos ataa Eluas. Hordenarom que todollos homeês de pee e carriagem da hoste fossem pollo caminho direyto ante a uãguarda: e em vista della regidos e conçertados pera qualquer cousa que acõtecesse.”</i>	Durante o reinado de D. Fernando, quando se dirigem para pôr batalha ao Mestre Fernando Açores, que estava em Badajoz.	Coluna de Marcha; cadeia de Comando
Condestabre de Portugal Capítulo XII p. 28		<i>“ (...) e logo ã outro dia bem cedo cavalgou Nunalvarez: e se foy cõ eles lâçar em cilada aa pôte dAlcãtara que he allẽ do mosteiro de Sãtos de cõtra Restello. Cubrĩdose elle e os seus o melhor q podia dos vallados das vinhas: e ãtre barrãcos que hy auia muytos: e de penedos que estauã cõtra a rribeyra por nõ serẽ vistos dos da frota.”</i>	Durante o reinado de D. Fernando, Pedro Álvares é feito fronteiro em Lisboa, e com ele estavam os seus irmãos. Estava aí também uma frota castelhana. (Guerras fernandinas).	Coluna de Marcha
Condestabre de Portugal Capítulo XVIII p. 45		<i>“ E Nunalvarez foy esse dia dormir a Aluerca: temẽdose muyto de o a raynha mandarprehender ao caminho: tendo elle falado cõ seus escudeiros q se se algũa cousa recrecesse q</i>	1383, após a morte do Conde d’Andeiro. Quando Nuno Álvares estava a caminho de Lisboa para ir ter com o Mestre.	Acampamentos

		<i>todavia ante todos fossem mortos que presos. E aquella noyte nunca forom desarmados nem as bestas deseelladas.”</i>		
Condestabre de Portugal Capítulo XXIII p. 53		<i>“E depouys ouue conselho de o nom fazer: por que era cousa muy duvidosa hijr em barcas que nõ pode leuar tãta jeente pera pellejar com elRey de Castella: nem ajnda chegar senom a Mũja: porque augua do Tejo era pouca.”</i>	1384, do conselho que Nuno Álvares teve com o Mestre sobre ir em barcas pelejar com o Rei de Castela, que estava em Santarém.	Transporte
Condestabre de Portugal Capítulo XXVIII pp. 63-64		<i>“ Nõ o quizerã receber na uilla: nem tam somente que entrasse dẽtro. E elle veẽdo suas teençoões e seu acolhimẽto tornou-se ao arrualde: e hy se alojou com sua gente que leuaua. (...) mandou de noyte poer suas guardas e escuytas de contra Palmela: huũa legoa da parte donde vem o caminho de Santarem pera Ribatejo (...) das quaes guardas e escuytas deu carrego pera as poer e reqrer a huũ escudeiro a que chamauã Lourenço Fernãdez de Beja. E jazendo Nunalvarez de noyte dormjndo em sua pousada no arrualde chegou a elle muy rijgo Lourenço Fernãdez, que das guardas e escuytas tinha carrego. E disse a Nunalvarez que se percebesse logo a pressa, ca fosse certo que a elle vinha pollo caminho de Santarẽ Pedro Exarmento com trezentas lanças afirmando q elle vijra os fogos do lugar hõde jaziã alojados. (...) E mandou logo dar as suas trombetas: e suas jeentes forom logo jũtas com elle todos armados e prestes já em amanhecẽdo. E logo Nunalurez partijo cõ sua gente: e tãto que sayo do</i>	1384, como Nuno Álvares chegou a Setúbal. Pouco antes antes da batalha de Atoleiros.	Acampamento; Coluna de Marcha

	<i>arraualde regeo sua gente e a pos em batalha per ordenança como deuia (...) E sendo já alto dia vierõ nouas çertas que nom era nada: e que os fogos q Lourenço Fernãdez vija eram da dalmocreues q jazia em hũ muj grãde ualle ã sua mejoada.”</i>		
Condestabre de Portugal Capítulo XXVIII p. 64	<i>“E com esta gente se partio logo dEvora: e se foy a Estremoz, e hy lhe veo logo recado certo: q aquelles señores e geẽte de Castella: porq o mestre mãdara a Nunalvarez estauã no Crato: e que era muyta gente e muyto bẽ corrigida. E como Nunalvarez tall recado ouue. E porq poussaua no arraualde e tinha pouca gente. Mandou logo apalancar o arraualde pera seer ouuido se a elle algũa gente de noyte viesse.”</i>	1384, antes da batalha de Atoleiros.	Acampamento
Condestabre de Portugal Capítulo XXVIII p. 68	<i>“E se partio com todos caminho de Frõteira pera honde os castellaãos auia de vija. E hindo seu caminho mandou diante seus ginetes a descobrir terra: por auerem nouas dos castellaãos honde ja eram.”</i>	1384, imediatamente antes da batalha de Atoleiros.	Coluna de Marcha
Condestabre de Portugal Capítulo XXXI pp. 77-78	<i>“E ante que se asentasse a comer: mandou poer a tyro de beesta e mais em certos outeyros suas atalayas que nom podessem per a estrada passar nenhũa gente de que elie parte nom soubesse. Porq elle auia por costume nunca se alojar em logar de dia que nõ teuesse atalayas. E se era de noyte guardas e escuytas.”</i>	1384, quando Nuno Álvares se dirige para o Alentejo, tendo partido de Constância, e do que acontece.	Acampamentos
Condestabre de Portugal Capítulo XXXIV pp. 82-83	<i>“ E de feito logo partio dElvas com sua hoste: e andou esse dia sete legoas e foise alojar a hũa fonte que chamam da Figueyra: que esta no Cabo do</i>	1384, Nuno Álvares a caminho de Elvas. Durante o cerco de Lisboa por Castela.	Acampamentos; Coluna de Marcha; Abastecimento

	<p><i>Reguengo do Amexial dEstremoz caminho do Cano. E mãdou de noyte poer suas guardas e escuytas segundo auia de custume. E sendo já alto seraão huũas. XXX. lanças de sua companhia se alongarom do alojamento adiante contra o Cano por suas bastas passarẽ melhor (...) levarõ consigo huũa trõpeta (...) E quãdo veu aa mea noyte aqlla trõpeta começou de tâger: e foy ouuida no alojamẽto honde Nunalvarez jazia. E cuydarõ q erã os castelhanos q hia buscar (...) E como lhe foy dito que era tornousse a seu alojamento. Porem que defendeo que de hy em diante nom fosse nenhuũ tam ousado que de noyte se assy apartasse da oste. (...) E tornousse Nunalvarez dormir ao Cano: honde foram bem pensados de figos: porq outro mantimento nom avia hy. Ca no Cano nom morava nenhuũ nem eles nõ traziam mantimẽto. ”</i></p>		
<p>Condestabre de Portugal Capítulo XXXIV pp. 84-86</p>	<p><i>“E sua geẽte beueo a pee: ou como melhor poderom: e foram com elle jũtos e partyo logo: e foram alojar huũa legoa: dEuora a huũa quinta a q chamã Oliueyra. E entom comera Nunalvarez de boõ tallante se o teuera: mas nom o tinha nem leuaua azemellas nenhũas: e buscaronlhe alguũa cousa de comer per a companhia; e nom lhe acharõ outra cousa senom huũ pã e ajnda ençetado e huũ pequeno de rabom e hũ pouco de vinho que huũ piom leuaua em hũa cabacinha. E estas foram as iguarias que Nunalvarez por aql dia todo ouue e</i></p>	<p>1384, episódio no qual Nuno Álvares passa fome, por estar a espera de pôr batalha aos castelhanos, na região de Évora.</p>	<p>Abastecimento; Acampamentos</p>

		<i>nom outras. (...) E per esta guissa durou Nunalvarez fora da cidade dEvora dous dias e huia noyte sem mantimento nenhuã que consigo levasse (...)</i>		
Condestabre de Portugal Capítulo XXXIV p.86		<i>“E Nunalvarez se tornou a Euora muy de noyte a dormir: com entençõ de em outro dia tornar aa batalha: se lha quisessem dar. E a parte dos seus com cansaçõ do trabalho que aquelle dia ouerã:e por mingua dos mantimentos que nom tinham: e por seer ja muy alta noyte ficarom dormijndo per as vinhas.(...) E daqueles que pelas vinhas ficarom dormijndo pêsando elle que consigo os trazia todos: ante sy forom delles presos e alguis mortos dos castellaõs q os achauam pellas vinhas (...)</i> ”	1384, episódio no qual Nuno Álvares passa fome, por estar a espera de pôr batalha aos castelhanos.	Coluna de Marcha
Condestabre de Portugal Capítulo XXXV p. 89		<i>“E hordenou de partir aa noyte de Palmela: e hijr fora da estrada desuiado per a charneca: e que fosse a alua rompente em Almadaa; e de feyto asy partyo aa noyte: e por as guias nom serem çertas no caminho que leuaua: e por outros embargos que se seguiram: nom pode chegar aas oras que cuydaua: e sayndo o sol chegou a huã lugar que chamã o Souereda que he a cerca de hãa legoa dAlmadaa.”</i>	1384, como Nuno Álvares se perde de noite a caminho de Almada, ainda o cerco castelhano a Lisboa decorria.	Coluna de Marcha
Condestabre de Portugal Capítulo XL p. 100		<i>“(...) e mandoua aquella mesma noyte: q se fossem ao caminho per honde aquiã de leuar Alvaro Coytado. E acerca da mea noyte chegando os castellaõs com Alvaro Coytado: hõde os de Nunalvarez estauam em guarda.”</i>	1384, quando Nuno Álvares libertou Álvaro Coitado dos castelhanos.	Coluna de Marcha
Condestabre de Portugal Capítulo XLIII p. 106		<i>“E sayndo per huia porta da cidade que chamã do Oliuall: per hõde o Condeestabre sayra</i>	1385/1386, quando Nuno Álvares vai em romaria a Santiago da Galiza,	Transporte

		<i>aazemella com a cama cayo morta em terra (...) E mandou que posessem a cama em outra besta e se fossem apos elle.</i>	pensando também em tomar algumas terras que ainda tinham voz por Castela. D. João I já é rei.	
Condestabre de Portugal Capítulo XLIV p. 109		<i>“ E himdo seu caminho chegou ao ryo do Minho. E por nom poder passar se apousentou em hũa aldea muy bẽ assentada acerca do Minho em hũa ladeira.”</i>	Quando Nuno Álvares ia a caminho de Santiago.	Transporte
Condestabre de Portugal Capítulo XLVI p. 110		<i>“Estãdo o Condestabre na aldea honde se alojara ajunto cõ o Minho era muy cuidadoso porque o ryo hya muy cheo que o nõ podiã passar. E teue seu conselho da maneyra que auia de teer. E em conselho os eram que fizessem almadias em que passassem: e os cavallos a nado.”</i>	Nuno Álvares está no Minho a tentar atravessar o rio, quando D. João I o chama.	Transporte
Condestabre de Portugal Capítulo XLVIII p. 114		<i>“ E dally se partio elRey e ho Condeestabre com sua jeẽte rregida pera acerca de Muja passaram outra vez o Tejo contra a estrada q vay pera Lixboa: e pousarom em hũ pomar em q nom auia fruhta nenhuã. E em todo arrahal era grãde mingua de mantimentos. E em tanto que deziam q em todo o arrajall nõ auia senõ huũ pam: saluo se o elrey leuaua ou ho Cõdeestabre. E seẽdo o Cõdeestabre comendo tẽdo cinco paães na mesa que na sua caquitaria nõ auia mais. Chegarom a elle cinco caualleiros jingreses: dizendo que morriam de fame: e que queriã cõ elle beuer (...) e comerõ e beuerõ duas vezes: e forõse. E assy nom ficou ao Condeestabre pã nenhuĩ: nẽ o comeo aaquelle comer senom carne sem pam: e esto com gram sabor.”</i>	1385, quando D. João I soube que o rei de Castela se preparava para invadir Portugal.	Abastecimento
Condestabre de		<i>“ E em outro dia se partio</i>	1385, D. João I	Acampamentos

Portugal Capítulo XLIX p. 115	<i>o Condeestabre de Muja: e se foy dormir aalem de saluatterra: e mandou de noyte poer suas guardas e escuitas como auia costume: por nom receber engano dos castellaños.</i>	envia Nuno Álvares buscar gentes para a batalha.	
Condestabre de Portugal Capítulo LI p. 121	<i>“E todo esto concertado: elrey partyo de Tomar, e o Condestabre ante elle que leuaua a uanguardia: e elrey a rreguarda: e tambem as allas cõ as jeentes que fora hordenado. E assy partirom todos em rrigimento huñ dia de sesta feira: e se forõ a Ourem. E quando elrey chegou com a rreguarda o Condeestabre que fora com a vanguardia diante tinha tomado e assinado alojamêto pera a oste ao pee da villa dOurem de cõtra Atouguia das cabras, (...)”</i>	1385, antes da Batalha de Aljubarrota.	Coluna de Marcha; Acampamentos
Condestabre de Portugal Capítulo LIII p. 130	<i>“ E dally se foy o Condestabre ao Almêdral a dormir: e aqlla noyte foy grãde volta âtre a gête do arrayal polos muytos vinhos q hy acharõ: polla qual cousa o Cõdestabre foy em grãde cuydado e lhe pesou muyto. E em outro dia seguinte naqle mesmo logar o Condeestabre cõçertou suas batalhas da uãguarda e reguarda e allas .s. elle na auãguarda cõ çerta gête: e o priol do sprital dô Alvaro Gõçaluez camelo e Gõçalleañes dAbreu: e outros caualleyros cõ çerta gente na reguarda: e em cada hũa das allas certos caualleyros com çerta geente pera hyrem regidos pera qualquer cousa que lhe viesse.”</i>	Numa das entradas de Nuno Álvares por Castela.	Acampamentos; Abastecimento; Coluna de Marcha
Condestabre de Portugal Capítulo LIV pp. 135-136	<i>“E como o condestabre tal cousa vio conçertou sua auanguardia e rreguarda: e asy as allas: e na metade dellas fez pooer toda a</i>	1385, a caminho de Valverde, antes da batalha de meados de outubro.	Coluna de Marcha

		<p><i>carriagem da oste: e muytos prisoueiros e gaados que ja traziam. E esto assy conçertado com sua auanguarda com a graça de Deos passou aquelle mão porto aallem apesar dos castellaãos: e tornou polla rreguarda e allas: e polla carriagem e prisoueyros: e gaados que nom ficou nenhũa cousa que nom fizesse passar: fazendo leyxar aos castellaãos o posto maaõ seu grado. (...) Ho Condeestabre com sua auanguarda e bandeyra emcaminhou pera huũ cabeça que ante elle estaua (...)</i>"</p>		
<p>Condestabre de Portugal Capítulo LIV p. 137-138</p>	<p>de</p>	<p><i>"E vio que estaua em grande pressa por que a gente dos castellaãos que detras eram: que erã asaz de muytos os seguiam e afficauam. E quando esto vyo mãdou a gente da sua auãguarda q esteuessem quedos: e cõ eles a sua bãdeira: ataa que elle fosse rrecolher a rreguarda e allas: e carriagem: e gaados: e prissoeiros que traziam. E de feyto leixou ally a bandeira e a uanguarda: e se foy a rreguarda : e allas: e carriagem: e fez todo abalar por diãte. (...) E estado o Cõdeestabre em este fazer que nom era mujto viçosso oolhou por detrás e vyo que a rreguarda q era já em muyto mayor trabalho q da primeira vez: em tão que lhe parecia q de todo era desbaratada: por aqual razõ lhe foy forçado de cessar da obra em q estaua: e foyse outra vez aa rreguarda. E leixãdo ally naquele lugar a bãdeyra e a vãguarda (...) E quando já</i></p>	<p>1385, Antes da batalha de Valverde.</p>	<p>Coluna de Marcha</p>

		<i>hy chegou achou toda a jeente que hyã na auãguarda que estauam assentados: e com muy pouco esforço do que lhe muyto pesou.”</i>		
Condestabre de Portugal Capítulo LIV p. 139		<i>“E daqui se partio o Condeestabre em outro dia pera Eluas: e leixou sua auanguardia e tornousse aa reguarda: e foy sempre com ella: tendo q os castillaãos quisessem mais fazer algũa cousa.”</i>	1385, após a batalha de Valverde, no regresso a Portugal.	Coluna de Marcha
Condestabre de Portugal Capítulo LVI pp. 144-145		<i>“E daqui partyo o Condeestabre e se foy a outro lugar q chamã a Rreboreda: e a noyte q hy chegou forõ tantas chuuas e tempestades e tam fortes em toda a noyte que quebrou o esteo da tẽda hõde o Cõdeestabre jazia q cuydou que era morto. (...) E daqui mãdou o Cõdeestabre certas gẽtes a fforagem a vall dArrego que era terra de mujtos vinhos de q o arrayall era muy minguido.”</i>	1386, D. João I organiza uma entrada por Castela, para cercar Coria.	Acampamentos; Abastecimento
Condestabre de Portugal Capítulo LVII p. 148		<i>“E elrey entrou per Castella: leuando o Condeestabre aa vẽguarda: e com elle o Prioll do espitall. (...) e de Benauẽte se partio elrey com sua hoste: leuando o Condeestabre aa vanguardia (...)”</i>	1387, quando D. João I entra por Castela com o Duque de Lencastre.	Coluna de Marcha
Condestabre de Portugal Capítulo LIX p. 152		<i>“E como qr q o Cõdeestabre consigo nõ teuesse senõ muyto pouca gente nõ quis aguardar a gente da frõtaria: mas partiusse logo de Mõsaraz esse dia aa noyte nõ leuando cõsigo senõ .LXXX. lãças: e muy poucos homẽs de pee e beesteiros: e andou toda a noyte. E ante q chegase a Villa Nova huũ espaço: mandou diante saber se se vellauã e roldauã aqlla gente q já hy era cõ o roubo.”</i>	Como Nuno Álvares foi contra o Mestre de Santiago de Castela.	Coluna de Marcha

Condestabre de Portugal Capítulo LXII p. 157	<i>“(...) e elle alojado e suas guardas e escuytas postas no arrayall já muy de noyte lhe veeo recado q o Mestre soubera parte de sua hyda e q se tornara logo pera Alcâtara das quaes nouas o Condeestabre e sua gête forõ anojados e muy quebrãtados.”</i>	Quando o Mestre de Alcântara entra pela Beira e do que Nuno Álvares faz.	Acampamentos
Condestabre de Portugal Capítulo LXV p. 163	<i>“(...) partio logo de Coimbra e o Cõdeestabre cõ elle: e passarom o Tejo a sob Punhete por hijr per a ponte de barcas q elrey hy mandara fazer, em a qual pasajem o Condestabre aquelle dya leou muy gram trabalho porq nũca da Ponte foy partido andando de hũa parte a outra fazendo passar toda carriagem que era maa de passar pella ponte: do qual trabalho a noyte seguinte o Condestabre foy muyto sijntido, e dally se partyo elrey cõ sua hoste, e o Condeestabre com elle.”</i>	A hoste dirigia-se para o Alentejo porque o Mestre de Santiago de Castela andava por essas terras a roubar.	Transporte
Condestabre de Portugal Capítulo LXV p. 164	<i>“ E essa noyte seguinte seẽdo ja muyto alta noyte: mãdou elRey chamar o Condeestabre que ja jazia dormindo em sua teenda: e elle se leuntou logo e se foy logo honde elRey pousaua: q era de hy hũ grãde pedaço e elRey lhe disse e mostrou alguũs recados (...)”</i>	Depois de o Mestre de Santiago voltar para Castela, em Arraiolos, o prior do Hospital e Marechal da hoste foi preso.	Acampamentos
Condestabre de Portugal Capítulo LXVI pp. 165-166	<i>“E o alardo feito o Condeestabre concertou sua gente: e como auya de hijr .s. elle na auanguardia com çerta gente: e o Meestre na rreguarda com outra certa gente. E de hy mandou certa gente de cavallo em duas partes q se fossem correr deãte toda a terra de Caçeres, e alẽ de caçeres tomar gaados e prisoueiros. (...) e foy esse dya alojar e dormir acerca</i>	Nuno Álvares entra por Castela.	Acampamentos; Coluna de marcha; Abastecimento

		<i>de hũ lugar q chamã Alboquerq que he huũa ribeyra muyto fria: porque era no mês de dezẽbro honde toda a gente padeçerom muyto cõ o destemperado frio toda a noyte. (...) E este dia despoys de comer se partyoo Conde de Caçeres caminho dell Rroy dell Porco: e foy aquella noyte alojar e dormir em huũ souerall (...)</i>		
Condestabre de Portugal Capítulo LXI p. 168		<i>“ E em outro dia chegou o Condeestabre com sua hoste a Rroyo del Porco: hõde todollos da hoste acharõ asaz de mantimẽtos: e forom hy muy viçosos. E hi vierom todollos q forom a correr aas Garromilhas cõ seu roubo de muytos prisoueyros e muytos gaados.”</i>	Entrada de Nuno Álvares por Castela.	Abastecimento
Condestabre de Portugal Capítulo LXVIII pp. 176-177		<i>““ E o primeiro dya foy alojar com sua hoste a Odyana hõde esteue huũa noyte e hũ dia. (...) E aqui repartyo suas batalhas e como auiã de hijr .s. elle na auãguarda: e cõ elle o teente dom Lourençe Estêz de Goyõs cõ certa gête. E o Meestre de Santiago na reguarda. E o almirante cõ certa gête em huũa das allas. E Marty Afonso de Meello cõ outros capitaães e certa gête ã na outra alla. E asy cõ sua ordenãça leuou caminho pera Castella per aqlla comarca onde o Meestre estava porque a jeente dos castellaãos era muyta pella terra vinhõ muytos olhar a oste de lõge e punhã muytos fogos per toda a terra por tolher os mantimẽtos. (...) e como o Cõdestabre chegou e se o arrayall começou de assentar: a gête da hoste começou de arramar e segar deses paaês q hy</i>	Nuno Álvares entra em Castela para ir contra o Mestre de Santiago.	Abastecimento; Acampamentos; Coluna de Marcha; Cadeia de Comando

	<i>estauã. (...)E ante que o Condestabre comesse: sendo assentado em hũr almafreixe armado como vinha de caminho emquanto lhe faziã de comer e lhe armauã as teẽdas: chegou a elle huũ trõpeta do Meestre da Santiago de Castella (...)</i>		
Condestabre de Portugal Capítulo LXVIII p. 179	<i>“ Aquelle dya sendo já o Cõdestabre com sua hoste apousentado em Çaffra se recrece no arrayall muy grande arroydo a hũa polos muytos e boõs vinhos q as gentes hy acharõ.”</i>	Entrada de Nuno Álvares por Castela.	Abastecimento
Condestabre de Portugal Capítulo LXXIV pp. 195-197	<i>“E de hy forõ juntos ataa Alcãtara leuãdo o Cõdestabre aa uãguarda: e elrey a rreguarda, e estãdo ja elrey sobre Alcãtara: era grande mingoa de mantimentos no arrayall. E elrey teue cõselho quẽ mãdaria afforajem por mantimentos e todos rrefussavã de hijr lla, por q a jeente dos castellaaõs era muyta darredor pollo comarca q acodyã ao cerco. (...) e trazia muytos prisoueyros: e muytos gaados,(...) e elle ficou naquella rrybeira de Boteja cõ seu arrayall. (...) E sua bandeyra fora: e as trõpetas soauam rrijgamente. E forõ logo jũtos todos do arrayall aa sua tenda. E hy concertou que ficasse çerta gẽte por guarda do arrayal: e foy hũa legoa e mea ataa q chegou ao teẽte q vinha cõ muy grãde roubo (...) E o Conde partio logo. E chegou a Alcantara cõ muytos prisoueiros. E muy muytos gaados: e outros mãtjmeõs cõ que os do arrayall forom muy ledos (...)</i>	1401, cerco de Alcãtara, por D. João I. Nuno Álvares parte em busca de mantimentos para a hoste	Abastecimento; Coluna de marcha; Acampamentos